



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Formação de Professores e Humanidades
Bacharelado em Teologia

Sérgio Ferreira Wanderley

TEOLOGIA E FIM DA VIDA:

Uma abordagem da ação pastoral em contexto de morte e sofrimento.

GOIÂNIA

2025

SÉRGIO FERREIRA WANDERLEY

TEOLOGIA E FIM DE VIDA:

Uma abordagem da ação pastoral em contexto de morte e sofrimento.

Monografia apresentada ao Curso de Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Teologia.

Orientador: Dr. Pe. Cristiano Faria dos Santos

GOIÂNIA

2025

A minha esposa
Fernanda Mota de Paiva e Wanderley
In memoriam

AGRADECIMENTOS

Aos professores de Curso de Teologia

Ao orientador Dr. Pe Cristiano Faria dos Santos

Aos padres José Luiz de Castro e Mauro Francisco dos Santos e ao Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro pelo inestimável apoio que deles recebi mediante a disponibilização de obras de seus acervos pessoais e dos de suas paróquias, obras que muito contribuíram para os estudos que resultaram neste trabalho.

Aos seminaristas, meus colegas, pelo carinho com que me acolheram em seu meio.

À minha mãe, Maria do Socorro Wanderley (*in memoriam*), a meus filhos Renato de Paiva Wanderley e Alessandra de Paiva Wanderley e a meu neto Miguel Pereira Wanderley, pelo total e incondicional apoio que deles recebi ao longo de todo o processo formativo.

Minha morte nasceu quando eu nasci
Despertou, balbuciou, cresceu comigo
E dançamos de roda ao luar amigo
Na pequena rua em que vivi

Já não tem mais aquele jeito amigo
De rir que, ai de mim, também perdi
Mas inda agora a estou sentindo aqui,
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:

Tu que és minha doce prometida,
Nem sei quando serão nossas bodas,
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...

E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
Mas é tão bom, em meio às horas todas,
Pensar em ti... saber que tu existes!

MÁRIO QUINTANA

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o sentido cristão da morte e o papel pastoral e litúrgico das exéquias na experiência do luto. A partir de uma leitura teológica e antropológica, busca-se compreender a morte não como fim, mas como passagem e mistério pascal, no qual a vida humana é assumida e transfigurada por Cristo. Examina-se o desenvolvimento da compreensão da morte desde o mundo antigo até a fé cristã, ressaltando o sepultamento como expressão de esperança na ressurreição. Analisa-se o *Ordo Exsequiarum* e o *Missal Romano*, destacando a centralidade da Palavra, da Eucaristia e dos símbolos pascais na liturgia fúnebre. O estudo também considera desafios contemporâneos à pastoral da morte - como o suicídio, a morte perinatal e os funerais de caixão fechado -, que exigem escuta, misericórdia e adaptação ritual. Conclui-se que a celebração das exéquias é lugar de encontro entre a dor humana e a misericórdia divina, sinal de comunhão entre vivos e mortos, e testemunho da fé na vitória da vida sobre a morte. Nela, a Igreja anuncia que, em Cristo, o amor é mais forte do que a morte e que o luto pode tornar-se caminho de esperança e redenção.

Palavras-chave: morte; luto; exéquias; liturgia; esperança; pastoral.

ABSTRACT

This study reflects on the Christian meaning of death and on the pastoral and liturgical role of funeral rites in the experience of mourning. From a theological and anthropological perspective, it seeks to understand death not as an end, but as a passage and a paschal mystery in which human life is assumed and transfigured in Christ. It examines the evolution of the understanding of death from ancient civilizations to Christian faith, emphasizing burial as an expression of hope in the resurrection. The *Ordo Exsequiarum* and the *Roman Missal* are analyzed, highlighting the centrality of the Word, the Eucharist, and paschal symbols in funeral liturgy. The study also addresses contemporary pastoral challenges such as suicide, perinatal death, and closed-casket funerals, which demand listening, compassion, and ritual adaptation. It concludes that the Christian funeral is a meeting place between human grief and divine mercy, a sign of communion between the living and the dead, and a testimony of faith in the victory of life over death. In it, the Church proclaims that, in Christ, love is stronger than death, and that mourning can become a path of hope and redemption.

Keywords: death; mourning; funeral rites; liturgy; hope; pastoral care.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – A MORTE	12
1.1 Da morte à crença na ressurreição segundo o Antigo Testamento	15
1.2 A relação do homem com a morte	23
CAPÍTULO II – O LUTO	30
2.1 O cérebro de luto	35
2.2 Velório de caixão fechado	38
2.3 A morte súbita	40
2.4 Suicídio	41
2.5 A morte perinatal	44
2.6 A morte de um filho	47
2.7 A morte esperada	49
CAPÍTULO III – AS EXÉQUIAS.....	53
3.1 Espaço e rito	56
3.2 Exéquias	58
3.3 A celebração cristã da morte	60
3.4 A pastoralidade das exéquias e a liberdade do ministro	63
CONCLUSÃO	66
ANEXO	71
SIGLÁRIO	90
BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

“Não chores se me amas: se conhecesses o dom de Deus e o que é o Céu, sorririas ao recordar-me.”

Santo Agostinho, Sermão 172

Desde os primórdios da humanidade, a morte interpela o ser humano como um dos maiores enigmas da existência. Nenhum povo permaneceu indiferente a ela: ora entendida como travessia da alma rumo a outra existência, ora como a separação definitiva entre corpo e espírito, ela sempre suscitou medo, fascínio, ritos e esperança. No horizonte bíblico, a morte aparece como consequência da fragilidade humana, mas também como ocasião em que a justiça e a misericórdia divinas se manifestam. Com o cristianismo, essa experiência universal recebe uma interpretação radicalmente nova: a morte deixa de ser o fim absoluto e torna-se passagem pascal, participação no mistério da morte e ressurreição de Cristo.

Ao longo da história, a maneira de lidar com a morte sofreu profundas transformações. Em tempos antigos e medievais, o morrer era um acontecimento comunitário, vivido à vista de todos e acompanhado por gestos simbólicos compartilhados. Nas sociedades modernas e urbanas, contudo, a morte foi progressivamente ocultada, confinada aos hospitais e separada da vida cotidiana. Essa mudança trouxe efeitos profundos tanto na compreensão da finitude quanto na vivência do luto. Quando a morte é escondida, o luto também se torna proibido: falta tempo e espaço para chorar, recordar e elaborar a perda.

O luto, entretanto, permanece como dimensão constitutiva da existência humana. Ele nasce da força do vínculo, e não de sua negação. Quando alguém parte, a vida afetiva precisa se reorganizar. Essa reconstrução é muitas vezes lenta, dolorosa e exige acolhimento. No horizonte cristão, essa dor não é vista como derrota, mas como caminho de amadurecimento e de encontro com Deus. O sofrimento pode ser transfigurado em esperança quando é iluminado pela fé pascal: a dor humana torna-se participação no mistério da cruz, lugar onde Deus se faz solidário com o sofrimento dos homens.

É a partir desse encontro entre dor e esperança que surge o rito cristão das exéquias. A Igreja, ao celebrar seus mortos, proclama a vitória da vida sobre a morte e confia o falecido à misericórdia divina. Ao mesmo tempo, oferece consolo aos que choram, sustentando-os com a certeza de que o amor de Deus não abandona ninguém, nem mesmo diante da morte. Cada gesto

do rito - a luz, a água, a oração - expressa a fé na comunhão dos santos e na ressurreição da carne.

Hoje, porém, novas circunstâncias exigem uma renovada sensibilidade pastoral: mortes súbitas ou violentas, suicídios, lutos sem despedida, funerais de caixão fechado, perdas perinatais e a morte de crianças ou jovens colocam desafios inéditos para quem sofre e para quem acompanha. Em tais situações, além da dor natural da perda, surgem o silêncio, o estigma e a dificuldade de encontrar sentido. A Igreja é chamada a estar ainda mais próxima, com atitudes de escuta, presença e misericórdia.

Diante disso, compreender a morte à luz da fé cristã exige uma abordagem que una teologia, liturgia e pastoral, considerando não apenas o mistério da existência, mas também as circunstâncias concretas da vida. Este trabalho organiza-se, portanto, em três eixos complementares - morte, luto e exéquias - que se iluminam mutuamente e ajudam a articular a fé no Ressuscitado com o cuidado humano diante da dor.

No Capítulo I, propõe-se uma reflexão sobre a morte. Parte-se da evolução do pensamento bíblico sobre a finitude e a esperança na ressurreição, para depois observar como diferentes culturas e épocas viveram a morte, mostrando as transformações que influenciam também a vida cristã hoje.

No Capítulo II, aborda-se o luto em suas diversas expressões. A partir da neurociência observa-se o cérebro de luto. Situações como a morte súbita, o velório de caixão fechado, o suicídio, a morte perinatal, a morte de um filho ou a morte esperada são analisadas sob perspectiva humana e pastoral. O objetivo é reconhecer que, embora o luto seja comum a todos, cada perda possui uma gramática própria que precisa ser ouvida e amparada.

No Capítulo III, reflete-se sobre o rito das exéquias como celebração cristã da morte. Serão apresentados os elementos essenciais do rito, o significado dos espaços celebrativos e a dimensão pastoral que permite ao ministro exercer prudente liberdade para responder às diferentes realidades humanas, sempre com atenção às necessidades espirituais dos enlutados.

Por fim, em anexo, são oferecidos três modelos celebrativos para situações específicas: exéquias de falecido por morte natural, de criança recém-nascida e de falecido por suicídio. Esses roteiros concretizam a reflexão proposta ao longo do trabalho, auxiliando ministros e comunidades a celebrar a fé cristã com sensibilidade, verdade e esperança.

A pesquisa que fundamenta este estudo foi construída a partir de múltiplas fontes que se complementam: uma leitura cuidadosa das Sagradas Escrituras, o testemunho doutrinal e espiritual dos Padres da Igreja, os ensinamentos do Magistério ao longo dos séculos e a

contribuição de teólogos e filósofos que refletiram sobre o mistério da existência, do sofrimento e da morte. Essa base teológica é ampliada pelo diálogo com a psicologia, a psicanálise e a neurociência, cujas investigações sobre o luto, os vínculos afetivos, os mecanismos cerebrais da perda e os processos de adaptação emocional oferecem elementos fundamentais para compreender o sofrimento humano em sua densidade integral. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter bibliográfico e interdisciplinar, que, ao integrar fontes da fé e das ciências humanas, busca iluminar a ação pastoral com rigor e sensibilidade.

O caminho aqui proposto pretende ajudar o leitor a reconhecer que, mesmo ferida pela morte, a vida não perde seu valor. O luto pode se tornar caminho de transformação quando encontra acolhimento e esperança. E as exéquias cristãs são expressão privilegiada dessa certeza: nelas, a Igreja anuncia que o último capítulo da história humana não é a morte, mas a vida nova em Deus. Ao refletir teológica, pastoral e celebrativamente sobre a morte, pretende-se que este estudo ofereça instrumentos para que cada comunidade cristã, no momento mais doloroso da existência, seja sinal da consolação e da alegria que brotam da fé pascal.

CAPÍTULO I

A MORTE

*Viver é muito perigoso: sempre acaba em morte.
Riobaldo, em Grandes Sertões Veredas, de Guimarães Rosa.*

A célebre reflexão de Riobaldo revela, de modo poético e filosófico, a inevitabilidade da morte e a efemeridade da existência humana. O homem tem a vida curta e repleta de tormentos: “é flor que se abre e logo murcha” (Jó 14,1-2); vive na angústia da espera pelo dia de sua morte, que se torna o objeto de seus pensamentos e o temor de seu coração (cf. Eclo 40,2). No entanto, é precisamente a realidade da morte que confere à vida sua densidade e verdade. Como observa Adélia Prado (2013) “A graça da morte, seu desastrado encanto, é por causa da vida”.

Contudo, a contemporaneidade caminha ao lado de pessoas que se comportam como se fossem eternas. Dominadas pela ilusão de permanência, levam uma vida sem responsabilidade, descomprometida com o bem, o belo e o verdadeiro - afastadas de sua própria essência. Como observa Arantes (2019, p. 84):

Pessoas que não gostam de falar ou pensar sobre a morte são como crianças brincando de esconde-esconde numa sala sem móveis: elas tapam os olhos com as mãos e acham que ninguém as vê. Pensam de modo ingênuo: “Se eu não olho para a morte, ela não me vê. Se não penso na morte, ela não existe”.

De certo modo, a morte foi expulsa do horizonte da vida. O progresso técnico-científico produziu sua marginalização e remoção do cotidiano. Como analisa Grillo (208, p. 107):

A ‘cultura’ que circunda o apagar-se da vida humana sofreu transformações certamente decisivas, mas também repletas de consequências nem sempre ‘progressistas’. Antes, esse mesmo progresso absolutizou a ‘qualidade de vida’, ao ponto de, muitas vezes, não saber mais reservar alguma atenção à ‘qualidade da morte’.

Os avanços científicos e tecnológicos, ao institucionalizar a morte nos hospitais, acabaram por torná-la um evento quase proibido, privado de humanidade. É urgente devolver à morte o seu rosto humano. Assim como temos direito a uma vida digna, temos também direito a uma morte digna. Oculta-se a morte como se fosse vergonhosa ou impura. Morrer, sob múltiplos aspectos, é triste; tornou-se, sobretudo, uma experiência solitária, mecânica e desumana. O mundo moderno não ensina a morrer. Vivemos tentando adiar a morte, ocultando-a sob camadas de distração e esquecimento. No entanto, é justamente diante dela que “o enigma da condição humana mais se adensa” (GS, 18).

Em muitos contextos contemporâneos, o desaparecimento de alguém já não parece afetar a continuidade da vida. As sociedades modernas acostumaram-se a prosseguir como se a ausência não desorganizasse o cotidiano. A essa indiferença soma-se uma transformação profunda na relação entre o moribundo e o seu ambiente: instituiu-se o início da mentira. Passou a ser regra o “não falar da morte iminente”, e todos se tornam, de algum modo, cúmplices dessa omissão. A morte é empurrada para a clandestinidade, sob a ilusão de que “nada mudou” e “tudo ainda é possível”. Gradualmente, o moribundo é controlado pela família, que decide sobre a forma e o ritmo de sua morte. Ao contrário do que ocorria no século XIX - quando as despedidas, as últimas palavras e recomendações tinham um valor quase sacramental -, essa troca íntima e solene foi suprimida pela obrigação de manter o doente na ignorância. Assim, ele parte sem dizer e sem ouvir nada sobre o momento de sua morte (EIZIRIK, C. L. et al, 2013, p. 247).

A literatura universal também reflete essa experiência de alienação diante da finitude. Ivan Ilitch, personagem de *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, contrai uma doença fatal e, à medida que o fim se aproxima, percebe que durante toda a sua vida escondera a noção da morte - sobretudo de sua própria morte. Num momento de grande lucidez, desperta para o fato de que toda sua vida fora repleta de enganos e que, ao isolar-se da morte, isolara-se também da própria vida.

A consciência da morte, como observa Schopenhauer (2020, p. 6), é o fundamento de todas as angústias humanas: “o maior dos males, a pior de todas as ameaças é a morte, e o maior medo, o de morrer”. O temor da morte é natural e universal, presente em todos os indivíduos, a morte é a angústia das angústias, o limite que define a fragilidade da existência.

No campo da experiência psicológica, há um instante em que o doente descobre, por meio de sinais antes banais, a gravidade mortal de sua doença. A consciência da morte do outro desvela a nossa própria mortalidade. É o que Jankélévitch (2017, p. 30) indica:

“no momento semelfactivo¹ o paciente descobre, através de certos sinais que de repente se tornam eloquentes e proféticos, a gravidade mortal da doença que o ameaça; No momento, a morte de um ente querido nos revela que a morte não é apenas para os outros, ou que eu mesmo sou um desses ‘outros’”².

Também as Escrituras reconhecem a universalidade do morrer: “a entrada de todos na vida é idêntica, como também a saída” (Sb 7,6). Entretanto, na vida cotidiana, costuma-se

¹ Semelfactivo – (gramática) ação que só ocorre uma vez; oposto de iterativo.

² Tradução nossa. *Dans l’instant semelfactif le malade découvre, à certains signes devenus soudain éloquents et prophétiques, la gravité mortelle du mal qui le menace ; dans l’instant, la mort d’un proche nous révèle que la mort n’est pas seulement pour les autres, ou que je suis moi-même un de ces « autres ».*

pensar que “a morte certamente virá, mas por ora ainda não”. Tal pensamento, segundo Eizirik, *et al.* (2013, p. 247), traduz o autoengano impessoal que retira da morte sua certeza e sua iminência. O “por ora ainda não” não é mera negação, mas uma *autointerpretação evasiva*, em que o indivíduo se refugia nas ocupações diárias e adia o confronto com o real. Assim, a morte é transferida para “algum dia mais tarde”, reduzida a uma “avaliação genérica”. O impessoal encobre o que há de característico na certeza da morte: o fato de ser possível *a qualquer instante*.

Para Freud, a morte está sempre conosco, sob a superfície da consciência. Em seus escritos tardios, o autor formula perguntas decisivas:

“Será que não cabe a nós confessar que, em nossa atitude civilizada em relação à morte, estamos, uma vez mais, vivendo psicologicamente além de nossos recursos, e devemos nos reformar e dar à verdade o valor que ela merece? Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade em nossos pensamentos que lhe pertence, e dar um pouco mais de destaque àquela inconsciente atitude para com a morte que até aqui temos suprimido com tanto cuidado?” (FREUD, 2010, p. 51).

A reflexão freudiana conduz à descoberta do dualismo fundamental da existência humana: *Eros* e *Thanatos*, vida e morte. O medo da morte, paradoxalmente, impulsiona a vida e move a ação humana - o instinto de conservação e o desejo de permanecer.

Essa mesma consciência perpassa o texto mais antigo da humanidade: o *Epopeia de Gilgamesh*. Diante da morte de seu amigo Enkidu, Gilgamesh clama: “Como posso descansar? Como posso ficar em paz? O desespero se instalou em meu coração. Isso que meu irmão é agora, o mesmo serei eu quando morrer. Por medo da morte farei o possível...” (*Epopeia de Gilgamesh*, tábuas IX-X). O herói descobre, no confronto com a morte do outro, a própria vulnerabilidade - e a sede de sentido que nasce dessa consciência.

A morte, portanto, não é apenas o fim biológico, mas um espelho existencial que nos devolve à verdade da vida. Ignorá-la é negar o humano; enfrentá-la é reencontrar o sentido. A morte, embora inevitável e universal, manifesta-se como um fenômeno que ultrapassa os limites do biológico e do fisiológico. Ela é, antes de tudo, um *fato social*, que repercute sobre a estrutura das relações humanas e comunitárias. Como observa Gianluca Cerasola,

A morte é um fato social e é inexplicável em algumas circunstâncias e sob certos pontos de vista, causa angústia e terror; é um acontecimento que determina uma crise e desestabiliza o grupo familiar e, mais amplamente, a família e a comunidade (CERASOLA, *Fenomenologia della morte*, posição 129)³.

³ Tradução nossa. *La morte è un fatto sociale ed esseno inspiegabile in alcuna circostanze e sotto alcuni punti di vista, provoca angostia e terrore; è un avvenimento che determina una crisi e destabilizza il gruppo familiare e, in modo più ampio, la stirpe e la comunità.*

De fato, a morte provoca rupturas e reorganizações nos vínculos afetivos e simbólicos, atingindo tanto a esfera privada quanto o tecido social mais amplo. O luto, os ritos e as narrativas que o acompanham são tentativas humanas de domesticar o inominável, de dar forma ao vazio e sentido à perda.

No plano existencial e espiritual, a morte é também o espaço onde o *medo*, essa presença inseparável da condição humana, se manifesta com toda a sua força. Georges Bernanos, na voz da irmã Alegria, personagem do roteiro *Diálogos das Carmelitas*, oferece uma visão surpreendente e teológica desse medo:

Veja, em certo sentido o Medo é também filho de Deus, resgatado na noite da Sexta-Feira Santa. Não é belo de se ver – não! – ora escarnecido, ora amaldiçoado, renegado por todos... E, entretanto, não se iluda: ele está à cabeceira de cada agonia, ele intercede pelo homem.

O medo da morte, então, não é apenas uma fraqueza ou uma falha de fé, mas parte constitutiva do drama humano e, paradoxalmente, lugar de intercessão: onde a graça divina toca a fragilidade da criatura.

Sob o ponto de vista biológico e científico, a morte é um fenômeno que pode ser observado, descrito e pesquisado. No entanto, seus aspectos metafísicos e místéricos escapam a qualquer abordagem empírica e pertencem ao campo da religião e da teologia. É nesse domínio que o pensamento cristão reconhece a morte não como simples cessação, mas como passagem e encontro.

Nesse sentido, Ladislaus Boros (2020, introdução, p. xlix) afirma:

A morte dá ao homem a oportunidade de realizar o seu primeiro ato completamente pessoal; a morte é, portanto, pelo seu próprio ser, o momento acima de todos os outros para o despertar da consciência, para a liberdade, para o encontro com Deus, para a decisão final sobre o seu destino eterno.

A morte, assim compreendida, não é apenas o fim de um ciclo biológico, mas o momento teológico por excelência: aquele em que o ser humano se descobre radicalmente livre diante de Deus e chamado a decidir seu destino eterno.

Dessa forma, a investigação teológica sobre a morte deve iniciar-se com um olhar atento à evolução da compreensão do povo eleito acerca desse mistério, desde as concepções antigas do Antigo Testamento até o amadurecimento da crença na ressurreição e na vida eterna, onde a morte se torna não o fim, mas o início de uma nova existência em Deus.

1.1. Da morte à crença na ressurreição segundo o Antigo Testamento

Cedo ou tarde é força sair da vida, a Providência pôs além da extrema um encanto que nos atrai, a fim de diminuir os nossos terrores do túmulo.

François-René de Chateaubriand (2020, p. 37).

A reflexão de Chateaubriand expressa o paradoxo da existência humana: a consciência da finitude e, ao mesmo tempo, o impulso vital que nos faz amar a vida. Essa tensão entre o desejo de permanência e a certeza do fim encontra eco na experiência religiosa de Israel, onde a vida é compreendida como *dom de Deus* e a morte, como limite natural da criatura.

Segundo Robert Martin-Achard (2015, p. 20), “o israelita ama a vida, a enfrenta com disposição favorável, nela vê um dom de Deus, sonha prolongar seus dias neste mundo, desfrutar de todos os recursos da criação”. O modelo dessa vida abençoada é Jó: “cercado de honras e bens, homem íntegro e justo, dono de posses fantásticas, modelo de piedade e de generosidade” (Jó 1,1-3.20-21; 29,2-5; 42,10-17).

A concepção israelita de felicidade vincula-se, portanto, à plenitude da vida neste mundo - prolongar os dias, ver os filhos e netos, possuir terras e trabalhar nelas, participar do destino do próprio povo. Esses elementos - trabalho, família, prosperidade e comunhão - constituem a bênção divina e a expressão concreta da aliança com Yahweh. Ausente um deles, o israelita sente-se diminuído em sua própria existência, pois “viver é mais do que ser”: viver é participar da bênção, é experimentar o cuidado de Deus.

Essa visão encontra expressão poética no Salmo 128 (127), que celebra a felicidade daquele que teme a Yahweh e anda em seus caminhos:

Felizes todos os que temem a Yahweh
e andam em seus caminhos!

Do trabalho de tuas mãos comerás,
tranquilo e feliz:
tua esposa será vinha frutuosa,
no coração de tua casa;
teus filhos, rebentos de oliveira,
ao redor de tua mesa.

Assim vai ser abençoado
o homem que teme a Yahweh.

Que Yahweh te abençoe de Sião,
e verás prosperidade de Jerusalém
todos os dias de tua vida;
e verás os filhos de teus filhos.

Para o israelita, vida (חַיִּים – *hayyîm*) é um plural de intensidade, expressão que denota plenitude e vigor. O termo indica não apenas o fato biológico de existir, mas a força dinâmica que anima o ser humano. O sangue (דָּם – *dām*) é símbolo dessa vida, pois contém a alma (נֶפֶשׁ – *néfesh*), o princípio vital que se manifesta no fôlego (רוּחַ – *rûah*), o alento que procede de Deus. Assim, a enfermidade, a fadiga, o sono e a morte são compreendidos como formas enfraquecidas de vida, expressões de uma vitalidade diminuída.

O ideal bíblico é morrer em idade avançada, “repleto de dias e de bens”, à semelhança dos patriarcas Abraão, Isaac e Jó (Gn 15,15; 25,7; 35,28-29; Jó 42,12-17). A morte prematura, ao contrário, é vista como desgraça e castigo. O salmista lamenta (Sl 102 [101]):

Minha força esgotou-se no caminho.
O número pequeno dos meus dias conta-me.
Não me arrebatos na metade dos meus dias,
gerações de gerações duram teus anos.

A longevidade é, portanto, sinal de bênção e expressão da fidelidade de Deus. Contudo, a vida, embora profundamente valorizada, não é um bem absoluto. O salmista confessa: “Valendo teu amor mais que a vida” (Sl 63,4). Para Israel, a vida é o maior de todos os bens, “a primeira de todas as bênçãos”, podendo ser entendida como recompensa da obediência e fruto da sabedoria (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 24).

Na literatura sapiencial, essa relação entre vida e sabedoria se torna ainda mais explícita. O sábio é aquele que teme a Yahweh (Pv 3,7ss; 4,4; 5,23); a sabedoria é “força de vida”, capaz de assegurar longa existência, pois “quem a encontra descobre a vida” (Pv 3,13-18; 8,35; 9,11; 10,17). A sabedoria, dom de Deus, multiplica os dias e prolonga a vida daquele que a abraça.

Com o passar dos séculos e o acúmulo das provações históricas, a experiência do povo eleito adquire um novo tom. A vida passa a ser vista como privilégio do “remanescente fiel”, aquele que, purificado pelas tribulações, acolhe o Deus vivo e aguarda a instauração do seu Reino. “A vida adquire, porém, um matiz escatológico e tende a receber o seu significado último não no passado nem no presente, mas no futuro que Deus prepara para os seus” (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 31).

Entretanto, o Antigo Testamento, em seu horizonte original, não continha ainda a noção de vida eterna. Como afirma Bart D. Ehrman (2020),

A própria Bíblia Hebraica presume que os mortos estão simplesmente mortos - que seus corpos repousam na sepultura e nunca mais há consciência. [...] Os israelitas tradicionais não acreditavam na vida após a morte, apenas na morte após a morte. [...] O máximo que uma pessoa poderia almejar era ter uma vida particularmente longa e agradável aqui na Terra”⁴.

Essa ausência de esperança pós-morte explica a intensidade com que o israelita amava a vida: ela era o espaço único da comunhão com Deus, da bênção e da justiça.

⁴ Tradução nossa: *La Bible hébraïque elle-même présume que les morts sont simplement morts – que leur corps repose dans la tombe et qu’il n’y a plus jamais de conscience [...] Ainsi, les Israélites traditionnels ne croyaient pas à la vie après la mort, seulement à la mort après la mort. [...] Le maximum qu’une personne puisse espérer était d’avoir une vie particulièrement longue et plaisante ici-bas.*

Em certo sentido, a morte (תָּמַת – *māvet*) é compreendida, na tradição hebraica, como o momento da separação entre a alma e o corpo. No instante em que Raquel morre, sua alma sai, abandona o corpo (Gn 35,18), partida que não implica melhora de condição, nem representa libertação. A morte é, antes, um processo de dissolução do ser humano, no qual seus dois componentes retornam ao seu estado original. A alma (*néfesh* – נֶפֶשׁ) não pode viver sem o corpo; e, se continua a existir, sua sorte é miserável. Não há para ela salvação nem possibilidade de vida sem o retorno ao corpo, na ressurreição. Assim, a morte significa perda da integridade da pessoa e ruptura da comunhão com o Deus vivo (cf. Jr 15,9).

O morto é descrito nas Escrituras como alguém aprisionado, incapaz de agir ou falar: “O morto está como em uma prisão” (1Pd 3,19), “não podendo fazer nada” (Ecl 9,10), “sujeito a laços” (Sl 18,6; 116,3). Está condenado a permanecer “eternamente” (Ecl 12,5) em um lugar de obscuridade fúnebre, o *Sheol*, reino das sombras e do silêncio. Nas Escrituras, as trevas são frequentemente sinônimo desse mundo subterrâneo, como expressa o salmista (Sl 88,11–13):

Realizas maravilhas pelos mortos?
As sombras se levantam para te louvar?
Falam do teu amor nas sepulturas,
da tua fidelidade no lugar da perdição?
Conhecem tuas maravilhas na treva,
e tua justiça na terra do esquecimento?

O pó é também símbolo da morte e da morada dos mortos (Sl 22,30; 30,10; Is 26,19; Dn 12,2). “Voltar ao pó” (Gn 3,19; Sl 90,3; Jó 10,9; Ecl 3,20) significa morrer, e os falecidos são “os habitantes do pó” (Is 26,19; Dn 12,2). O pó é seu único alimento, e por isso sofrem de uma sede insaciável, imagem que o Evangelho retoma na parábola do rico e Lázaro (Lc 16,19ss). Uma das características mais marcantes do *Sheol* é o silêncio absoluto (Sl 115,17; 94,17; 31,18), que o torna “terra de esquecimento” (Sl 88,10–12).

A morte é, portanto, ausência, distância e separação; o morto é o ausente por excelência, o desaparecido. O mundo dos mortos é o domínio da ausência radical (Is 5,14; Pr 1,12; 27,20; 30,15s). Aqui se manifesta o aspecto mais doloroso do *Sheol*: a ruptura definitiva com o Deus da vida. Para o israelita fiel, essa ausência é insuportável, pois “a morte aparece como uma maldição para um povo cuja vida, tanto individual como comunitária, não encontra outra realidade além da presença do Deus vivo” (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 58–59).

Com o passar dos séculos, porém, sob a pressão das circunstâncias históricas e espirituais, a fé de Israel amadurece. O povo da Aliança começa a entrever que Deus pode e quer fazer novas todas as coisas. “É Yahweh quem faz morrer e viver, faz descer ao *Sheol* e dele subir”, canta Ana (1Sm 2,6), ecoando expressões já presentes no cântico de Moisés (Dt 32).

Contudo, essas fórmulas não têm sentido escatológico: referem-se, antes, à libertação de uma enfermidade grave ou de um perigo mortal. “Fazer subir do *Sheol*” significa ser preservado da morte, não ressuscitar dos mortos. Ana reconhece, em Deus, um poder sem limites - o domínio absoluto sobre a vida e o destino humano.

Essa mesma consciência transparece nos Salmos:

Yahweh, meu Deus, eu gritei a ti e me curaste.
Yahweh, tiraste minha vida do *Sheol*,
tu me reavivaste dentre os que baixam à cova” (Sl 30,3).

“Eu te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus,
vou dar glória ao teu nome para sempre,
pois é grande o teu amor para comigo:
tiraste-me das profundezas do *Sheol* (Sl 86[85], 12-13).

Esses cânticos exprimem gratidão pela libertação da morte iminente, mas não contêm ainda a noção de ressurreição. O salmista não teme a morte súbita nem se detém no destino além-túmulo; preocupa-se, sobretudo, com a permanência da comunhão com Yahweh. Essa confiança transparece no Salmo 16:

Por isso meu coração se alegra,
minhas entranhas exultam
e minha carne repousa em segurança;
pois não abandonarás minha vida no *Sheol*,
nem deixarás que teu fiel veja a cova.
Ensinar-me-ás o caminho da vida,
cheio de alegrias em tua presença
e delícias à tua direita, perpetuamente.

O salmista não teme a morte por crer na vida eterna, mas porque a presença do Deus vivo torna secundário o problema da morte. A comunhão com Yahweh é, para ele, a verdadeira garantia da vida - a antecipação da vitória sobre o *Sheol* que, mais tarde, encontrará sua plenitude na esperança da ressurreição.

Para o *ḥasîd* – judeu ultraortodoxo - a morte deixa de ser uma realidade ameaçadora.

A morte desaparece e, de certo modo, não existe. O *ḥasîd*, que vive de Deus, para Deus e em Deus, já não olha para a morte como uma realidade atual e temível. Está de tal maneira unido a Deus, tão plenamente ocupado com Ele, que sua vida já não se desenvolve sob o signo da morte, mas no resplendor da glória divina. Em certo sentido, volta a estar na condição de Adão antes da queda (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 169–170).

A vida do justo é tão penetrada pela presença divina que sua alegria não pode ser interrompida: “sua felicidade não pode ser-lhe tirada, porque Yahweh vela sobre ele” (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 170). Nesse horizonte espiritual, os *ḥasidîm* - “os fiéis” - preparam as gerações futuras para proclamar que a morte nada pode contra aqueles que vivem

em comunhão com Deus. O judeu piedoso não espera a ressurreição como evento distante; vive já na presença de Yahweh, e dessa presença retira sua força e sentido.

O Antigo Testamento testemunha que “Yahweh é quem tira a vida e a dá; faz descer ao *Sheol* e faz tornar a subir dele” (1Sm 2,6)⁵. O cântico de Ana reconhece nesse poder absoluto a soberania divina sobre a vida e a morte, sem, contudo, atribuir-lhe um sentido escatológico. “Fazer subir do *Sheol*” significa ser libertado de uma enfermidade grave ou de uma situação extrema; reviver equivale a continuar vivo. Yahweh é o Senhor do destino humano, o único que pode dar, tirar e restituir a vida (cf. Dt 32).

Com o passar dos séculos, a fé de Israel amadurece. O povo eleito começa a perceber, “não sem vacilações, que Yahweh pode dar vida aos mortos, manifestando, dessa maneira, sua grandeza e sua misericórdia” (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 202). Pregadores anônimos anunciam a reabilitação póstuma do Servo de Yahweh (Is 53), o renascimento dos Rephaim (Is 26) e o despertar dos que dormem no pó (Dn 12). A ideia da ressurreição dos mortos aparece, assim, em contextos variados e com sentidos distintos: ora vinculada à restauração histórica de Israel, ora à manifestação final do poder criador de Deus.

Esses textos refletem tanto o triunfo de Yahweh sobre seus inimigos, quanto seu cuidado especial pelos *hasidim*, que recuperam a vida por havê-la perdido por fidelidade a Ele.

O culto do *hasid* a seu Deus transtorna concepções tradicionais do Antigo Testamento sobre a existência humana. A piedade judaica encontrará um dia, na afirmação da ressurreição dos mortos, uma expressão adequada de sua certeza e de sua esperança de que nada, nem mesmo a morte, pode privar o fiel de seu Senhor (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 203).

Entre as passagens mais claras sobre a ressurreição na literatura judaica antiga destaca-se Daniel (12,2), na versão da Septuaginta⁶: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para a reprovação, e outros para a dispersão e vergonha eterna”.

De modo semelhante, Isaías (26,19)⁷ afirma: “Mas reviverão teus mortos. Os cadáveres de meu povo voltarão a se erguer. Despertai e cantai, vós que estais no pó, porque sobre vós cai o orvalho da luz. E a terra fará reviver as sombras.”

⁵ 1Sm 2,6 – וַיֵּהָרֶם מִמִּית מוֹרִיד שְׂאוֹל וּמַחְיֶה נִיעַל – Vaye'al sheol u'mechaye morich me'mit Adonai. Tradução e transliteração nossas.

⁶ Dn 12,2 - Καὶ πολλοὶ τῶν καθευδόντων ἐν τῇ πλατεί τῆς γῆς ἀναστήσονται, οἱ μὲν εἰς ζωὴν αἰώνιον, οἱ δὲ εἰς ὀνειδισμόν, οἱ δὲ εἰς διασποράν καὶ αἰσχύνην αἰώνιον - Kai polloi tōn katheudontōn en tō platei tēs gēs anastēsontai, hoi men eis zōēn aiōnion, hoi de eis oneidismōn, hoi de eis diaporan kai aischunēn aiōnion, transliteração e tradução nossas.

⁷ Is 26,19 - יְחִיּוּ מֵתֵיהֶם נִבְלָתֵי יְקוּמֻן הָקִיצוּ וְרָבְנוּ שִׁכְנֵי עֶפְרַיִם כִּי טַל אוֹרֵת טַלְךָ נְאֻרָץ רַפְאִים תַּפִּיל - Yechiyu meitechah nevelati yekumun haqitzuhu u'rabenu sheknei afar ki tal otar talekha ve'aretz refaim tapil (transliteração livre).

Ambas as passagens são interpretadas como prefigurações da ressurreição. Segundo Martin-Achard (2015, p. 203), a crença no retorno dos mortos à vida “só tardiamente aparece no povo eleito, no momento preciso em que o Antigo Testamento se fecha”.

Essa fé, embora tardia, se manifesta de modo explícito no relato do martírio dos sete irmãos (2Mc 7), especialmente no versículo 14⁸: “Estando ele já próximo a morrer, assim falou: ‘É desejável passar para a outra vida às mãos dos homens, tendo da parte de Deus a esperança de ser um dia ressuscitado por ele. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida!’”

Contudo, a crença na ressurreição (ἀνάστασις - *anástasis*) dos mortos não era ainda unânime entre os judeus. Os fariseus (Φαρισαῖοι - *Pharisaioi*) criam nela, enquanto os saduceus (Σαδδουκαῖοι - *Saddoukaioi*) a negavam. O apóstolo Paulo registra essa divergência (At 23,8)⁹: “Os saduceus, com efeito, dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.”

A fé na ressurreição foi-se consolidando gradualmente na tradição judaica, encontrando expressão definitiva na Mishná (משנה)¹⁰, particularmente no tratado Pirqê Avôt (פְּרָקֵי אָבוֹת) 4,22, onde se reúnem ensinamentos escatológicos do rabino Eleazar haKappar (רַבִּי אֱלִיעֶזֶר הַקַּפָּר), sábio da sexta geração dos tanaítas¹¹: “Ele costumava dizer¹²: ‘Os que nascem, para morrer; os que morrem, para serem revividos; os vivos, para serem julgados. Para que se saiba, se anuncie e se reconheça que Ele é Deus.’”

⁸ 2Mc 7,14 - Καὶ γενόμενος πρὸς τὸ τελευτᾶν οὕτως ἔφη Λιρετόν, μεταλλάσσοντας ὑπ' ἀνθρώπων τὰς ὑπὸ τοῦ θεοῦ προσδοκᾶς ἐλπίδας, πάλιν ἀναστήσεσθαι ὑπ' αὐτοῦ σοὶ μὲν γὰρ ἀνάστασις εἰς ζωὴν οὐκ ἔσται - Καὶ genómenos pròs tò teleutân hoútōs éphē Lirétón, metallássontas hyp' anthrōpōn tās hypò toῦ theoῦ prosdokās elpídas, pάλin anastēseisthai hyp' autou soí mèn gár anástasis eis zōēn ouk éstai. Transliteração livre. Tradução: texto da Bíblia de Jerusalém.

⁹ At 23,8 - Σαδδουκαίων μὲν γὰρ λέγουσιν μὴ εἶναι ἀνάστασιν μήτε ἄγγελον μήτε πνεῦμα· Φαρισαῖοι δὲ ὁμολογοῦσιν τὰ ἀμφοτέρα - Saddoukaiōn men gar legousin mē einai anastasin mēte angelon mēte pneuma; Pharisaioi de homologousin ta amphotera. Transliteração

¹⁰ Trata-se de um código de seis partes com regras descritivas, formulado no final do século II d.C. por um pequeno grupo de sábios judeus e apresentado como a constituição do judaísmo sob o patrocínio de Judá, o Patriarca, o chefe da comunidade judaica na Palestina no final do século. A Mishná é importante porque constitui a base para os Talmudes Babilônico e Palestino. Portanto, ela se posiciona ao lado da Bíblia Hebraica como o livro sagrado sobre o qual o judaísmo dos últimos mil e novecentos anos foi construído. (Neusner, *A Mishná: Uma Nova Tradução* [New Haven, CT: Yale University Press, 1988], p. XV). <https://reformjudaism.org/learning/sacred-texts/mishnah> acesso em 23/06/2025.

¹¹ Rabinos e sábios judeus que viveram entre os séculos I e III d.C. e são responsáveis pela primeira compilação escrita da Lei Oral judaica, conhecida como a Mishná

¹² לֵידַע, לְהוֹדִיעַ וּלְהִיבָדָא שֶׁ-הוּא אֵל. הַיּוֹדִים לָמוּת, הַמֵּתִים לְחַיִּים, הַחַיִּים לְדוֹן, הַחַיִּים לְחַיִּים. - Hu haya omer: Ha-yilodim la-mut, ve-ha-metim le-hechayot, ve-ha-chayim li-don. Leida, le-hodia u-lehivadá she-hu El. Transliteração e tradução nossas.

A esperança na ressurreição nasce, assim, do interior da experiência da fidelidade: a convicção de que o Deus vivo não abandona os seus ao poder da morte. Essa fé, lentamente amadurecida, prepara o horizonte no qual o Novo Testamento revelará, em plenitude, a vitória de Cristo sobre a morte.

Desde as primeiras comunidades, os cristãos professam a ressurreição como verdade central e culminante da fé. O livro dos Atos dos Apóstolos testemunha essa convicção: “Anunciamo-vos a Boa-Nova: a promessa, feita aos nossos pais, Deus a realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus” (At 13,32–33).

A ressurreição de Cristo constitui, portanto, o núcleo da fé cristã. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*,

A ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, crida e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada, juntamente com a Cruz, como parte essencial do Mistério Pascal (CEC, n. 638).

Essa verdade encontra expressão profunda nos Padres da Igreja. São Leão Magno, *Sermo LXXII*, 3, explicita:

Se, portanto, caríssimos, cremos de coração, sem hesitar, o que confessamos com a boca, em Cristo fomos crucificados, fomos mortos, fomos sepultados e também ressuscitamos ao terceiro dia. Daí dizer o Apóstolo: ‘Uma vez, pois, que ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas lá do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus; interessai-vos pelas coisas lá de cima, não pelas coisas terrenas, desde que vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, nossa vida, aparecer, então também vós, revestidos de glória, haveis de aparecer com ele’” (Cl 3,1–4).

Assim, o cristão participa do Mistério Pascal não apenas como espectador, mas como sujeito incorporado à morte e à vida nova de Cristo. A fé na ressurreição não é mera crença futura, mas realidade existencial presente: viver em Cristo é já participar da vitória sobre a morte.

As páginas anteriores mostraram a evolução da compreensão da morte no interior da tradição israelita - desde a sua percepção como fim absoluto até o amadurecimento da fé na ressurreição. Essa fé, progressivamente delineada no Antigo Testamento, alcança sua plenitude no evento pascal de Jesus Cristo, que inaugura a vida eterna e redime a história humana.

A sociedade moderna, contudo, tende a negar a morte, excluindo-a do horizonte da experiência humana e privada de reflexão sobre o seu sentido e dimensão sagrada. A morte, outrora integrada em ritos e símbolos que ofereciam consolo e esperança, tornou-se um tabu silencioso. Como observa Jean-Yves Leloup (2012), “a abordagem da morte desperta em nós

sofrimento espiritual - sofrimento diante da ausência de sentido ou diante da impossibilidade de compartilhar com os outros nossas mais íntimas interrogações”.

De fato, morrer é um ato solitário, talvez o mais solitário da existência. A morte separa-nos não apenas dos outros, mas também do próprio mundo (YALOM, 2008, p. 100). Diante disso, torna-se urgente perguntar, com Leloup: *“Como havemos de conferir sentido ao ato de morrer quando as palavras, os gestos e os ritos, nos quais outrora as pessoas encontravam apoio, parecem esvaziados de sentido?”*

Daí a importância de reexaminar a relação do ser humano com a morte ao longo da história, para compreender como a fé cristã transformou o morrer em passagem, e o túmulo em anúncio de esperança.

1.2. A relação do homem com a morte

A morte não é o horizonte infinito que nos atrai, mas o muro opaco que nos detém.

Vladimir Jankélévitch (2017, p. 126)¹³

Desde os primórdios da humanidade, a morte constitui um dos fenômenos mais intrigantes e enigmáticos da existência humana, envolvido em mistérios, ritos e crenças. Na antiguidade, era frequentemente compreendida não como cessação da vida, mas como outra forma de existência.

As primeiras manifestações religiosas diante da morte revelam que o homem primitivo já percebia o caráter singular desse acontecimento. Como observa Becker (2025), o homem paleolítico, ao confrontar-se com o corpo inerte de um companheiro ou membro de sua tribo, “sente-se inoperante e estupefato”. O cuidado com os mortos, as práticas de sepultamento e os objetos depositados junto aos corpos evidenciam não apenas medo, mas também uma forma inicial de consciência da morte e de crença em algo além do visível.

No Egito antigo, a morte era concebida como transição e não como fim. Acreditava-se na imortalidade da alma e na necessidade da preservação do corpo por meio da mumificação, para que a alma o reconhecesse na vida futura. O *Livro dos Mortos* orientava o defunto em sua jornada no além, e o julgamento de Osíris determinava o destino da alma: o coração do morto era pesado em uma balança, tendo como contrapeso a pena de Maat, deusa da verdade e da justiça.

¹³ Tradução nossa: *La mort n'est pas l'horizon infini qui nous attire, mais le mur opaque qui nous arrête.*

Entre sumérios, assírios e babilônios, a morte era o fim da luz e da alegria. O submundo - *Irkalla* - era descrito como uma terra escura, silenciosa e habitada por sombras. O *Poema de Gilgamesh*, uma das obras mais antigas da humanidade, expressa a angústia diante da morte e a busca, em vão, pela imortalidade. Já na Índia antiga, o hinduísmo e o budismo nascente viam a morte como parte do *samsara*, o ciclo de nascimento, morte e renascimento. O objetivo último era a libertação (*moksha*) ou o *nirvana*, estado de cessação do sofrimento e transcendência da morte, alcançado pela purificação do *karma* (GAARDER et al., 2005).

Na Grécia e em Roma antigas, a morte era entendida como separação da alma e do corpo, e o destino da alma era o mundo inferior - o *Hades* ou os *Inferi*. A existência após a morte era melancólica, sem luz nem progresso. Mesmo os heróis, como Aquiles, lamentavam a condição dos mortos. Em *Odisseia* (XI, 375-381), Homero descreve o diálogo entre Ulisses e Aquiles, no qual o herói, mesmo glorioso, declara: “Íncrito Ulisses”, retorquiu, “da morte não me consoles; pago anteporia servir escassa rústica choupana a defuntos reger.”

A morte era, pois, irreversível e definitiva: a dissolução do corpo e o fim da consciência. Os rituais funerários tinham a função de apaziguar o morto e evitar que seu espírito perturbasse os vivos. As necrópoles situavam-se fora das cidades, símbolo da separação entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Em Roma, o culto aos manes ou lares - os espíritos dos antepassados - expressava a continuidade simbólica da família, preservada pela memória e pelo sacrifício.

Com o advento do cristianismo, a morte adquire um significado inteiramente novo: ela passa a ser compreendida à luz da ressurreição de Cristo. A morte não é mais o fim, mas a passagem para a vida plena junto de Deus. Como afirma o apóstolo Paulo: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, primícias dos que adormeceram. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados” (1Cor 15,20–22).

Os primeiros cristãos distinguiam-se das concepções pagãs por sua esperança escatológica. Acreditavam não apenas na salvação da alma, mas também na ressurreição do corpo. A morte era vista como ato de entrega e comunhão com Cristo, e o martírio tornou-se o testemunho supremo dessa fé. Tertuliano proclama: “*É uma semente o sangue dos cristãos!*” (*Apologeticum*, 50,13).

Santo Inácio de Antioquia, movido por ardente desejo de união com Cristo, escreve: “Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo” (*Epistula ad Romanos*, 4).

Em Santo Agostinho, a morte é vista como consequência do pecado original, não pertencendo à criação inicial de Deus. “A morte é o salário do pecado, mas, para os que pertencem à Cidade de Deus, é passagem para a verdadeira vida” (*De Civitate Dei*, XIII, 4). Ao narrar a morte de sua mãe, Santa Mônica, Agostinho expressa essa esperança: “Enterrai este corpo em qualquer lugar, e não vos preocupeis com ele. Faço-vos apenas um pedido: lembrai-vos de mim no altar do Senhor, seja qual for o lugar em que estiverdes” (*Confessiones*, IX, 11, 27).

Durante o período medieval, a morte era vivida com serenidade, marcada pela fé e pela esperança de união com Deus. O homem medieval reconhecia na morte a consumação de sua peregrinação terrestre e o retorno à casa do Pai. Como recorda Santo Agostinho: “Ninguém deve temer a morte, pois ela é a passagem para a vida verdadeira, onde ninguém perde aqueles que ama.” (*Sermo* 172, 1).

A fé cristã, desde suas origens, introduziu na história uma visão inédita: a morte como passagem pascal, a travessia que conduz da precariedade do tempo à comunhão eterna com Deus. Assim, o cristianismo não nega a dor da morte, mas a transfigura pela esperança - esperança fundada na ressurreição de Cristo, “primogênito dentre os mortos” (Cl 1,18).

Na Idade Média, a morte fazia parte da vida cotidiana. O moribundo, ao pressentir a aproximação do fim, reunia a família, dava conselhos e tomava suas disposições. Era um acontecimento público, comunitário e, de certo modo, esperado. Philippe Ariès (2014, p. 37) descreve essa atitude afirmando que “o desgosto por deixar a vida ficava, portanto, associado à simples aceitação da morte próxima. Estava ligado à familiaridade com a morte”.

Fabienne Buccelli (2017, p. 42) sintetiza essa visão de maneira precisa: “A morte faz parte da vida! É a continuidade que torna inteligível a passagem para outros níveis de realidade.”¹⁴ A morte era presença, não ruptura; fazia parte do ciclo natural da existência. Era domada - conhecida, aceita e, de certo modo, integrada ao cotidiano.

Essa serenidade diante da finitude foi expressa poeticamente por Jean de La Fontaine, em uma de suas fábulas (*Fables*, Livro VIII, fábula 1), que ilustra a sabedoria do homem antigo perante o inevitável:

“A morte não surpreende o sábio;
Está sempre pronto a partir,
Pois soube por si advertir-se
Do tempo de se resignar a tal passagem.
Esse tempo, ai de nós! inclui todos os tempos:
Dividido em dias, horas, momentos -

¹⁴ Tradução nossa. *La mort fait partie de la vie! Et c'est la continuité que rend intelligible le passage à d'autres niveaux de réalité.*

Não há parte alguma que escape ao seu alcance;
Todos pertencem ao tributo fatal;
E o primeiro instante em que os filhos dos reis
Abrem os olhos à luz
É por vezes aquele que vem
Para sempre fechar-lhes as pálpebras.
[...]
Gostaria que, nessa idade,
Se deixasse a vida como se sai de um banquete,
Agradecendo ao anfitrião e fazendo as malas.
Pois quanto tempo mais se pode adiar a partida?”¹⁵

Nessa época, o ideal da boa morte - *ars moriendi* - tornava-se tema recorrente na espiritualidade cristã. Eram tratados e manuais que ensinavam a bem morrer, orientando o fiel à preparação espiritual para a morte. São Roberto Belarmino (2020, p. 21) afirmava:

“Aquele que deseja morrer bem, deve viver bem. Como a morte não é outra coisa senão o fim da vida, todo aquele que viver bem até o fim, certamente morrerá bem... Por outro lado, quem nunca viveu uma boa vida não pode morrer uma boa morte.”

O moribundo medieval enternecia-se com sua vida e seus afetos, mas sem desespero. O pesar era contido, pois a morte, embora certa, não impedia a vida; antes, dava-lhe sabor e sentido. Viviam-se “apesar de” - expressão que Clarice Lispector retomará séculos depois, em sua obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (2020), na voz de sua personagem Ulisses:

“Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.”

Essa atitude antiga - que via a morte como presença próxima e familiar, natural e inevitável - opõe-se radicalmente à postura moderna. O Renascimento, o Iluminismo e o Materialismo trouxeram consigo uma transformação profunda da relação humana com a morte. O avanço científico e a valorização do indivíduo geraram uma nova consciência de si, marcada pelo medo da decomposição e pela recusa do sofrimento.

Ariès (2014, p. 37) observa que “a atitude antiga, que vê a morte ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demais à nossa, onde nos causa tanto

¹⁵ Tradução nossa: *La Mort ne surprend point le sage : Il est toujours prêt à partir, S'étant su lui-même avertir Du temps où l'on se doit résoudre à ce passage. Ce temps, hélas ! embrasse tous les temps : Qu'on le partage en jours, en heures, en moments, Il n'en est point qu'il ne comprenne Dans le fatal tribut ; tous sont de son domaine ; Et le premier instant où les enfants des rois Ouvrent les yeux à la lumière, Est celui qui vient quelquefois Fermer pour toujours leur paupière. Défendez-vous par la grandeur ; Alléguez la beauté, la vertu, la jeunesse ; La mort ravit tout sans pudeur : Un jour le monde entier accroîtra sa richesse. Il n'est rien de moins ignoré ; Et puisqu'il faut que je le die, Rien où l'on soit moins préparé. (...) La Mort avait raison : je voudrais qu'à cet âge On sortît de la vie ainsi que d'un banquet, Remerciant son hôte ; et qu'on fit son paquet : Car de combien peut-on retarder le voyage ?*

medo que nem ousamos dizer-lhe o nome.” No fim da Idade Média, segundo o mesmo autor (2014, p. 182–183):

“A consciência de si mesmo e de sua biografia confundiu-se com o amor pela vida. A morte já não era apenas a conclusão do ser, mas uma separação do possuir: é preciso deixar casas, pomares e jardins. [...] Em plena saúde, em plena juventude, o gozo das coisas ficou alterado pela visão da morte. Então a morte deixou de ser balanço, para se tornar carniça e podridão, não mais o fim da vida e o último suspiro, mas a morte física, sofrimento e decomposição.”

Com essa mutação cultural, a morte deixa de ser companheira para tornar-se escândalo e tabu. De experiência comunitária, passa a ser evento isolado; de rito público, torna-se segredo hospitalar. A partir da Idade Moderna, a representação da morte sofre uma inversão radical. Aquilo que outrora fora presença familiar, acolhida e até mesmo esperada, torna-se agora um motivo de pavor e interdição simbólica. A modernidade, fascinada pela técnica e pela produtividade, relegou a morte ao silêncio, rompendo a continuidade simbólica entre viver e morrer. A arte passa a refletir esse novo imaginário, retratando a morte como inimiga e aniquiladora. É essa visão de terror que Pierre Michault (1405–1465) expressa em sua poesia *La Dance aux aveugles* (1466):

“Eu sou a Morte, inimiga da vida,
Que tudo consome, sem nunca cessar;
Dos homens a vida é por mim destruída,
À terra e ao pó vou todos lançar.
Sou a que dura - esse é meu nome -
Pois tudo preciso levar ao fim...”¹⁶

O medo da morte, que atravessa os séculos, revela não apenas o temor do aniquilamento físico, mas também a angústia diante do sentido da existência. O Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, reconhece essa dimensão espiritual: “É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre” (GS, 18).

Vladimir Jankélévitch (2017, p. 113) expressa o drama existencial da morte em termos filosóficos:

O sentido e a essência da existência são, num só golpe, arruinados. A morte não é o princípio da vida, ou seja, ela não é nem o fundamento, nem a origem cronológica: a morte é antes a terminação, já que é o último acontecimento; a morte é o fim. Mas que

¹⁶ Tradução nossa. *Je suis la Mort de nature ennemye, Qui tout finalement consomme, Annihilant en tous humains la vie, Réduit en terre et en cendre tout homme. Je suis la mort qui dure me surnomme, Pour ce qu'il faut que maine tout à fin...*

fim! Miserável, apressado, mais parecido com a debandada que encerra uma derrota.
17

Na sociedade contemporânea, a morte tornou-se tabu. Evita-se mencioná-la, escondem-se os sinais de envelhecimento e procura-se medicalizar o morrer. “Na sociedade atual já não se fala da morte, tornou-se um tabu”, observa Schopenhauer (2020, p. 6). O homem moderno afastou-se das tradições que o preparavam para a morte e o ajudavam a decifrar o sentido de sua existência.

Ernest Becker (2022, p. 49) aprofunda essa análise ao afirmar:

O homem está literalmente dividido em dois: tem consciência de sua esplêndida e ímpar situação de destaque na natureza, dotado de uma dominadora majestade, e, no entanto, retorna ao interior da terra, uns sete palmos, para cega e mudamente apodrecer e desaparecer para sempre. Estar num dilema desses e conviver com ele é assustador.

A tentativa de abolir a morte - presente em diversos campos da cultura - reflete, segundo Cerasola (2020, pos. 129), uma ilusão coletiva: “Abolir a morte é o nosso fantasma, que se ramifica em todas as direções: o da sobrevivência e da eternidade nas religiões, o da verdade na ciência, o da acumulação e da produtividade na economia.”¹⁸

O progresso tecnológico modificou profundamente o modo de viver, mas também mudou o modo de morrer. A medicina prolonga a vida biológica, mas, paradoxalmente, priva o morrer de dignidade e de sentido. Grillo (2018, p. 107) observa que:

A “cultura” que circunda o apagar-se da vida humana sofreu transformações certamente decisivas, mas também repletas de consequências nem sempre “progressistas”. Antes, esse mesmo progresso absolutizou a “qualidade de vida”, ao ponto que, muitas vezes, não sabe mais reservar alguma atenção à “qualidade da morte”.

O morrer, outrora doméstico e comunitário, tornou-se solitário, técnico e desumanizado. Elisabeth Kübler-Ross (2022, p. 11–12) descreve com sensibilidade essa nova realidade: “Na iminência da morte, o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência.”

Assim, o medo da morte não se reduz à dor física, mas expressa o abandono simbólico do ser humano diante do mistério. Schopenhauer (2020, p. 5–6) reconhece que:

¹⁷ Tradução nossa: Le sens et l'essence de l'existence son de même coup ruinés. – La mort n'est pas le principe de la vie, c'est-à-dire qu'elle n'en est si le fondement, ni l'origine chronologique : la mort est plutôt la terminaison, puisqu'elle est événement dernier ; la mort est la fin. Mais quelle fin ! Misérable, bâclée, et plutôt semblable à la dérouté qui termine la défaite. Tradução nossa.

¹⁸ Tradução nossa: Abolire la morte è il nostro fantasma che si ramifica in tutte le direzioni: quello della sopravvivenze e dell'eternità per le religioni, quello di verità per la scienza, quello di accumulazione e di produttività per l'economia.

Segundo a consciência natural, o homem teme não apenas a própria morte mais do que qualquer coisa, mas também chora com profunda tristeza pela morte dos seus [...] e censura como sem coração e sem amor aquele que, num caso como esse, não chora nem demonstra tristeza.

A sociedade contemporânea, contudo, não oferece espaços para a expressão desse luto. “O sobrevivente fica esmagado entre o peso da sua dor e o interdito da sociedade. Já não tem com quem falar sobre o único assunto que lhe interessa: o ente querido falecido” (Ariès, 2014, p. 608) - situação que, além de psicológica, é também espiritual e teológica. O sofrimento humano, reduzido a fenômeno clínico, perde sua dimensão de mistério e comunhão.

Por isso, torna-se necessário reaproximar a reflexão sobre a morte de sua dimensão simbólica, espiritual e comunitária. A experiência da dor e do luto não pode ser compreendida apenas nos termos da biologia ou da psicologia; ela reflete o clamor mais profundo da alma humana diante do finito. É nesse horizonte - onde se entrelaçam o corpo, a memória, a fé e a esperança - que se abre o caminho para a próxima reflexão: o luto como experiência espiritual e pastoral.

CAPÍTULO II O LUTO

Você então acha que eu sou como o vento de outono, que se alimenta de lágrimas até sobre uma sepultura, e para quem a dor é apenas uma gota d'água?

A Musa. (Musset, 1850, p. 338)¹⁹

Alfred de Musset (1810-1857), no diálogo entre a Musa e o Poeta em *La Nuit de Mai* (*A Noite de Maio*), exprime poeticamente a incompreensão que muitas vezes cerca o sofrimento do enlutado. O luto, como experiência humana universal, apresenta-se como um processo de dor profunda, frequentemente amedrontadora, que exige tempo, escuta e elaboração simbólica.

A tristeza, segundo Szentmártoni (2006, p. 130), nasce de um sentimento de perda de algo ou alguém a quem se atribui grande valor afetivo. A intensidade dessa dor depende da estima envolvida; e, em geral, a tristeza mais profunda é provocada pela perda de pessoas queridas. O luto é um processo dinâmico, necessário para que o indivíduo possa, gradualmente, integrar a perda e reencontrar sentido em sua existência.

Freud, em seu clássico *Luto e melancolia* (eBook), compreende o luto como um trabalho psíquico: o ego, absorvido pela lembrança do objeto perdido, torna-se temporariamente inibido, retirando energia do mundo externo até poder desprender-se e reinvestir na vida. Trata-se de um processo natural, ainda que doloroso, que exige a possibilidade de expressão do sofrimento.

Contudo, como observa Cerasola (2020, pos. 129), o papel do morto é ambíguo e duplo: de um lado, é objeto de amor e saudade; de outro, desperta o medo, pois obriga os vivos a confrontar a finitude da própria existência. “O morto encarna uma potencial agressividade, uma emergência de risco para a vida que continua”, e a comunidade deve reorganizar-se em torno dessa ausência.

Do ponto de vista teológico, o sofrimento é parte constitutiva da condição humana. São Paulo o descreve com a imagem das dores de parto: “Pois sabemos que, até o presente, a criação inteira geme e sofre em dores de parto” (Rm 8,22). Tanquerey (2014, p. 7) interpreta este versículo como sinal de que o sofrimento não é punição, mas participação na dinâmica da criação e redenção.

A experiência da dor, porém, exige escuta. “A dor é silenciosa, mas também silenciada”, lembra Caselatto (2020, eBook). Validar o sofrimento é um ato essencial de caridade; requer

¹⁹ Tradução nossa: *Crois-tu donc que je sois comme le vent d'automne, Qui se nourrit de pleurs jusque sur un tombeau, Et pour qui la douleur n'est qu'une goutte d'eau ? La Muse.*

atenção e presença. Yalom (2008, p. 14) completa: “Apesar da concretude da morte nos destruir, a ideia da morte nos salva.” Essa necessidade de escuta empática é comoventemente ilustrada por Anton Tchekhov no conto *Tristeza*: Iona, um cocheiro que perde o filho, tenta narrar sua dor, mas não encontra ninguém disposto a ouvi-lo. Apenas o seu cavalo, mastigando em silêncio, torna-se o confidente possível de sua solidão. “O cavalo foi mastigando, enquanto parecia escutar... Então Iona animou-se e contou-lhe tudo.” Mendonça (2013, p. 18) conclui: “E nós, a quem vamos contar?”

Na perspectiva cristã, o Papa Francisco recorda que “oferecer gratuitamente um pouco do próprio tempo para escutar as pessoas é o primeiro gesto de caridade” (*Mensagem para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o ouvido do coração*). A escuta verdadeira exige empatia - entrar no mundo interior do outro sem julgamentos, acolhendo-o com suas dores, silêncios e esperanças.

Essa escuta é também ato de amor redentor, pois abre espaço para a graça que consola. Arantes (2019, p. 52) sintetiza com precisão pastoral: “Cada dor é única. Cada ser humano é único. Mesmo em gêmeos idênticos, com o mesmo DNA, temos expressões de sofrimento absolutamente diferentes.” Dessa forma, o luto não deve ser reprimido nem patologizado, mas acompanhado. Ele é o lugar onde a fé encontra a humanidade: na escuta, no silêncio compartilhado e na esperança que brota da compaixão.

O sofrimento decorre da própria condição humana. O homem, ser dotado de sensibilidade, está sujeito à dor, à alegria e à tristeza. Como adverte São Paulo, “a tristeza segundo Deus produz um arrependimento salutar, do qual ninguém se arrepende, enquanto a tristeza do mundo produz a morte” (2Cor 7,10). São Francisco de Sales (2022, p. 441) distingue entre essas duas formas de tristeza:

A má tristeza perturba a alma, inquieta-a, inspira temores desregrados, tira o gosto da oração, traz ao espírito uma sonolência de morte, impede-a de tirar proveito dos bons conselhos, de tomar resoluções e ter o ânimo e a força de fazer qualquer coisa.

O amor cristão, por sua vez, manifesta-se concretamente no cuidado com os que sofrem, expressão da caridade ativa. Robert Mallet observa que o horror contemporâneo diante da morte denuncia a perda da interioridade espiritual do homem moderno:

O horror que o homem moderno tem à morte é sinal da sua superficialidade e alienação, ou, em outras palavras, da falta de vida interior. E isto não se deve apenas à nossa natureza, que, deixada a si mesma, tende a desagregar-se. Deve-se também ao ambiente cultural e tecnológico em que vivemos, em que tudo conspira para a distração e o amortecimento dos espíritos (SERTILLANGES; CARVALHO, 2024, Prefácio, p. 11).

A sociedade contemporânea, ao transferir o morrer para os hospitais, transformou a morte em um evento oculto e impessoal. Hennezel (2004, p. 11) denuncia esse afastamento:

Hoje a morte acontece em centros médicos, na impessoalidade dos hospitais, lugares inadequados ao adeus mais íntimo e comovido. Oculta-se a morte como se ela fosse vergonhosa e imunda. Não se vê nela senão horror, absurdo, sofrimento penoso e inútil, escândalo insuportável, enquanto ela é o momento culminante de nossa vida, sua coroa, o que lhe confere sentido e valor.

Diante do sofrimento, as reações humanas variam. “A dor transforma algumas pessoas em amargas e invejosas; outras, em sensíveis e compassivas”, observa Kushner (2006, p. 75). O autor destaca que é o resultado da dor, e não a dor em si, que confere significado ou destruição à experiência. Essa dimensão encontra eco na sensibilidade poética de Emily Dickinson (2007, p. 67-69), para quem a dor é quase um tempo suspenso:

Essa é a hora de chumbo –
Que se relembra, se superada,
Como alguém enregelado recorda a neve:
Primeiro, o frio – depois, o torpor – e, então, o deixar-se ir –.²⁰

Compreender que “a dor é o preço que pagamos por estarmos vivos” (KUSHNER, 2006, p. 74) permite uma mudança de postura espiritual: não se trata de negar o sofrimento, mas de dar-lhe sentido, transformando-o em caminho de crescimento e amadurecimento interior. A experiência da perda também suscita ansiedade e desesperança. Viorst (2021, p. 39) descreve a transição entre ambas:

A perda dá origem à ansiedade quando é iminente ou considerada temporária. A ansiedade contém as sementes da esperança. Mas quando a perda parece permanente, a ansiedade transforma-se em depressão – desespero – e não só nos sentimos sozinhos, mas tristes e responsáveis; sem esperanças e desesperados.

Em sua leitura fenomenológica, Miranda (1996, p. 17) ressalta que o luto pode converter-se em caminho terapêutico e espiritual, de reconciliação consigo mesmo e com o mundo:

Nesses momentos, o enlutado é levado a recuperar sua própria densidade [...]. O luto será um caminho de retomada ou redescoberta de sua própria identidade e lugar. Para isso serão necessárias muitas etapas, passíveis de ser ajudadas pelos ritos profanos e sagrados presentes nas exéquias e pelo processo de luto.

A dimensão religiosa do sofrimento é assumida também pelo *Catecismo da Igreja Católica*, que o compreende como momento de provação e busca de Deus:

A enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. Toda doença pode fazer-nos entrever a morte (CEC, 1500).

²⁰ Tradução de Ivo Bender. *This is the Hour of Lead – Remembered, if outlived, As Freezing persons, recollect the Snow – Firts – Chill – then Stupor – then the letting go –*

Mas o Catecismo ensina que o sofrimento pode ser lugar de encontro com o essencial:

A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca uma busca de Deus, um retorno a Ele (CEC, 1501).

Dessa forma, o sofrimento, longe de ser mero castigo ou absurdo, pode ser compreendido, à luz da fé, como espaço de purificação, autoconhecimento e encontro com Deus. É nesse horizonte que a pastoral da escuta, o acompanhamento do luto e a espiritualidade cristã encontram sua tarefa: transformar a dor em travessia pascal, capaz de gerar vida nova.

A angústia, segundo Søren Kierkegaard, é parte essencial da liberdade humana. Ela nasce do abismo de possibilidades que o ser finito contempla diante de si: “A angústia é a possibilidade da liberdade; só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões” (KIERKEGAARD, 2013, p. 162). Essa percepção filosófica encontra eco na tradição cristã. Lyonard (1866, p. 227) ensina que o sofrimento, longe de ser estéril, pode tornar-se fonte de graças e meio de santificação:

Creiamos firmemente que há, nas dores, nos trabalhos, nas doenças, nas tribulações dos membros vivos de Jesus Cristo, tesouros inestimáveis de graças enterrados e ocultos. Usemos esses tesouros com grande espírito de fé, de humildade, de paciência, de amor e de zelo, para o nosso próprio bem espiritual e para a salvação e perfeição dos irmãos em Jesus Cristo.²¹

Morrer é um ato solitário: não apenas separa dos outros, mas expõe uma solidão mais profunda - a separação do mundo. Nossa cultura, observa Silveira (2019, p. 58), ergueu uma cortina de silêncio em torno da morte e dos moribundos:

Na presença dos que estão morrendo, amigos e familiares se distanciam por não saber o que dizer. Aproximar-se do moribundo provoca a ansiedade e o medo de confrontar a própria morte. Nessas horas, a Igreja não pode falhar. É preciso que haja a presença de alguém da Igreja para rezar junto, para estar ali consolando pela falta da pessoa que se foi.

O sofrimento e a perda exigem tempo e elaboração. Burggraf (2012, p. 62) recorda que o processo de luto é um movimento natural de desprendimento, sinal da própria vitalidade:

Pode-se compreender a dor de quem perde alguém amado [...]. Mas, passado algum tempo, deixará de chorar. Isso não é falta de lealdade, mas sinal de que ele está vivo. Permanecer indefinidamente na dor bloqueia o ritmo da natureza; então a relação com o falecido deixa de ser sadia.

²¹ Tradução nossa. *Croyons fermement qu'il y a dans les peines, les travaux, les maladies, les tribulations des membres vivants de Jésus-Christ, des trésors inappréciables de grâces enfouis et cachés. Exploitions-les avec un grand esprit de foi, d'humilité, de patience, d'amour et de zèle pour notre propre bien spirituel, et pour le salut et la perfection de frères en Jésus-Christ.*

Nesse sentido, Yalom (2008, p. 36) destaca o valor revelador da morte: “A consciência da morte pode servir como uma experiência catalizadora para grandes mudanças na vida.” A morte, pressentida, pode abrir o espírito à transcendência, como descreve Henri-Dominique Perreyve (1905, p. 298–299):

A morte [...] rompe os laços estreitos que retêm uma alma excessivamente presa a afetos particulares [...]. Ela mostra, de repente, numa luz intensíssima, a extrema simplicidade das coisas [...]. Tal é, meu filho, o ensinamento sagrado da morte. Felizes as almas que, tendo-o recebido e retornando à vida, não guardam em vão sua lembrança.

Sertillanges (2024, p. 14) sintetiza essa experiência de fé: “A morte nem sempre é a inimiga que se imagina. Padecendo com ela, o amor sabe como vencê-la.” Yalom (2024, p. 98–99) ilustra isso com o testemunho de uma jovem que, ao perder o pai, descobriu um amor pela vida antes inimaginável - uma nova consciência do essencial e da mortalidade que transforma o medo em gratidão.

Perdi meu amado pai dois anos atrás e passei, desde então, por um crescimento antes inimaginável. Antes disso, muitas vezes questioneei a capacidade de confrontar minha finitude e fui assombrada pela ideia de que eu, também, algum dia iria embora dessa vida. Entretanto, encontrei agora nesses medos e angústias um amor pela vida que não conhecia antes. Sinto-me às vezes distante de meus amigos porque me preocupo menos com eventos passageiros secundários e com estilos. No entanto, consigo aceitar a distância porque sinto que tenho um forte domínio sobre o que é e o que não é importante. Acho que vou ter de aprender a lidar com a pressão por fazer coisas que vão enriquecer a minha vida em vez das que a sociedade espera de mim... É maravilhoso saber que minha ambição reacendida é mais do que um disfarce para meu medo de morrer. Ela é, na verdade, minha própria disposição em aceitar e reconhecer a mortalidade. Acho que adquiri uma certa confiança real na minha habilidade para “compreender”.

A morte constitui também um desafio pastoral. O Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, trata a morte como um dos problemas mais profundos da condição humana, à luz do mistério pascal. O sacerdote e o agente pastoral são chamados a fazer dessa realidade uma ocasião de fé e consolo. Silveira (2019, p. 58) observa que a ausência de empatia por parte do ministro “pode isolá-lo de seus fiéis e transformá-lo em um funcionário do sagrado”. Por isso, é preciso “chorar com os que choram”, conforme recomenda o documento *Liturgia pelos mortos: Orientação pastoral da Comissão Nacional de Liturgia*, (n. 1), para que a homilia não seja “desencarnada, de quem fala porque não vive o fato”.

Celebrar exéquias é, antes de tudo, um ato de compaixão. Exige compreender a dor concreta do enlutado - o vazio, a saudade, o silêncio - e permitir que a liturgia se torne um espaço de travessia, da tristeza à esperança. Raniero Cantalamessa (2019, p. 72) recorda que os ritos fúnebres são, nas diversas culturas, “ritos de passagem”, nos quais o ser humano se

confronta com o mistério do fim. No ambiente cristão, tais ritos são ocasião privilegiada de evangelização:

No ambiente cristão, os funerais ainda são o rito menos mundanizado, aquele em que as pessoas estão mais dispostas a refletir e menos distraídas. A Igreja pode perder essa oportunidade de dois modos: pela incapacidade de colocar-se diante da morte de forma humana, ou pela incapacidade de ir além dessa atitude.

Em muitos contextos europeus, nota Cantalamessa (2019, p. 73–74), a Igreja tem sido substituída por funerais “humanistas” e seculares, nos quais “não se fala de Deus nem de vida eterna”. Essa tendência, contudo, nasce menos de uma rejeição da fé e mais da carência de humanidade nas celebrações religiosas - ritos anônimos e frios, que ignoram a história e o sofrimento do falecido e de sua família.

Conhecer a dor é escutar o coração de quem perdeu, sem respostas prontas ou discursos abstratos. Assim, a Palavra de Deus proclamada nas exéquias torna-se consolação viva, não explicação teórica. Quem compreende o sofrimento humano é capaz de transformar a liturgia em um ato de fé e esperança, iluminado pela luz do Ressuscitado.

O impacto da morte e as reações ao luto variam segundo o momento do ciclo vital, as circunstâncias e a personalidade dos envolvidos. Eizirik et al. (2013, p. 245) observam que a dor tende a ser mais intensa quando o falecimento ocorre de forma prematura ou inesperada, como no caso de uma criança ou de uma morte violenta.

Szentmártoni (2006, p. 152–153) identifica quatro fatores principais que influenciam a vivência do luto:

1. a causa da morte - quanto mais repentina, maior a dor e menor a aceitação;
2. a relação com o falecido - o grau de intimidade e afeto influencia a intensidade do luto;
3. o contexto humano e social - o apoio familiar e comunitário é determinante;
4. os recursos pessoais - pessoas mais isoladas e menos propensas a expressar sentimentos tendem a reagir de forma negativa à perda.

A dor do luto, portanto, deve ser compreendida não apenas como experiência psicológica, mas também espiritual e pastoral. Ela exige da Igreja uma presença que una empatia humana e fé pascal. Celebrar exéquias é testemunhar a comunhão que ultrapassa a morte - o encontro entre o sofrimento humano e a esperança da ressurreição.

2.1. O Cérebro de Luto

Não só vivo meu luto a cada dia interminável, como também vivo a cada dia pensando sobre o que é viver todos os dias em luto.

C. S. Lewis (citado por O’CONNOR, 2023, p. 203)

O luto é uma das experiências mais profundas e transformadoras da existência humana. Representa o esforço da mente e do coração para reorganizar o mundo interno após a perda de alguém amado. Para O'Connor (2023, p. 14–15), trata-se de um processo de aprendizado:

Enlutar-se exige a difícil tarefa de jogar fora o mapa que usávamos para navegar a vida juntos e transformar nosso relacionamento com a pessoa que morreu. [...] Ver o luto como um tipo de aprendizado pode nos dar a paciência de permitir que esse processo extraordinário aconteça.

O cérebro humano precisa reconfigurar seus circuitos de apego para compreender a ausência definitiva. Os mesmos neurônios que se ativavam ao esperar a presença do ente querido continuam a disparar após sua morte, gerando confusão e desorientação (O'CONNOR, 2023, p. 27–34). O luto é, portanto, uma tentativa de “revisar o mapa virtual da vida”, reordenando o mundo sem a pessoa amada. A neurociência confirma que esse processo demanda tempo e repetição de experiências, até que o cérebro aceite a nova realidade.

Essa desorientação psíquica é acompanhada de uma busca por sentido espiritual. As religiões, observa O'Connor (2023, p. 38), oferecem rituais e crenças que atenuam o sofrimento e proporcionam consolo. A fé atua como mediadora da dor, oferecendo linguagem e esperança. A psiquiatra Kathy Shear, citada pela autora (p.55), sintetiza: “O luto é a forma que o amor assume quando alguém que amamos morre”.

Arantes (2019, p. 172–173) aponta que toda perda - inclusive as simbólicas - convida à reconciliação e à transformação: o perdão a si mesmo e ao outro, o reconhecimento do bem vivido e a consciência de deixar um legado. Aceitar a perda torna-se, assim, ato vital de continuidade.

A empatia e a compaixão são atitudes centrais nesse processo. A empatia coloca-nos no lugar do outro; a compaixão transforma o sofrimento em presença ativa. Os ritos fúnebres são expressões comunitárias dessa partilha. O documento *Liturgia pelos mortos: Orientação pastoral da Comissão Nacional de Liturgia* (n. 18)²² recorda:

Na preparação e organização das exéquias, os sacerdotes devem ter diante dos olhos, não só a pessoa de cada morto e as circunstâncias de sua morte, como também, afável e compreensivamente, considerar a dor e as necessidades da vida cristã dos familiares.

Elizabeth Kübler-Ross (1969) propôs o conhecido modelo das cinco etapas do luto - negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Estudos posteriores, como os de Holland e Neimeyer, mostraram que o processo é menos linear, oscilando entre dor e aceitação, como ondas que sobem e descem ao longo do tempo (O'CONNOR, 2023, p. 96 e 104).

²² Doravante denominado Liturgia dos Mortos.

O estudo *CLOC*²³, de Bonanno e colaboradores, identificou quatro trajetórias possíveis: *resiliente*, *luto crônico*, *depressão crônica* e *depressão melhorada*, confirmando a pluralidade das reações diante da perda.

Essas variações revelam que o luto é condicionado por fatores como a causa da morte, a relação com o falecido, e o contexto emocional e familiar. A morte súbita ou traumática tende a provocar maior choque e incredulidade; as doenças prolongadas, embora permitam despedidas graduais, acumulam exaustão e impotência. Perdas afetivas profundas - como a de um filho ou cônjuge - causam rupturas psíquicas intensas, podendo gerar ansiedade, culpa e dificuldades de readaptação.

A fé cristã oferece uma leitura singular do sofrimento e da morte: a esperança na ressurreição. Crer na vida eterna e na vitória de Cristo sobre a morte dá ao fiel a coragem de transformar a dor em confiança. “Acreditar na vida eterna [...] ajuda os fiéis a enfrentarem a finitude com esperança e coragem”, escreve O’Connor (2023, p. 150). Essa fé, porém, não nega o sofrimento: ela o transfigura.

Garrigou-Lagrange, citado por Tanquerey (2014, p. 84, nota 9), vê na fé da Virgem Maria ao pé da cruz o supremo ato de confiança:

É impossível conceber maior ato de fé do que o da Virgem no Calvário [...] Quando Jesus, humanamente falando, parece totalmente vencido, Maria não cessa de crer que seu Filho é o Salvador da humanidade.

A Virgem é, assim, o modelo perfeito da fé diante da perda: crê no meio das trevas, confia quando tudo parece terminado. Sua atitude ilumina a vivência cristã do luto e inspira o ministério pastoral das exéquias, que visa consolar, sustentar e evangelizar os enlutados.

As exéquias cristãs católicas, nesse contexto, são expressão de esperança e solidariedade. Elas unem a dimensão humana do sofrimento à fé na vida eterna, tornando-se rito de passagem e de consolação. O luto, iluminado pela fé, transforma-se em caminho espiritual: da dor à confiança, do silêncio à esperança.

Assim, compreender o luto não é apenas tarefa psicológica ou pastoral, mas exercício de humanidade e fé. Como recorda São Paulo, “a tristeza segundo Deus produz arrependimento salutar, enquanto a tristeza do mundo produz a morte” (2Cor 7,10). No horizonte cristão, o luto é dor que amadurece, amor que permanece e fé que espera.

²³ CLOC – Changing Lives of Older Couples (mudanças de Vidas em Casais Idosos, ou CLOC), feito na Universidade de Michigan com financiamento do Instituto Nacional de Envelhecimento.

2.2. Velório de caixão fechado.

Luto aberto num caixão fechado.

*Mostraram-me o que restou de ti: um vulto
Preso em madeira e em plástico selado.
Sem rosto, sem sinal, sem último insulto
À dor que ainda me corta o peito, o lado.
Tua partida foi sombra e foi tumulto.
Não pude ao menos chorar teu corpo amado,
Nem tua mão apertar no último culto,
Nem contemplar o tempo em ti calado.*

O sofrimento é experiência constitutiva da condição humana. Ele acompanha o existir e revela, paradoxalmente, nossa vulnerabilidade e nossa capacidade de comunhão. Sofrer é, também, abrir-se ao outro, acolher cuidado, e partilhar com alguém a própria dor. Contudo, há circunstâncias em que essa partilha é impedida. As pandemias, como a da Covid-19, expõem o ser humano ao medo, à insegurança e à ruptura das referências mais profundas - culturais, afetivas e religiosas. São tempos em que “a própria vida parece estar em risco”, e emergem perguntas abissais: “Por que isto acontece? Onde está Deus? Por que Ele permite tal sofrimento?”

É nesse contexto de dor, isolamento e morte coletiva que a Igreja é chamada a exercer sua missão de consolar e celebrar a esperança. As exéquias, especialmente quando realizadas com caixão fechado, assumem valor pastoral singular, pois impedem o último olhar, o toque, a despedida. Bonanno e Kaltman (1999) apontam que a impossibilidade do contato visual com o corpo do falecido pode aumentar sentimentos de negação, ansiedade e dificuldades na aceitação da morte. Tal privação, além de afetar o equilíbrio emocional, pode prolongar o processo de elaboração do luto.

Estudos neurocientíficos confirmam essa dinâmica. O contato visual e a interação com o corpo do falecido ativam áreas cerebrais ligadas ao processamento emocional e à formação de memórias, facilitando a aceitação da perda (KROSS; BERMAN; MISCHER, 2011). Quando essa experiência é negada, o cérebro mantém os mesmos “mapas neurais” da convivência anterior, incapaz de integrar a ausência - razão pela qual a pessoa enlutada “caminha em dois mundos ao mesmo tempo”, entre a realidade e a lembrança.

Fernandes, Esperandio e Sanches (2020, p. 63) registram o testemunho pungente de um pai que perdeu o filho durante a pandemia:

Será que não entendem a minha dor de ter que ir ao hospital, reconhecer o corpo do meu filho, não poder abraçar, não poder cuidar, não poder botar uma roupa nele e vê-lo ser jogado dentro de um saco? Será que não entendem que não pude velar meu filho?

Na dor desse pai, ecoa o sofrimento universal das famílias que, privadas do rito e do corpo, ficaram sem o gesto simbólico da despedida. Essa privação recorda o pranto de Raquel, que “chora por seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem” (Jr 31,15). Sua recusa ao consolo revela o limite humano diante da perda, mas também a fé que confia em um Deus capaz de ouvir o clamor e prometer: “Há esperança para teu futuro” (Jr 31,17).

No horizonte cristão, as lágrimas tornam-se oração. Na tradição bíblica, chorar é velar, interceder, deixar que a compaixão encontre sentido no coração de Deus. O pranto, purificado pela fé, torna-se semente de esperança: “Fostes resgatados pelo precioso sangue de Cristo, como de cordeiro sem mácula” (1Pd 1,18). A criação ensina que, após catástrofes e invernos, brotam flores e primaveras. Assim também no luto: da escuridão pode nascer a fé madura.

Mais do que nunca, a presença humana - ainda que silenciosa - adquire força sacramental. O acompanhar o enlutado é um gesto de profunda caridade. Nino Carta – um dileto amigo que diariamente envia-me um passapalavra por ele redigido - sintetiza essa espiritualidade ao afirmar: “Saber deter-se junto ao próximo, no sentido de perder tempo com ele, é uma das atitudes mais bonitas e afetuosas. [...] É apertar as mãos como para dizer: ‘estou aqui para caminhar um pouco contigo’.”

Essa presença solidária não exige palavras elaboradas, mas atenção e escuta. É o “parar junto” que cura, o estar com o outro no tempo do silêncio e da lágrima. O Papa Francisco (EG, n. 169) descreve esse gesto como “a arte de tirar as sandálias diante da terra sagrada do outro”. Trata-se de reconhecer que a dor alheia é espaço sagrado - e que, diante dela, o amor cristão deve se fazer presença humilde e paciente.

O “parar com os outros”, escreve o Papa, é um dos atos fundamentais de proximidade. Ele rompe o “anonimato espiritual” da solidão e cria comunhão. Essa convivência compassiva molda os corações e transforma a dor em fonte de vida nova. Assim, o luto torna-se caminho espiritual: ao acolher a dor do outro, também nos descobrimos curados, pois “ajudando o outro, crescemos junto com ele” (Nino Carta).

As exéquias, mesmo em tempos de distanciamento, devem conservar esse caráter de proximidade, escuta e esperança. Celebrar diante de um caixão fechado é proclamar que nenhuma barreira - nem a morte, nem o plástico, nem o isolamento - impede a comunhão em Cristo Ressuscitado. O luto, iluminado pela fé, transforma-se em louvor silencioso e em promessa de reencontro: “Felizes os que choram, porque serão consolados” (Mt 5,4).

2.3. A morte súbita.

Se eu, repentinamente, retirar alguém desta vida, a utilidade de sua vida está completa.

Hildegarda de Bingen (Scivias, III, 3,26)

A morte súbita - inesperada, abrupta, sem preparação - tem sido objeto de perplexidade em todas as épocas. Ela rompe o curso natural do ciclo vital, surpreende o ser humano e impõe aos que ficam uma dor aguda, difícil de compreender e elaborar. Rubem Alves, em lúcida crônica sobre o tema, define-a poeticamente: “A morte súbita é um assalto sem bilhete. Mas às vezes é bondade: não nos deixa preparar mentiras” (*Sobre o morrer. Folha de S. Paulo*, 18 out. 2011).

A morte inesperada desinstala o homem moderno, habituado ao controle e à previsibilidade. Nela, a fragilidade da existência se revela em toda a sua nudez. O *Livro da Sabedoria* (4,14) oferece, porém, uma leitura teológica consoladora: “Pois sua alma agradou ao Senhor, por isso foi apressadamente retirada do meio da maldade.”

A tradição bíblica vê, portanto, a morte precoce dos justos como parte de um desígnio divino de misericórdia, que os preserva do mal. Hildegarda de Bingen (†1179) expressa semelhante compreensão mística ao afirmar que a retirada súbita da vida indica a plenitude da missão: a existência cumpriu sua utilidade perante Deus.

São Gregório Magno (*Catena Aurea*, vol. III, Lectio X: V. 35–40), compara a morte súbita à chegada de um ladrão à noite:

O ladrão mina a casa sem que o pai de família o perceba, porque, enquanto o espírito dorme esquecido de sua sentinela, a morte, vindo de improviso, arromba a morada da carne. [...] O Senhor quis manter desconhecida a hora derradeira para que, não podendo prevêê-la, nos preparássemos continuamente para sua vinda.

Essa interpretação ecoa o Evangelho (Mt 24,42–44): a incerteza do momento final é chamada à vigilância espiritual. A imprevisibilidade da morte é pedagógica: exorta à conversão e à prontidão interior.

Santo Agostinho, em suas *Confissões* (IV, 6), narra a morte repentina de um amigo de juventude - batizado às pressas - com palavras de pungente dor: “Eis que, de repente, ele foi tirado desta vida, e a doçura da minha alma se tornou trevas.”

O episódio traduz a experiência existencial do luto: o abalo que desnuda a vulnerabilidade da alma e a força dos vínculos afetivos. O luto de Agostinho é paradigmático: a perda repentina transforma a fé em busca, o consolo em oração.

A sociedade contemporânea, observa Carnaúba, Pelizzari e Cunha (2016), tende a silenciar a morte e a tratá-la como fracasso. O homem pós-moderno, dominado pela técnica e pela eficiência, evita a reflexão sobre a finitude. Freud (2009) observa que “ninguém acredita em sua própria morte”, e que o pensamento da morte é deslocado sempre para o outro. Essa recusa cria terreno fértil para o espanto e o colapso emocional quando a morte irrompe sem aviso.

As circunstâncias da morte - acidente, enfermidade súbita, violência - determinam as reações e a intensidade do sofrimento. Em mortes acidentais (domésticas, de trânsito, laborais), o enlutado busca compreender o “porquê” do ocorrido, como tentativa de integrar cognitivamente a perda. Oates, citado por Moura (Dissertação: *Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte*), assinala que essa busca de explicação diminui a confusão e a ansiedade, funcionando como mecanismo psíquico de reconstrução do sentido.

Já as mortes violentas - homicídios, latrocínios, confrontos policiais, tragédias - apresentam complexidade maior: envolvem culpa, ódio, revolta e questionamentos éticos e religiosos. A dor se mistura à sensação de injustiça e ao abalo da fé. Nessas situações, o ministro das exéquias é chamado a exercer prudência, empatia e amor pastoral, sustentando a assembleia sem ceder à indignação, mas oferecendo o consolo da esperança cristã.

O Evangelho ensina: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19,19). Santa Chiara Lubich (2006, p. 69) comenta que é somente com esse amor - de natureza divina - que é possível “vincular-se à dor do irmão” e realmente confortá-lo. A caridade torna-se o primeiro ato de cura do coração ferido.

O testemunho de Lianna Rebolledo, em entrevista à ACI Digital (“*Só Deus consola a dor pela morte de um ente querido*”), ilustra a fé que nasce da ferida:

É preciso encontrar um sentido para a morte, não um sentido para a perda. Trata-se de encontrar um sentido para a vida que agora se terá de enfrentar. [...] O mais importante é lembrar que a única pessoa que pode consolar um coração partido é Cristo. Muitas vezes o que a pessoa necessita é simplesmente desabafar e chorar.

Suas palavras evidenciam o papel da fé e da escuta compassiva. O verdadeiro consolo não está em discursos, mas em presença silenciosa e oração partilhada. O Papa Francisco (Audiência Geral, 11 nov. 2020) reforça: “É preciso rezar sempre, até quando tudo parece vão, quando Deus nos parece surdo e mudo, e pensamos perder tempo.”

A morte em confrontos policiais revela ainda uma dimensão social e teológica delicada. O sentido pastoral da celebração varia conforme a pessoa falecida - policial ou civil -, mas o olhar cristão não distingue culpados ou inocentes diante da morte. O presbítero é chamado a

celebrar a misericórdia, não o juízo. A Oração Eucarística IV recorda: “Lembraí-vos também de todos os mortos, dos quais só vós conhecestes a fé.” Essa perspectiva impede a Igreja de se tornar tribunal e a mantêm fiel à sua missão de consolar e interceder.

Em toda morte - súbita, violenta ou natural - a pastoral das exéquias tem por vocação anunciar o Deus da vida no coração do absurdo. A fé não elimina a dor, mas a transfigura em esperança. O luto cristão é, assim, caminho pascal: da escuridão da perda à luz da ressurreição.

2.4. Suicídio.

*Ó Morte, tu que és o beijo da Esperança,
Vem dar-me o teu ósculo fatal e amigo,
Que a minha alma, no mundo, anda sem abrigo,
Como a nau sem mastros, como a vela sem lança.*
Antônio Nobre, *Só*, 1892.

A palavra suicídio, criada em 1737 por Desfontaines, deriva do latim *sui* (si mesmo) e *caedere* (ação de matar), e designa o ato intencional de pôr fim à própria vida (ASSUMPÇÃO JUNIOR, 2018). Trata-se de uma ação voluntária, planejada e reflexiva que, segundo Solomon (2018), parte da convicção de que a morte representa o fim absoluto, e não uma passagem. Assim, mais do que um gesto de coragem ou de covardia, o suicídio é um ato de desespero, expressão de uma dor que se tornou insuportável.

O suicídio é uma morte repentina e violenta que causa profunda ruptura na experiência humana. Ele interrompe o curso da vida e priva os que ficam da oportunidade de despedida, gerando um hiato doloroso na experiência do luto. Rabelo (2019) observa que, nas narrativas de suicídio, coexistem afetos ambíguos e contrastantes: o desejo de viver e o de morrer, a busca por alívio e o medo da perda de si. Nessas experiências extremas, o suicídio aparece, paradoxalmente, como “uma saída de emergência”, uma abdicação simultânea de si e do outro - um gesto radical de quem não encontra mais sentido na própria existência.

Ainda hoje, o suicídio é um tabu social. É visto como fraqueza ou escândalo, e, mesmo quando antecedido por longo sofrimento, carrega o estigma do silêncio. A escritora inglesa Virginia Woolf expressou, em sua carta de despedida ao marido Leonard, o desespero que a consumia:

Tenho certeza de que vou enlouquecer de novo... Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando sua vida, que sem mim você poderia trabalhar. [...] Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade (Carta a Leonard Woolf, 1941)

A dor de quem se mata reverbera em ondas. Pesquisas recentes apontam que cada suicídio impacta diretamente dezenas de pessoas. Levi-Belz, Kleinberg e Cerel (2025) estimam

que até 135 indivíduos podem ser afetados - familiares, amigos e membros da comunidade. Berman (2011), citado nas *National Guidelines for Responding to Grief, Trauma, and Distress After a Suicide*, indica que cada morte autoinfligida atinge de 20 a 28 pessoas de modo intenso e duradouro. A Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta que, a cada 40 segundos, alguém morre por suicídio no mundo - mais de 800 mil pessoas por ano - e que essa é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos.

Esse impacto múltiplo exige atenção pastoral diferenciada. Nas exéquias de pessoas que morreram por suicídio, a Igreja orienta que se celebre com a mesma esperança pascal, enfatizando a misericórdia divina e evitando qualquer tom de condenação. A Liturgia dos Mortos (n. 8) recomenda um cuidado especial às famílias, para que encontrem na liturgia “consolo, ternura e esperança”. Tal recomendação pastoral implica quatro atitudes fundamentais:

1. *Compaixão* com todos os enlutados direta e indiretamente atingidos;
2. *Prudência* nas palavras litúrgicas e homiléticas, evitando qualquer julgamento;
3. *Ressalto da misericórdia de Deus* como horizonte da esperança cristã;
4. *Promoção da vida como dom divino*, estimulando a comunidade à prevenção e ao cuidado mútuo.

O comportamento suicida, segundo Goodfellow e Kølves (2018), é um fenômeno multicausal e complexo, envolvendo fatores psicológicos, biológicos, sociais e espirituais. Penso e Sena (2020) e Orellana et al. (2020) destacam que, entre os jovens, a vulnerabilidade aumenta por causa de conflitos familiares, ausência de vínculos sólidos, dificuldades afetivas e expectativas frustradas. A juventude contemporânea vive, muitas vezes, em meio a relações frágeis e utilitaristas, sentindo-se sem lugar e sem futuro. Nesses contextos, o desejo de morrer é, em última análise, desejo de cessar o sofrimento, e não necessariamente de extinguir a vida.

O suicídio revela, assim, não apenas um drama individual, mas também um fracasso coletivo de cuidado. Frequentemente, há sinais prévios de rompimento de vínculos e sobrecarga emocional que não foram percebidos ou acolhidos. O sofrimento do enlutado, por sua vez, é agravado pelo estigma: vergonha, culpa e solidão cercam aqueles que perderam alguém dessa forma.

As torturantes perguntas teimam em invadir a alma de quem perde alguém por suicídio. “Como não percebi?”, “Por que não evitei?”, “Por que ele fez isso comigo?”, “Como viverei sem ele?”, “Eu não fui uma boa mãe ou uma boa esposa?”, e tantas outras. São interrogações que se repetem, incessantes, num diálogo doloroso e sem respostas. Na realidade, não há

culpados nem responsáveis. Quando o sofrimento se torna insuportável, é fundamental reconhecer os próprios sentimentos e buscar ajuda, pois, como afirma a literatura especializada, é possível ressignificar a vida e continuar a jornada.

Cristiana Jacó Monteiro Cascaldi, ao narrar sua própria experiência de mãe diante do suicídio do filho, traduz com autenticidade a devastação e o silêncio que se seguem a essa forma de perda:

Como eu poderia imaginar que naquele dia receberia a notícia mais devastadora de minha vida? Meu único filho, tão amado, tirara a própria vida. O velório e o enterro constituíram o movimento mais insólito da minha existência. ‘A vida requinta em ser cruel’, diz o último verso de *Assim a vida nos afeiçoa*, de Manoel Bandeira.

A morte por si só já é um tema difícil de abordar. Quando se trata de suicídio, as pessoas se calam. Carecemos de falar sobre o suicídio com a família, amigos, conhecidos. Trata-se de um grande tabu, mas mesmo sendo tão doloroso é preciso desmistificá-lo, esclarecê-lo.” (CASCALDI, 2022)

O testemunho de Cascaldi expressa o que muitos enlutados não conseguem dizer: o choque, o absurdo e o isolamento que cercam o suicídio. Seu relato evidencia que, diante dessa dor, o silêncio social agrava o sofrimento. A ausência de diálogo e de acolhimento transforma o luto em um peso quase insuportável. Daí a urgência pastoral e comunitária de romper o tabu, abrir espaços de escuta e falar sobre o suicídio com verdade, empatia e fé, sem julgamento, para que a dor encontre um caminho de expressão e a vida possa, pouco a pouco, reencontrar o sentido.

A Igreja, ao celebrar exéquias de pessoas que morreram por suicídio, não glorifica, não simplifica, nem julga o ato, mas intercede pela pessoa falecida e pelos vivos, reafirmando a esperança da salvação universal e o poder redentor do amor divino. Diante de tão grande mistério de dor, permanece a certeza de que a última palavra pertence à misericórdia de Deus, e não ao desespero humano.

Há um ponto da arte de amar que ensina como colocar em prática o verdadeiro amor pelos outros. É uma fórmula simples, feita de apenas duas palavras: “fazer-se um”. “Fazer-se um” com os outros significa assumir os fardos deles, as preocupações deles, partilhar os sofrimentos e as alegrias deles (LUBICH, 2006, p. 76). Esse “fazer-se um” traduz o próprio coração da pastoral cristã: colocar-se ao lado do que sofre, sem julgar, e sustentar a esperança na vida. O rito exequial torna-se, assim, um lugar de misericórdia e de reintegração, onde o amor de Deus é proclamado mais forte que a morte - inclusive a morte buscada por desespero. É importante, nas exéquias, “fazer-se um” com os enlutados por suicídio, facilitando sua conexão com Deus, com Cristo Jesus, o que, ensina-nos a psicologia, dá-lhes uma sensação de

conforto, alívio e vigor para continuar vivendo, quanto mais religiosos forem os enlutados pelo suicídio mais eles são seduzidos pela vida e se restabelecerão mais rapidamente.

2.5. A morte perinatal.²⁴

É um luto branco. Sem corpo, sem velório, sem datas marcadas no calendário da saudade. É um luto de planos desfeitos, de roupas que não serão usadas, de nomes que não serão chamados.

Ninguém me vê de preto. Mas tudo em mim está de luto. Porque existia. E já não existe mais.

Bianca Ramoneda²⁵

A gravidez é, para muitas mulheres, um tempo de plenitude e esperança. Apesar das fragilidades e ansiedades que o acompanham, é vivida como bênção, como participação no mistério da criação: a mulher torna-se cocriadora da vida, colaboradora do Pai, que insufla no corpo humano o sopro divino. No entanto, quando a gestação é interrompida pela morte do filho, antes ou logo após o nascimento, ocorre uma ruptura brutal da ordem natural da vida, atingindo o núcleo mais profundo da experiência humana.

Nas palavras de Torloni, citado por Muza (2013), “a morte de um feto é a morte de um sonho”. Essa perda desestabiliza a mãe, o pai e toda a estrutura familiar, pois a criança já estava simbolicamente presente em seus projetos, em seu imaginário, em seus afetos.

O luto perinatal, seja pré-termo ou pós-termo, é frequentemente um luto não reconhecido socialmente. Falta-lhe legitimidade e acolhida, e isso agrava o sofrimento dos pais. As reações sociais - muitas vezes bem-intencionadas, mas inadequadas - como “Calma, você é jovem e poderá ter outros filhos” ou “Foi melhor assim”, provocam um sentimento de incompreensão e solidão. Essas frases, ao negarem a profundidade da dor, invalidam o direito de sofrer.

A poeta Rupī Kaur exprime, com delicadeza, o vazio deixado por essa ausência:

tive uma vida dentro de mim
e agora ela está fora
e não sei
qual parte de mim
está mais vazia.
(KAUR, 2017)

A falta de apoio social e pastoral pode transformar a perda em uma ferida silenciosa. Bartilotti, citado por Muza (2013) observa que a morte perinatal atinge profundamente a

²⁴ Óbito de feto ou de recém-nascido.

²⁵ Atribuído a Bianca Ramoneda, poeta e jornalista, circulação digital, s.d.

autoestima da mulher, sua feminilidade e sua identidade maternal. A “criança morta” é também, de certo modo, “mãe morta”, pois a construção simbólica da maternidade - tecida ao longo da gestação - é abruptamente interrompida, despertando sentimentos de fracasso e impotência.

Após o parto de um natimorto, familiares e profissionais de saúde, movidos por zelo, frequentemente privam a mãe de viver o luto. Desfazem o quarto, doam as roupas e eliminam objetos que evocam o bebê, acreditando proteger os pais, mas acabam por negar-lhes o ritual da despedida. Monica Venâncio, psicóloga do Hospital Universitário da UFBA e responsável pelo ambulatório do luto da instituição, explica:

O bebê existe nos sonhos e nos planejamentos de vida. Ao longo da gestação, é comum que ele passe a existir no discurso dos pais, sendo nomeado, por exemplo. Ele já existe no imaginário e no simbólico dos pais (VENÂNCIO, *O luto neonatal*, AMP Projects).

Ter um filho que parte no ventre é perder o devir: o futuro que se esperava, as promessas, as possibilidades. Fukumitsu (2022, p. 14) descreve com precisão essa experiência: “O corpo se torna um memorial que registra o fato que machuca e, ao mesmo tempo, insiste em ser lembrado: o de que houve vida dentro da mãe.”

Nesse contexto, o luto gestacional impõe à mulher a necessidade de reorganizar seu mundo interno e reencontrar sentido para viver. A perda não deixa lembranças concretas, mas apenas o eco de um amor que não pôde se realizar.

Quando a dor é pouco acolhida, o sofrimento tende a se transformar em luto não reconhecido. Rosana de Rosa (2022, p. 25-26) relata com sensibilidade sua experiência:

Luiz Felipe ficou conosco, aqui na vida da matéria, por dois dias. Em função do meu estado ainda delicado, minha família decidiu que, como eu não poderia ir ao enterro, só me contaria no dia seguinte. Entendo essa decisão racional e protetora como um gesto de amor; porém, com minha experiência atual, eu não faria isso com ninguém, pois ali experimentei a minha terceira impotência: privaram-me de pegar meu filho no colo e de enterrá-lo. Por muito tempo, isso me deixou um buraco no coração. Aprendi que há decisões que não podemos tomar pelo outro.

O testemunho evidencia o quanto o ato de despedir-se é fundamental para a elaboração do luto. Impedir o contato final é negar o vínculo e retardar a cura emocional.

O luto neonatal transcende a perda física: ele envolve a perda da função simbólica de ser pai e mãe. Renata Condes (AMP Projects) afirma: “Precisamos entender que quando um pai ou uma mãe perdem um filho, eles não perdem somente esse filho. Eles perdem também a função de se sentirem pais ou mães.”

No início da dor, a sensação é de que o sofrimento nunca mais terá fim, pois ocupa todos os espaços da existência. Contudo, Burggraf (2012, p. 11) recorda que a fé cristã é fonte de ressignificação:

Esquecemos que não somos apenas algo, mas alguém: um ser ternamente amado por Deus e chamado a viver uma vida única e apaixonante, a ser livres e criativos, a superar, com a graça divina, até os obstáculos mais duros que possamos encontrar pelo caminho.

A dimensão espiritual oferece, portanto, uma via de reconstrução. O padre jesuíta Diogo Costa Fernandes (projeto ID+) enfatiza:

É fundamental não diminuir a dor da pessoa que sofre. Para os pais, viver o luto é uma etapa necessária para fazer com que a dor e o sofrimento sejam ressignificados. [...] O anjo é puro porque não cometeu pecado, assim como imaginamos os bebês que foram perdidos durante a gestação. Mais do que uma questão doutrinal, trata-se de um modo de se relacionar com o trauma da perda, e, quanto a isso, deveríamos ser benevolentes e acolher essas mães e pais que sofrem.

A pastoral da esperança, especialmente diante da morte perinatal, é chamada a romper o silêncio e restaurar a esperança. Celebrar exéquias nesses casos não significa justificar a morte, mas afirmar a vida que existiu, ainda que brevemente, e reconhecer o amor que permanece. A Igreja, como mãe, é chamada a sustentar na fé os pais enlutados, ajudando-os a descobrir que, mesmo na ausência do filho, a vida continua sendo dom e que o amor, nascido do ventre e sustentado pela fé, jamais se perde diante de Deus.

2.6. A morte de um filho.

Para os pais, perdê-los é como tirar a própria vida.

Elaine Gomes dos Reis Alves²⁶

A experiência humana de conceber, dar à luz e educar um filho abarca dimensões físicas, afetivas, espirituais e simbólicas de altíssima densidade. Desde o instante em que a vida é gerada, o vínculo parental inaugura uma relação de amor incondicional, marcada pela esperança e pela promessa do futuro. A maternidade e a paternidade constituem, para muitos, o eixo em torno do qual a existência adquire sentido, pois é na continuidade da vida dos filhos que se projeta a própria permanência. A Sagrada Escritura reconhece essa relação como dom e bênção divina: “Vede, os filhos são um dom de Deus: é uma recompensa o fruto das entranhas” (Sl 126[127],3).

O ser humano, consciente de sua finitude, sabe que um dia será alcançado pela morte. Todavia, em meio aos avanços tecnológicos e à expectativa de longevidade, a sociedade moderna tende a reprimir a realidade da morte, confinando-a ao final da velhice ou à esfera

²⁶ Elaine Gomes dos Reis Alves, pós-doutora em Psicologia em perdas, luto, emergências e desastres pelo IPUSP.

hospitalar. Essa ilusão de controle torna-se ainda mais frágil quando a morte irrompe onde menos se espera: na infância, na juventude, na flor da vida. A morte de um filho, portanto, é o colapso do imaginário de continuidade; é o momento em que a fragilidade humana se mostra em toda a sua extensão.

A perda de um filho desestrutura o tempo existencial dos pais. O futuro - tecido de planos, sonhos e esperanças - subitamente se dissolve. O que se perde não é apenas um ser amado, mas também a imagem projetada de um amanhã possível. Em cada pai e mãe há uma porção da própria identidade depositada naquele filho. Por isso, a morte infantil ou juvenil provoca uma sensação de desamparo radical, como se uma parte do próprio ser tivesse sido arrancada. “Os filhos dos filhos são a coroa dos velhos, e a glória dos filhos são os pais” (Pv 17,6).

Segundo Gonzaga, citado por Almeida (2011), “não há dor maior, nem mais terrível, injusta ou profunda do que a vivida e sentida pela perda de um filho”. Trata-se de uma dor que rompe o curso natural da existência e atinge a estrutura emocional e espiritual de toda a família, gerando sofrimento que reverbera por anos. Worden, citado por Almeida (2011) observa que “a morte de um filho pode ser uma das perdas mais devastadoras da vida, e seu impacto pode permanecer por anos”, levando os pais, muitas vezes, à incapacidade de cuidar de si, dos outros filhos e até de manter a coesão familiar. O luto parental é, assim, um processo prolongado e profundo, que exige não apenas tempo, mas também acolhimento e esperança.

No contexto da fé cristã, a perda de um filho é iluminada pelo mistério pascal. A morte não tem a última palavra, porque a cruz de Cristo foi transfigurada pela ressurreição. A Igreja, em sua missão de consolar, proclama que a vida triunfou sobre a morte, e que todo sofrimento humano encontra sentido na comunhão com o Cristo crucificado e ressuscitado.

“Em nome da Ressurreição de Cristo, a Igreja anuncia a vida, que se manifestou para além das fronteiras da morte, a vida que é mais forte que a morte. Ao mesmo tempo, ela anuncia aquele que dá esta vida: o Espírito vivificante; anuncia-o e coopera com ele para dar a vida” (JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*, n. 58).

Essa é a razão pela qual o cristão pode afirmar, com São Paulo, que “se Jesus morreu e ressuscitou, Deus também trará de volta, com Cristo, os que através dele adormeceram na morte” (1Ts 4,14). A fé transforma o pranto em súplica, o silêncio em oração e a ausência em espera confiante. É uma esperança que não nega a dor, mas a transfigura.

A celebração das exéquias diante da morte de um filho é, portanto, uma das experiências pastorais mais delicadas. Nela, o ministro é chamado a “fazer-se um com o outro”, segundo a exortação paulina: ir ao encontro do irmão enlutado, partilhar suas dores e ajudá-lo a perceber

que o amor não se extingue com a morte, mas se plenifica em Deus. Trata-se de uma missão que exige compaixão e discernimento: consolar sem trivializar, falar sem explicar demais, e sobretudo, estar presente.

O rito das exéquias, quando celebrado com fé e ternura, torna-se espaço de transfiguração do sofrimento em esperança. A liturgia recorda que o Filho de Deus também morreu, e que Maria, sua Mãe, viveu a dor de perder o próprio Filho - dor que se tornou materna solidariedade com todos os que choram. A Igreja, por isso, repete com ternura: “Felizes os que choram, porque serão consolados” (Mt 5,4).

Perder um filho é enfrentar o limite extremo da condição humana, onde só a fé pode sustentar o coração. A pastoral do luto, iluminada pela ressurreição, tem a missão de recordar que, mesmo quando o horizonte parece desfeito, Deus continua sendo o Deus da vida. A morte não é o fim, mas a passagem para a comunhão definitiva com o Criador.

Assim, o sofrimento dos pais pode, pouco a pouco, converter-se em testemunho de amor, em oração silenciosa que se une ao clamor de tantos outros corações feridos. O cristão aprende que o amor é mais forte do que a morte - e que os filhos, ainda que ausentes, permanecem vivos na eternidade de Deus e na memória amorosa dos que ficaram.

2.7. A morte esperada.

... faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo, pois, viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte.

Clarisse Lispector (2020, p. 13)

Entre todos os mistérios que envolvem a existência humana, nenhum é tão certo e, ao mesmo tempo, tão evitado quanto a morte. Em uma sociedade que privilegia a juventude, a produtividade e o progresso técnico, a morte tornou-se um tabu - um acontecimento que se tenta ocultar ou postergar indefinidamente. Contudo, ela é parte intrínseca da vida. Como recorda Lispector (2020, p. 13), viver é, em última instância, “aproximar-se cada vez mais da morte”.

As mortes consideradas mais “suportáveis” são as dos idosos e dos pacientes terminais, quando a finitude já é esperada e, de certo modo, socialmente legitimada. Nessas situações, fala-se de “descanso”, de “fim de jornada”, e o luto tende a ser compreendido como natural. Mesmo assim, o sofrimento permanece: o amor nunca se resigna totalmente à separação. O

testemunho, colhido por Viorst (2021, p. 252), de uma filha que perdeu a mãe aos 89 anos ilustra isso:

Bem, pelo menos ela teve a chance de uma vida longa” - disse-lhe alguém. E ela respondeu, indignada: “Fico furiosa quando dizem que ela viveu bastante, como se por isso eu não devesse sentir sua morte. Porque estou muito triste. E vou sentir muita falta dela.

A longevidade, portanto, não reduz a dor da ausência. Viorst (2021, p. 252) descreve poeticamente a passagem do tempo e o inevitável processo de perda:

Naturalmente, existe o implacável mecanismo de contagem do tempo. A princípio, enriquecemos; plantamos durante anos, mas os anos chegam e o tempo destrói esse trabalho, arranca essas árvores. Um a um, os companheiros nos retiram sua sombra. E aos nossos lutos mistura-se então a mágoa de envelhecer.

A consciência da perda contínua - dos afetos, das forças, dos próprios anos - conduz o ser humano a confrontar o mistério da existência. O poeta Antero de Quental, em seu soneto *Com os mortos*, traduz esse entrelaçamento de dor e consolo, presença e ausência, que caracteriza a experiência do luto:

Os que amei, onde estão? Idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufões...
Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado de novo,
Esses que amei vivem comigo...
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem.

A poesia de Antero expressa uma verdade espiritual: os mortos permanecem vivos na memória e no amor. A ausência física não destrói a comunhão interior, que se prolonga na dimensão do eterno. Essa experiência de continuidade entre vida e morte, presença e ausência, é uma das bases da esperança cristã.

Para enfrentar a morte com serenidade, é preciso, como sugere Kübler-Ross (2022, p. 19), reconciliar-se com a própria finitude: “Talvez devamos voltar ao ser humano individual e começar do ponto de partida para tentar compreender nossa própria morte, aprendendo a encarar menos irracionalmente e com menos temor este acontecimento trágico, mas inevitável.”

A morte, assim compreendida, não é apenas o término da existência biológica, mas o ponto de encontro entre o limite e o mistério. Alfred de Musset (1850, p. 94), em *La nuit d'octobre*, canta: “O homem é um aprendiz, a dor é seu mestre, E ninguém se conhece, até que tenha sofrido.”²⁷

²⁷ Tradução nossa. *L'homme est un apprenti, la douleur est son maître, Et nul ne se connaît, tant qu'il n'a pas souffert*

O sofrimento, como lembra Lyonnard (1866, p. 20), é o caminho de purificação e retorno a Deus: “O sofrimento é, por excelência, o grande meio de expiação; e é pela expiação que o homem caído volta à graça com seu Deus.”²⁸

Sob essa luz, a morte adquire significado espiritual e redentor. Mozart, em carta a seu pai Leopold (1787), revela uma das mais serenas compreensões cristãs do morrer:

“Como a morte – considerando-a com atenção – é o verdadeiro fim-meta de nossa existência, eu a conheço, já há alguns anos, como o melhor e mais verdadeiro amigo do homem. Sua imagem, para mim, não só deixou de ser assustadora, mas tornou-se profundamente reconfortante e consoladora. Agradeço a meu Deus por ter-me concedido a felicidade de encontrá-la como a chave para nossa verdadeira bem-aventurança.”²⁹

O que para muitos é fim, para o crente é passagem. Lutero, citado por Grillo (2018, p. 111), sintetiza essa inversão pascal: “O ser humano diz: ‘no meio da vida sou tomado pela morte’; mas o cristão diz: ‘no meio da morte sou tomado pela vida’.”

Essa consciência nasce da fé em Cristo, que morreu e ressuscitou. Ele é o modelo daquele que, passando pela morte, entrou na vida eterna. A morte, portanto, não é o oposto da vida, mas o caminho de plenitude para quem crê.

Ainda assim, como observa Yalom (2008, p. 19), a morte nos acompanha discretamente desde o início:

“Ela nos chama o tempo todo; está sempre conosco, arranhando uma porta íntima, sussurrando suavemente sob a superfície da consciência. Escondida e disfarçada, transbordando por meio de uma variedade de sintomas, ela é a fonte de muitos de nossos estresses, conflitos e preocupações.”

O cristão, porém, encontra na cruz a resposta definitiva para essa inquietude. Cantalamessa (2019) recorda: “... alguém morreu em meu lugar. Quanto a isso é preciso que nos agarremos teimosamente à fé, sem recuar diante de nenhum assalto da incredulidade, venha de fora ou de dentro de nós mesmos.”

Crer na ressurreição é afirmar que o amor de Deus é mais forte do que a morte. Assim, a saudade se torna memória viva. Manso (2022, prefácio) expressa essa verdade com ternura:

Os cristãos acreditamos que a pessoa que morreu está com Deus, que ela querará o que Deus quer: que continuemos a viver e que sejamos felizes. [...] A pessoa que se foi fica para sempre em nós. Lembranças, sorrisos, gargalhadas, aventuras, choros,

²⁸ Tradução nossa. *Pour comprendre cette vérité consolante il suffit de dire que la souffrance est par excellence le grand moyen d'expiation ; et c'est par l'expiation que l'homme déchu rentre en grâce avec son Dieu.*

²⁹ Tradução nossa, a partir da tradução clássica em inglês contida na coletânea *The Letters of Wolfgang Amadeus Mozart (1761-1791), In two volumes. Translated, From The Collection Of Ludwig Nohl, By Lady Wallace. With A Portrait and Facsimile. New York and Philadelphia: 1866. The Project Gutenberg.* *As death (when we come to consider it closely) is the true goal of our existence, I have during the last few years become so well acquainted with this best and truest friend of mankind, that his image is no longer terrifying to me, but rather soothing and consoling. And I thank my God for having granted me the opportunity - you understand me - of learning to look upon death as the key to our true happiness.*

colos, discussões, aprendizados. Nada nem ninguém nos tira o que vivemos de verdade.

O luto, quando vivido com amor e fé, transforma-se em comunhão. Ana Cláudia Quintana Arantes (2019, p. 195) narra, com simplicidade, sua experiência diante da morte do pai:

Haverá momentos em que pensarei nele, sentirei muita saudade e refletirei sobre os conselhos que me daria diante de dilemas que ainda virão. Mas, a depender de como eu decidir viver o meu luto por sua morte, saberei encontrá-lo dentro de mim nessas experiências que ainda me aguardam.

O luto é, portanto, um aprendizado de presença na ausência - uma pedagogia do amor que permanece. Rubem Alves (2013, p. 112-113) oferece uma das imagens mais belas sobre o poder do choro e da saudade:

As velas são diferentes. Choram quando iluminam. Suas lágrimas nascidas do fogo transbordam e escorrem pelo seu corpo. O choro tem esse poder: pode tornar a luz ainda mais luminosa. A vela se recusa a abrir mão da sua dor: guarda as suas lágrimas, mantém-nas presas ao seu corpo, abraça-as, reconhece-as como parte de si mesma.

As lágrimas do enlutado, como as da vela, são expressão de amor que não se apaga. Chorar é iluminar o escuro com a chama da memória.

Aceitar a perda não significa conformar-se, mas reconhecer a finitude e celebrar a vida que continua. A Igreja, por meio dos ritos exequiais, ajuda os fiéis a transformar o luto em oração e a saudade em esperança. Bem celebradas, as exéquias podem garantir o sucesso do processo de luto e a plena posse da herança espiritual dos falecidos, podem ajudar a descobrir o significado de estar vivos, a graça e a dádiva da vida.

CAPÍTULO III

AS EXÉQUIAS

Nem mesmo o implacável coração de ferro poderia deixar de honrar os mortos com sepultura.

Homero

O modo como uma cultura trata seus mortos revela, de maneira profunda, sua compreensão da vida, da pessoa humana e do transcendente. Desde as civilizações antigas, as práticas fúnebres expressam não apenas o respeito pela memória dos falecidos, mas também a esperança em uma existência além da morte. O tratamento dado aos corpos, os rituais e os espaços funerários constituem marcadores fundamentais da visão de mundo e da espiritualidade de um povo.

Na tradição greco-romana, o cuidado com os mortos estava impregnado de simbolismo religioso. Acreditava-se que o falecido devia ser conduzido até as portas do Hades, garantindo-lhe o repouso e a permanência entre os antepassados. As cinzas e os lares³⁰ dos mortos eram transportados quando as famílias mudavam de morada, como sinal de continuidade e identidade familiar. Próxima à cidade dos vivos erguia-se a necrópole - literalmente, “cidade dos mortos” -, onde as edificações funerárias guardavam os restos mortais e asseguravam sua presença simbólica junto aos vivos.

A relação entre vivos e mortos era mantida por meio de gestos e rituais de comunhão, como o *refrigerium*, refeição ritual celebrada junto aos túmulos. A ausência de sepultura, por outro lado, implicava graves consequências espirituais, significando a exclusão da comunidade dos mortos e a impossibilidade de acesso ao além.

Na *Ilíada*, Homero manifesta essa concepção com notável força poética, ao colocar nos lábios de Pátroclo, aparecendo em sonho a Aquiles, o pedido urgente por sepultura:

Dormes, Aquiles, e te esqueces de mim.
Quando vivo, não descuidavas deste amigo morto.
Sepulta-me de pronto, para que eu penetre, enfim, as portas do Hades.³¹
(*Ilíada*, canto XXIII, vv. 71–74).

³⁰ Lares romanos: espíritos de ancestrais falecidos, divindades domésticas e protetoras das famílias na religião da Roma Antiga, representados, usualmente, como um par de figuras jovens e dançantes, uma em cada lado do larário, segurando um chifre para beber e um prato (Wikipédia.org).

³¹ Tradução e transliteração nossas: εὔδεις, αὐτὰρ ἐμοῦ λελασμένος ἔπλεν, Ἀχιλλεῦ. οὐ μὲν μευ ζῶντος ἀκήδεις, ἀλλὰ θανόντος· θάπτε με ὅτι τάχιστα, πύλας Αἴδαο περήσω.
Heúdeis, autàr emoû lelasménos épleu, Akhilleû. Ou mén meu zôntos akédeis, allà thanóntos; Thápte me hótti tákhista, pýlas Aídaο perésō.

O princípio da honra aos mortos estendia-se inclusive aos inimigos. No canto XXIV, Homero narra o encontro entre Príamo e Aquiles, quando o rei de Troia, prostrado aos pés do adversário, suplica o corpo do filho Heitor:

E o ancião Príamo, suplicante, assim falou:
“És, entre os homens, o mais sábio e pareces filho dos deuses.
Pois até teus joelhos toquei com minhas mãos,
eu, que tanto sofri no fundo do coração.
Jamais mortal algum na terra ajoelhou-se
como eu, suportando tamanha aflição.
Vim libertar Heitor, meu filho amado;
aceita os ricos dons - tem compaixão de mim, Aquiles!”
(*Iliada*, canto XXIV, vv. 486–494)³².

A tragédia *Antígona*, de Sófocles, eleva o direito à sepultura à categoria de lei divina. A heroína desafia o decreto de Creonte, sustentando que o dever de enterrar os mortos provém de leis eternas, superiores a qualquer norma humana:

Não foi Zeus quem promulgou essas leis, nem a Justiça, que coabita com os deuses infernais, as estabeleceu para os homens. [...] Porque essas não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram.
(*Antígona*, vv. 450–455).

Negar a sepultura, no mundo grego, equivalia a cometer ὕβρις (*hýbris*), ofensa aos deuses, que atraía a δίκη (*díke*), a justa punição divina. Os romanos partilhavam dessa visão. Virgílio, na *Eneida*, descreve a multidão dos insepultos à margem do rio infernal, impedidos de cruzar as águas:

Toda essa turba à tua frente é de mortos sem túmulo;
aquele é o barqueiro Caronte; os que a onda conduz, sepultos.
Não lhes é dado atravessar as ribeiras horrendas e as águas ruidosas
antes que os ossos tenham repousado na terra.
(*Eneida*, VI, 325–329)³³

Com o cristianismo, essa compreensão é profundamente transformada. A morte deixa de ser apenas destino inevitável e passa a ser interpretada à luz do Mistério Pascal: participação

³² Tradução e transliteração nossa: καί μιν λισσόμενος προσέφη πρέσβυς Πρίαμος ἰκών· Ἀνδρῶν ἄν δὴ πέπνυο, θεοῦ δ' ἐπιεικὲς εἰκάς· ὅς τοι καὶ τόνδ' ἐπὶ γούνων ἀνδρὸς οἴζυροιο χεῖρας ἔθηκα, τὰ πολλὰ παθὼν κακὰ θυμῷ· οὐ γάρ πώ τις ἄλλος ἐπὶ χθονὶ γούν' ἐπέθηκεν ἀνδρὸς ὅς· ἐγὼ, τόσσον δ' ἀνέτλην οἴζύν· Ἑκτορα δ' ἐλθὼν λύσον φίλον υἱόν, ἐδέξαι ἀπείρητον ἄποινα· σὲ δ' αἰδέομαι, ὦ Ἀχιλλεῦ.

καί μιν λισσόμενος προσέφη πρέσβυς Πριάμος ἰκόν· andrōn án dē pépnūo, theoû d' epieikēs eóikas· hós toi kai tónδ' epì góunōn andrōs oīzyroio cheíras ethēka, tà polla pathōn kakà thymōi· ou gár pō tis állos epì chthoni goún' epéthēken andrōs hós· egó, tósson d' anétlēn oīzýn· Héktora d' elthón lýson philōv huión, edéxai apeíreton ápoina; sē d' aidéomai, ô Achilleû.

³³ Tradução Maria Helena da Rocha Pereira: *Haec omnis, quam cernis, inops inhumataque turba est; portitor ille Charon; hi, quos uehit unda, sepulti. Nec ripas datur horrendas et rauca fluenta transportare prius quam sedibus ossa quierunt.*

na morte e ressurreição de Cristo. O corpo, criado por Deus e destinado à glorificação, torna-se sinal escatológico da esperança na ressurreição da carne.

Santo Agostinho, em *De cura pro mortuis gerenda* (c. V), relativiza a necessidade do sepultamento para a salvação, citando as palavras de Cristo: “nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá” (Lc 21,18); “não tendes medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer” (Lc 12,4), e conclui: “O Senhor mostra suficientemente que, para a ressurreição dos corpos, de modo algum importa se alguém é sepultado ou não”. Ainda assim, Agostinho reconhece o sepultamento como gesto de piedade e fé, evocando exemplos bíblicos como o cuidado de Tobias pelos mortos (Tb 2,9; 12,12) e a sepultura de Cristo (Jo 19,38–42). Mesmo que os corpos não sintam, esses atos exprimem esperança na ressurreição e têm valor pedagógico e espiritual para os vivos.

O rito fúnebre cristão, portanto, não é mera convenção social ou consolo psicológico: é celebração litúrgica do Mistério Pascal. A presença do corpo nas exéquias simboliza a unidade da pessoa - corpo e alma - e testemunha a fé na redenção de toda a criação. Enterrar os mortos é, assim, ato de caridade e de fé, reconhecido entre as obras de misericórdia corporais.

Negar aos vivos a possibilidade de velar, tocar e sepultar seus mortos - como em situações de guerra, pandemia ou morte violenta - significa privá-los de um gesto essencial de humanidade e esperança. O velório e o sepultamento oferecem um espaço sagrado de reconciliação e despedida, no qual se pode transformar a dor em oração. A supressão ou banalização desses ritos fragiliza a experiência comunitária e espiritual, resultando em lutos não elaborados e em rupturas na comunhão eclesial.

Recuperar o sentido teológico e simbólico do funeral é, portanto, um imperativo pastoral. O rito cristão restitui à morte sua dimensão pascal: não como fim, mas como passagem. A morte vencida por Cristo deixa de ser abismo de separação e se converte em ponte para a vida eterna. Como expressa Norman O. Brown (1985, p. 309), “O corpo perfeito, prometido pela teologia cristã, que desfruta da perfeita felicidade também prometida por essa teologia, é um corpo reconciliado com a morte.”

Honrar os mortos é, portanto, inseparável de honrar a vida. Ambos, vivos e mortos, participam da mesma comunhão de esperança - a comunhão dos santos - e aguardam, juntos, a consumação da promessa de Cristo: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11,25).

3.1. Espaço e rito

O rito é como um rio que nos leva ao encontro de Deus; não é invenção nossa, mas dom recebido da Igreja.

Joseph Ratzinger (2001, p. 22)

O tema do espaço e do rito ocupa lugar central na compreensão da experiência religiosa e cultural. O rito nunca se realiza em abstrato: ele se concretiza num espaço que, ao ser ritualizado, torna-se lugar sagrado. A hierofania, ou manifestação do sagrado, ocorre sempre num contexto espacial, delimitando um território e consagrando-o a uma função espiritual específica. Nessa perspectiva, Luigi Terrin (2004, p. 197) afirma que a dimensão sacral é uma variante da dimensão espacial, pois “a manifestação do sagrado qualifica o espaço e o converte em símbolo da presença divina”.

Do ponto de vista das ciências da religião, o espaço não é apenas físico, mas simbólico. Ele é qualificado pela presença do sagrado e pelo rito que o institui. Mircea Eliade (1992) observa que o espaço sagrado rompe a homogeneidade do espaço profano e instaura um “centro”, um eixo que liga céu e terra, passado e futuro, vida e morte. O rito, ao se realizar, renova continuamente essa ruptura, recriando o cosmos a partir do caos. Maurice Merleau-Ponty, citado por Terrin (2004, p. 197), descreve tal experiência fenomenológica:

Na percepção, nós não pensamos o objeto, nem nos pensamos como quem pensa o objeto, mas aderimos ao objeto e nos confundimos com esse corpo que sabe mais do que nós sobre o mundo e sobre os meios que possuímos para fazer a sua síntese.

Assim, perceber é viver dentro de uma contextualidade simbólica que se encarna em formas, lugares e gestos. O rito, portanto, é a linguagem corporal e comunitária dessa contextualidade, onde a experiência de fé se traduz em espaço habitado pelo mistério.

A liturgia cristã insere-se nessa compreensão. Segundo o Concílio Vaticano II, a liturgia é “a atualização da obra redentora de Cristo”, pela qual Ele continua na Igreja a santificação dos homens e o culto perfeito ao Pai (SC, n. 7). Toda celebração litúrgica é “ação sagrada por excelência”, na qual Cristo está sempre presente: na pessoa do ministro, que age *in persona Christi Capitis*; na assembleia reunida em oração e fé; na Palavra proclamada; e, de modo eminente, sob as espécies eucarísticas.

O rito litúrgico é, assim, exercício do múnus sacerdotal de Cristo, no qual os sinais sensíveis não apenas representam, mas realizam a graça.

Aplicando-se esse princípio às exéquias cristãs, compreende-se que a Igreja não realiza apenas um gesto de despedida social, mas celebra uma ação sagrada, em que o Mistério Pascal se torna novamente eficaz. Nas celebrações fúnebres, Cristo está presente: no ministro ordenado

ou leigo que preside a oração da Igreja; na comunidade reunida em comunhão de fé e esperança; na Palavra de Deus, que ilumina o mistério da morte; e na Eucaristia, ápice da liturgia das exéquias, onde o sacrifício pascal é oferecido em intercessão pelo falecido e consolo para os vivos.

Desse modo, as exéquias participam daquilo que o Concílio definiu como “ação sagrada por excelência”: proclamam a vitória pascal de Cristo sobre a morte, santificam os vivos pela esperança e confiam os mortos à misericórdia do Pai.

As salas de velório nasceram como espaços de caráter profano e funcional, destinados à guarda do corpo e à reunião dos familiares. No entanto, quando a Igreja ali se reúne para celebrar, esse espaço é transfigurado pela ação ritual, tornando-se lugar sagrado. Mircea Eliade (1992) explica que o rito “qualifica o espaço” ao instaurar nele uma presença do sagrado. Assim, a celebração cristã transforma o ambiente de despedida em espaço de encontro com Cristo ressuscitado.

Essa transfiguração ocorre por meio de vários elementos litúrgicos: a Palavra de Deus, que ilumina o mistério da morte e reacende a esperança; as orações da comunidade, que intercedem pelo falecido e sustentam os enlutados; os símbolos visíveis - água benta, cruz, luz do círio pascal, cantos - que marcam o ambiente com sinais da fé; e, quando possível, a Eucaristia, que consuma sacramentalmente a comunhão entre vivos e mortos no Corpo de Cristo.

Desse modo, a sala de velório deixa de ser apenas um espaço social e torna-se extensão da igreja doméstica e da comunidade paroquial, onde a presença de Cristo transforma a dor em esperança. A celebração fora do templo evidencia que o essencial não é a arquitetura, mas a presença sacramental do Senhor: onde dois ou três se reúnem em seu nome, ali Ele está presente (cf. Mt 18,20).

O rito das exéquias, celebrado em qualquer espaço, manifesta que a morte não é o fim, mas passagem pascal. A ação litúrgica, sustentada pela fé na ressurreição, converte o espaço do luto em lugar de anúncio e comunhão, onde a Igreja proclama que, em Cristo, vida e morte se interpenetram como mistério de amor redentor.

Como recorda Joseph Ratzinger (2001, p. 22), “o rito é como um rio que nos leva ao encontro de Deus”. O espaço litúrgico, ao ser banhado por esse rio, torna-se sinal visível da presença invisível de Deus entre os homens - um espaço onde o tempo humano se abre à eternidade.

3.2. Exéquias

As exéquias cristãs lembram que o homem novo, proposto pelo Cristianismo, é fundamentalmente livre e liberto. Ele vive a plenitude do presente, sem as mágoas do passado ou a ansiedade do futuro.

Evaristo E. de Miranda (2002)

Celebrar é uma dimensão essencial da experiência humana. Toda cultura, em suas diferentes expressões simbólicas, busca celebrar os momentos significativos da vida e também da morte. Em cada rito funerário, o ser humano se reconhece diante do mistério do fim, expressando sua busca de sentido, sua memória e sua esperança. O rito é o gesto comunitário que transforma a dor em palavra, o silêncio em comunhão, o tempo em eternidade.

No cristianismo, a celebração da morte se funda no Mistério Pascal de Cristo - aquele que, assumindo plenamente a condição humana, venceu a morte e, pela ressurreição, inaugurou a plenitude da vida. Como afirma Raniero Cantalamessa (2019), “a morte de Cristo não foi apenas o ponto final de uma existência, mas o ato supremo de amor; alguém morreu em meu lugar”. A partir desse mistério, toda morte humana pode ser iluminada pela fé: não é apenas término biológico, mas passagem pascal, comunhão e esperança.

Romano Guardini interpreta com finura teológica essa entrega redentora de Cristo. Ao refletir sobre Getsêmani e o Gólgota, ele ensina que “o mandamento do Pai e a obediência de Jesus encontram-se em harmonia na base de todo o acontecimento, que poderia aparentar um destino vulgar, mas é uma realidade plenamente diferente: a conformidade no amor redentor” (GUARDINI, 1965). A morte de Jesus não é mera fatalidade histórica, mas o ponto culminante de sua liberdade amorosa. Ele não é vítima do acaso, mas protagonista da obediência: “Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente” (Jo 10,18).

O “mandamento do Pai”, longe de representar imposição arbitrária, é expressão de seu amor salvador. Cristo o assume com plena liberdade, unindo vontade e entrega. Nessa união, a cruz torna-se o lugar onde o amor vence o medo, e a morte se converte em caminho de comunhão. Assim, a morte cristã não é ruína, mas obediência vivida em liberdade e fé. Para o cristão, morrer é participar da obediência filial de Cristo. A morte torna-se: não um destino cego, mas ato de entrega amorosa; não ruptura, mas passagem pascal; não derrota, mas vitória do amor redentor.

Os sacramentos da iniciação cristã, especialmente o batismo, inserem o fiel na dinâmica do mistério pascal: “fomos sepultados com Cristo pelo batismo na morte, para que, como Ele ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6,4). A

partir desse horizonte, viver é participar continuamente do morrer e do ressurgir de Cristo. Cada gesto de fé, cada renúncia e cada ato de amor configuram o ser humano ao Senhor crucificado e ressuscitado.

Em linguagem poética, José Tolentino Mendonça (2017, p. 34) observa que “todas as vidas cabem na imagem do pão que se parte e reparte”. A metáfora do pão - que é semeado, moído, amassado e finalmente oferecido - exprime o destino de toda existência humana: somos seres que se gastam, que se doam, que se transformam. “O tempo nos consome, mas é na oferta que o ser se plenifica”. Assim, a morte não é destruição, mas eucaristia - entrega de si como dom. “A morte de Cristo, e toda morte cristã unida à d’Ele, é uma liturgia de amor. É um altar erguido no tempo onde o eterno se faz presente” (p. 84).

A morte cristã, portanto, não é um acontecimento isolado, mas comunhão. O cristão não morre sozinho: ele morre em Cristo e com Cristo, inserido na comunidade dos que esperam a ressurreição. Essa dimensão comunitária se torna visível no rito das exéquias, que não é mera despedida social, mas celebração pascal. Ao reunir-se junto ao corpo do fiel defunto, a Igreja proclama que a morte foi atravessada por Cristo e já perdeu seu poder.

No rito das exéquias, cada elemento litúrgico expressa essa certeza da fé: a água benta, que recorda o batismo; o círio pascal, que evoca a luz da ressurreição; o incenso, que simboliza a oração que sobe a Deus; e o canto, que transforma o pranto em esperança.

Assim, o corpo do cristão é honrado como templo do Espírito, e sua morte é compreendida como “oferta viva” que se une ao sacrifício de Cristo.

Em contrapartida, o mundo contemporâneo tende a ocultar a morte ou a convertê-la em espetáculo. Como observa Cantalamessa (2019), “a cultura moderna expulsou a morte de sua casa; ela é agora o grande tabu. Mas o cristão é aquele que a olha de frente, porque sabe que Cristo a venceu”. A liturgia das exéquias não mascara a dor, mas a integra: transforma-a em oração e em ato de fé.

A Igreja, com sua sabedoria milenar, não promete eliminar o sofrimento, mas dar-lhe sentido. Ela oferece um espaço sagrado onde o luto encontra voz, onde a comunidade chora e espera unida, e onde o gesto de despedida se transforma em anúncio pascal. Na liturgia fúnebre, o vazio é habitado pela esperança, e o corpo inerte torna-se sinal de promessa. “Na fé, o luto é um tempo habitado. O vazio não é ausência, mas presença que amadurece. A saudade é a forma mais pura da esperança.” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 61)

A morte, assim, é assimilada, celebrada e esperada. Em Cristo, o homem encontra na morte não o absurdo, mas o sentido último de sua existência. O rito das exéquias, em sua

plenitude simbólica e comunitária, torna-se lugar onde a dor e a fé se abraçam, onde o amor é mais forte que a morte.

Como resume Cantalamessa (2019), “a morte é a hora da fé: é o momento em que o homem entrega a Deus o que Deus lhe entregou - a própria vida”. E a Igreja, celebrando o mistério dos mortos, proclama com o Apóstolo: “Se morremos com Cristo, com Ele viveremos” (Rm 6,8).

3.3. A celebração cristã da morte.

A fé desvela o segredo da sepultura: onde os olhos veem fim, o coração encontra uma porta que se abre para a eternidade.

A celebração das exéquias cristãs é, antes de tudo, um ato de fé no Mistério Pascal de Cristo, que morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Nela, a Igreja cumpre sua missão pastoral de acompanhar os fiéis defuntos e consolar suas famílias, unindo a oração litúrgica ao anúncio da esperança na vida eterna.

Segundo Grillo (2018), o cristianismo não se apoia num princípio abstrato de sacralidade da vida, mas na descoberta da vida como dom da graça, recebida no encontro pessoal com Cristo:

Não um princípio de sacralidade de vida, mas a descoberta da vida como “dom da graça”, por meio do encontro com uma pessoa, que morreu por mim e em cuja companhia consoladora e salvadora posso viver também o meu sofrimento. Esse é o centro da fé cristã, e sobre isso pode meditar também o homem de hoje, encontrando aí conforto e motivo de esperança, até mesmo “contra toda esperança”, mas sempre na “fé”. O dom da vida jamais é vítima do meu sofrimento. E quando se tornar, a fé já foi embora, e com ela apagou-se toda a dimensão humana.”

Assim, a celebração da morte cristã não consiste numa apologia da finitude, mas num ato de esperança que afirma o dom divino da vida. O sofrimento e a perda, iluminados pela fé, deixam de ser absurdos e tornam-se ocasião de encontro com o Ressuscitado. A Igreja proclama que a morte não é ruptura definitiva, mas passagem pascal - uma travessia em Cristo para a plenitude da vida.

A celebração cristã da morte encontra sua expressão ritual mais completa no *Ordo Exsequiarum* (Ritual das Exéquias), promulgado em 1969 e traduzido em diversas línguas, e no Missal Romano, especialmente nas *Missas de Exéquias* e nas *Missas de Defuntos (pro defunctis)*. Esses livros litúrgicos refletem a unidade e a amplitude do pensamento cristão sobre a morte, compreendida sempre sob o signo da esperança pascal.

Nos missais católicos, a morte nunca é celebrada como fim absoluto, mas como comunhão do fiel com o mistério pascal de Cristo. Esse horizonte se manifesta de modo

eloquente no Prefácio dos Defuntos: “Aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola. Senhor, para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada.”

Essa fórmula teológica sintetiza o coração da fé cristã: a morte, consequência do pecado, foi redimida em Cristo e transformada em caminho de vida eterna. Por isso, o rito exequial é profundamente pascal, pois faz memória da Páscoa do Senhor aplicada ao fiel defunto e proclama que a vitória de Cristo sobre a morte alcança também os seus discípulos.

Além disso, as exéquias expressam a solidariedade da Igreja, que acompanha o falecido com oração e sustenta espiritualmente os enlutados. A fé cristã ensina que o crente não enfrenta a morte sozinho: ele é amparado pela comunhão dos santos e pela caridade da comunidade, que intercede por ele e renova, junto ao sepulcro, a esperança na ressurreição.

O Missal Romano e o Ritual das Exéquias oferecem perspectivas complementares sobre a celebração cristã da morte. O Missal enfatiza a dimensão eucarística, sublinhando a morte do cristão como comunhão com o sacrifício de Cristo, cujo corpo e sangue se tornam alimento para a vida eterna. Já o Ritual das Exéquias amplia esse horizonte, organizando um percurso espiritual e pastoral que acompanha o falecido e sua comunidade desde a vigília até a sepultura.

Esse itinerário litúrgico se desdobra em três momentos fundamentais:

1. a vigília ou velório - momento de oração junto ao corpo, em que se proclama a Palavra de Deus e se confia o defunto à misericórdia divina;
2. a Missa exequial - centro da celebração, na qual se oferece o sacrifício eucarístico pela alma do falecido e se proclama a vitória de Cristo sobre a morte;
3. a última encomendação e a sepultura - rito final de despedida, no qual o corpo é confiado à terra como semente de ressurreição, acompanhado por gestos e símbolos de fé (água benta, incenso, cânticos, cruz, círio pascal).

Cada etapa manifesta um aspecto do mistério pascal e da esperança cristã: a oração pela misericórdia, a comunhão com Cristo ressuscitado e a confiança na vida eterna.

No Missal Romano, encontram-se ainda formulários específicos para diferentes circunstâncias - morte recente, aniversários, memória de fiéis defuntos - e orientações sobre o uso das cores litúrgicas: o preto (luto e sobriedade), o roxo (penitência e esperança) e o branco (vitória pascal e comunhão com Cristo). As leituras bíblicas selecionadas reforçam a mensagem da ressurreição: *Jo 11* (ressurreição de Lázaro), *Jo 14* (“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”), *1Cor 15* (“a morte foi tragada pela vitória”) e *Ap 21* (“Eis que faço novas todas as coisas”).

A celebração das exéquias, ao unir fé e compaixão, torna-se um espaço privilegiado de evangelização e consolação. A Igreja, por meio da liturgia, acolhe a dor humana sem negá-la,

iluminando-a com a esperança cristã. O ministro das exéquias é chamado a ser sinal de presença e escuta, um pastor que caminha com os enlutados, ajudando-os a descobrir no coração do sofrimento a promessa da vida eterna.

Como recorda Grillo (2018), a fé cristã não elimina o sofrimento, mas o transfigura: a vida permanece dom, mesmo quando marcada pela perda. Assim, a celebração das exéquias torna-se ato de confiança e entrega, em que a comunidade reafirma que “a vida não é tirada, mas transformada” - e que o amor de Deus é mais forte que a morte.

Quadro Comparativo – Celebração Cristã da Morte, segundo a Liturgia dos Mortos:

Elemento	Missas de Defuntos / <i>Pro defunctis</i>	Ritual das Exéquias
Finalidade	Atualizar o mistério pascal de Cristo na celebração da Eucaristia aplicada ao defunto; sustentar a fé e a esperança da comunidade.	Acompanhar o cristão no seu caminho de morte à vida, confiando-o à misericórdia de Deus e consolando os vivos.
Prefácios	Cinco Prefácios próprios dos Defuntos:	Não possui prefácios.
Orações	Fórmulas próprias para diferentes momentos: morte recente, aniversários, fiéis defuntos, crianças falecidas, etc.	Orações divididas em etapas: junto ao corpo (velório), na liturgia exequial, no rito de encomendação e no sepultamento.
Leituras bíblicas	Ampla lecionário: Jo 11 (Lázaro), Jo 14 (moradas eternas), 1Cor 15 (ressurreição), Ap 21 (nova Jerusalém).	Sugere as mesmas leituras, escolhidas segundo a situação pastoral e a vida do defunto.
Estrutura ritual	1. Liturgia da Palavra. 2. Liturgia Eucarística com orações próprias. 3. Rito da encomendação, se realizado no fim da Missa.	1. Vigília e oração junto ao corpo. 2. Liturgia da Palavra, com, ou sem, sacrifício eucarístico, na qual pode haver três leituras, a primeira do antigo Testamento.

Elemento	Missas de Defuntos / <i>Pro defunctis</i>	Ritual das Exéquias
		3. Última encomendação e rito de sepultura.
Símbolos	Água benta (lembança do batismo), círio pascal (símbolo da ressurreição), incenso (respeito ao corpo como templo do Espírito).	Idênticos, mas usados de forma processual: acolhida do corpo na igreja, incensação, bênção no sepulcro.
Ênfase teológica	Ressurreição em Cristo; comunhão dos santos; oração pela purificação das almas.	Caminho pascal do cristão; solidariedade da Igreja; consolo da comunidade enlutada.
Participação da comunidade	Principalmente na Missa, unida em oração de sufrágio.	Em todo o processo (velório, rito das exéquias, sepultura), mostrando que o defunto é acompanhado pela fé da Igreja.

3.4. A Pastoralidade das Exéquias e a Liberdade do Ministro

Nas exéquias, a Igreja manifesta a sua maternidade: acompanha com ternura quem partiu e consola, com a esperança do Evangelho, aqueles que choram.

Papa Francisco (Audiência Geral, 2017)

A celebração das exéquias cristãs é, segundo o *Catecismo da Igreja Católica* (1684), a liturgia da Igreja em favor do defunto; é também uma realidade de comunhão, pois congrega a assembleia em torno da Palavra e da Eucaristia, para que nela todos participem. Trata-se, portanto, de uma ação litúrgica e comunitária, na qual a Igreja, com ternura materna, ora pelos falecidos e consola os enlutados, sustentando-os com a esperança do Evangelho.

Mais do que um conjunto de ritos fixos, as exéquias constituem uma experiência pastoral viva e dinâmica, que se adapta às necessidades espirituais e culturais das comunidades. O *Ordo Exsequiarum* - promulgado em 1969 - estrutura a celebração em três momentos fundamentais: a vigília ou velório, a missa exequial e o rito da encomendação e sepultura. Contudo, o próprio texto do ritual reconhece a importância da adaptação: “Convém que as celebrações das exéquias se adaptem às diversas circunstâncias e tradições locais” (Liturgia dos Mortos, n. 15).

Essa flexibilidade expressa a compreensão litúrgica de que o rito não é um sistema fechado, mas uma linguagem simbólica moldada pelo discernimento pastoral. O Concílio Vaticano II, na *Sacrosanctum Concilium*, já afirmava que “a sagrada liturgia é composta de parte imutável, divinamente instituída, e de partes sujeitas a mudanças, que podem e devem variar, segundo as circunstâncias dos tempos e dos lugares” (SC, n. 21). Assim, o ministro, ordenado ou leigo, deve exercer sua liberdade pastoral com sabedoria, buscando o bem espiritual da assembleia e a eficácia evangelizadora da celebração.

O *Lecionário de Missas de Defuntos*, integrado ao *Lecionário do Missal Romano*, oferece uma ampla seleção de leituras que abordam a esperança e a ressurreição. A *Instrução Geral sobre o Missal Romano* orienta que “na escolha das leituras, das orações e dos cânticos se tenha em conta o bem espiritual dos participantes” (IGMR, n. 352). Assim, cabe ao celebrante escolher textos bíblicos que, além de iluminar a vida do falecido, transmitam consolo e sentido aos que sofrem.

A Liturgia dos Mortos enfatiza ainda que a homilia deve evitar o tom de elogio fúnebre, privilegiando o anúncio do mistério da morte cristã à luz da ressurreição de Cristo. Nesse sentido, a pregação fúnebre não é discurso laudatório, mas catequese pascal: nela, a Palavra de Deus se torna conforto e promessa de vida eterna.

O *Missal Romano* oferece diversas orações próprias para defuntos, permitindo ao ministro adaptar a celebração conforme a idade ou as circunstâncias da morte. Nos mementos da Oração Eucarística, a Igreja recorda com ternura “os nossos irmãos e irmãs que morreram na esperança da ressurreição”, intercedendo para que sejam acolhidos “junto a Deus, na luz da sua face”. Esse caráter intercessório e comunitário expressa o coração da fé cristã: a morte não rompe a comunhão dos santos, mas a aprofunda.

A pastoral das exéquias manifesta a maternidade espiritual da Igreja. A Igreja, que como mãe carregou sacramentalmente o cristão no seu seio durante a peregrinação terrestre, acompanha-o ao termo da sua caminhada, para entregá-lo ao Pai (cf. CEC, n. 1687).

Essa dimensão maternal não é mera metáfora: ela exprime a compaixão da Igreja, que se faz próxima tanto do falecido quanto dos enlutados. A pastoralidade exige sensibilidade, prudência e empatia, sobretudo diante de mortes violentas, repentinas ou acompanhadas de intenso sofrimento. Nessas situações, a escolha das leituras, das orações e das exortações deve ser feita com especial delicadeza, de modo a comunicar a misericórdia de Deus e a esperança pascal.

Em circunstâncias em que não há ministro ordenado, a Liturgia dos Mortos prevê que ministros leigos devidamente preparados possam presidir parte das celebrações. A eles cabe conduzir a oração da assembleia, proclamar a Palavra e oferecer exortações de consolo. Essa possibilidade expressa a dimensão comunitária e participativa da Igreja, que nunca abandona seus filhos, mesmo quando a Eucaristia não pode ser celebrada.

A morte toca o centro da fé cristã porque nela se revela, de modo paradoxal, o silêncio de Deus. Hans Urs von Balthasar, em *Vida a partir da Morte: meditações sobre o mistério pascal* (2016), descreve o Sábado Santo como o dia em que “Deus permanece em silêncio na morte do Filho, e esse silêncio é a mais profunda expressão de seu amor redentor”. Nesse abismo do silêncio divino, o Filho assume o extremo do abandono humano, e o Pai, oculto, transforma o sofrimento em promessa de vida.

Nessa perspectiva, o rito das exéquias não é apenas proclamação da vitória de Cristo sobre a morte, mas acolhimento desse silêncio amoroso de Deus, que habita a dor humana e a transfigura desde dentro. O túmulo torna-se o lugar da esperança, onde a fé permanece mesmo sem ver, e onde o amor de Deus se revela de modo mais radical.

A fé cristã, portanto, não elimina o luto, mas o transfigura em esperança. A liturgia fúnebre é o espaço onde a comunidade experimenta essa passagem: do silêncio ao louvor, da dor à confiança, da perda à promessa da vida eterna. O ministro exerce, nesse contexto, um ministério de escuta e compaixão, ajudando os fiéis a integrar a perda na fé e a reconhecer que o amor divino habita até mesmo o vazio da morte.

Assim, a liberdade pastoral não relativiza o rito, mas o torna mais fecundo como anúncio pascal e sacramento da esperança. Cada celebração fúnebre testemunha que, em Cristo, o amor vence o silêncio da morte. Como recorda o *Catecismo da Igreja Católica*, “A liturgia das exéquias proclama a vitória da vida sobre a morte e sustenta a esperança dos fiéis” (CEC, n. 1687).

CONCLUSÃO

Na descida de Cristo aos infernos, o amor desceu até o ponto mais escuro da morte – e por isso nenhum sofrimento humano está fora do alcance de Deus.

Hans Urs von Balthasar, Vida a partir da Morte (2016)

Refletir sobre a morte é refletir sobre a própria condição humana. Ao longo de toda a história, esse pensamento sempre suscitou medo, espanto, reverência e busca de sentido. Nenhuma civilização atravessou o tempo sem enfrentar a pergunta decisiva sobre o destino final da existência. Contudo, se a morte revela radicalmente nossa fragilidade, ela também revela nossa vocação ao infinito: o ser humano, ao enterrar seus mortos, testemunha que não aceita a extinção como fim absoluto. É nesse horizonte que o cristianismo pronuncia sua palavra singular: a morte não é ruptura definitiva, mas passagem e encontro.

Este trabalho buscou compreender esse mistério articulando três dimensões que, no cristianismo, jamais se separam: a morte, o luto e as exéquias. A análise partiu da convicção de que tais dimensões expressam, cada uma à sua forma, o encontro entre a dor humana e a esperança divina. O propósito inicial - compreender a morte cristã e seus ritos como expressão de fé e caminho de consolo - orientou metodologicamente todo o percurso: investigaram-se as raízes culturais e bíblicas do morrer, refletiu-se sobre o luto à luz das ciências humanas e da espiritualidade cristã, e analisou-se o rito das exéquias como lugar litúrgico onde a fé se faz carne e gesto.

A primeira etapa da pesquisa destacou que a morte nunca pôde ser reduzida ao seu aspecto biológico. Populações antigas construíram mitos, imagens e rituais para nomear e acolher o morrer humano. A Antiguidade - egípcia, grega e romana - percebeu na morte uma travessia. Já a fé de Israel, amadurecendo entre dores e esperanças, anunciou que Deus é Senhor da história e de seus limites. A morte, vista inicialmente como consequência da fragilidade humana, tornou-se ocasião de manifestação da misericórdia divina. É, porém, em Cristo que essa esperança atinge seu ponto culminante: ao morrer e ressuscitar, Ele transforma a morte desde dentro. A finitude não é negada; é assumida e redimida. Desse percurso emerge a primeira conclusão deste estudo: a morte cristã é lugar de revelação, onde o limite humano se abre à promessa divina.

A segunda etapa da pesquisa reconheceu que não existe morte sem luto. A partida de quem amamos nos fere porque o amor moldou em nós espaços que ninguém mais pode ocupar. A dor da ausência é, por isso, sinal da grandeza do vínculo. Psicologia, psicanálise e neurociência ajudaram a compreender que o luto é processo: exige tempo, ritos, linguagem, presença e cuidado. A fé cristã, nesse contexto, liberta o luto de duas armadilhas frequentes: da negação apressada, que reprime a dor e impede o crescimento; e da desesperança, que reduz a perda ao absurdo. O luto cristão não é abandono do morto, mas caminho de transformação onde as lágrimas se tornam memória e a memória se torna oração. A dor acolhida à luz da fé revela que amar não foi inútil e que, em Cristo, o vínculo permanece para além do túmulo.

Essa reflexão mostrou ainda que cada morte carrega uma gramática própria. Há lutos impossíveis de enquadrar em fórmulas pré-fixadas. O suicídio traz, muitas vezes, culpa e silêncio; a morte perinatal fere profundamente não apenas o corpo da mãe, mas sua identidade de forma ainda sem nome; a morte de um filho subverte a ordem esperada da vida; a morte súbita ou violenta rompe todas as narrativas que dávamos por seguras. Para cada uma dessas situações, a pastoral deve encontrar linguagem adequada, cuidando para que ninguém permaneça sozinho com a própria dor. A fé cristã não oferece julgamentos, mas proximidade; não impõe explicações, mas sustenta; não promete esquecer, mas esperar.

A terceira etapa da pesquisa evidenciou a centralidade da liturgia fúnebre - as exéquias - na ação pastoral da Igreja. Celebrar a morte à luz da fé é testemunhar que nenhum corpo está destinado ao abandono. A liturgia fala por meio de símbolos que precedem e ultrapassam a palavra: a água que recorda o Batismo, o círio aceso que anuncia a vitória da luz, o incenso que simboliza a oração que se eleva, o canto que dá forma à comunhão, o silêncio que acolhe o inefável. Nesses gestos, a dor encontra linguagem e o coração encontra repouso. As exéquias não são formalidade, mas evangelização: anunciam, em meio às lágrimas, que a vida não é tirada, mas transformada.

Desse horizonte litúrgico emerge outra convicção deste trabalho: o ministro das exéquias é presença sacramental de Cristo. Ele sustenta aqueles que não possuem forças para crer e traduz a esperança do Evangelho em palavras e gestos concretos. Essa missão exige prudência e liberdade pastoral, para adaptar o rito às situações reais do luto, sem diluir sua essência pascal. Nada é mais antievangélico do que submeter o coração ferido a agendas rígidas ou discursos desconectados da dor presente. A pastoral das exéquias - a pastoral da esperança - é, antes de tudo, arte da misericórdia.

Além disso, tornou-se evidente que a celebração da morte não é função apenas do ministro: é tarefa de toda a comunidade. A Igreja chora com os que choram, envolve o enlutado com cuidado, ora pelos que partiram e mantém viva a comunhão. A pandemia de Covid-19 mostrou dolorosamente o quanto a ausência de ritos agrava o sofrimento: sem despedida, sem assembleia, sem oração, a dor se torna silenciosa e corrosiva. Mesmo os pequenos gestos improvisados - velas nas janelas, nomes pronunciados ao longe, mensagens de consolo - revelaram a força comunitária da fé. Onde há comunhão, o espaço profano se converte em espaço sagrado. A Igreja só pode evangelizar se souber consolar.

Ao final deste percurso, algumas sínteses se tornam claras. Primeiro: a morte é limite humano que aponta para o eterno. Segundo: o luto é processo de reconstrução que requer tempo, cuidado e presença. Terceiro: o rito exequial é liturgia em que a Igreja transforma dor em esperança, porque Cristo transformou a morte em vida. Essa tríplice convicção revela a identidade profunda da Igreja: ela existe para acompanhar, sustentar, consolar e anunciar.

Entretanto, este trabalho não pretende ter dito a última palavra. Ao contrário, a própria realidade do morrer humano indica que sempre haverá novos desafios pastorais, novas demandas e novas perguntas a serem acolhidas. Os caminhos abertos ao longo das páginas sugerem que a pastoral da morte e do luto precisa ser cada vez mais integral, unindo a profundidade da fé e da teologia, a força do rito e a sensibilidade da psicologia. Há, ainda, um campo vasto para a elaboração de ritos específicos, para o acompanhamento prolongado das famílias enlutadas, para o diálogo com culturas que vivem a morte de outras formas, para a presença da Igreja nos espaços de maior vulnerabilidade social, onde a morte se faz mais frequente e cruel.

O trabalho realizado aqui deseja, sobretudo, motivar a continuidade da reflexão. Em cada sepultura aberta, renova-se a pergunta sobre o futuro humano; e em cada gesto litúrgico, renova-se a resposta: a vida, em Cristo, é mais forte do que a morte. A comunidade cristã é chamada a transformar cemitérios em lugares de esperança, caixões fechados em garantias de comunhão, lágrimas em memória viva, silêncios em oração.

A fé cristã não elimina a dor. Ela caminha com ela. A fé não explica o inexplicável. Ela sustenta. A fé não apaga as lágrimas. Ela as converte em luz. O rito das exéquias não nega a morte; ele proclama que a vida continua escondida em Deus, aguardando a plenitude da ressurreição. E enquanto houver corações feridos e saudades que doem, a Igreja terá missão: estar ao lado, consolar, amar, celebrar e esperar.

Por tudo isso, a reflexão aqui apresentada permanece aberta. O mistério da morte, por mais que estudado, jamais será plenamente compreendido. Mas a fé cristã permite enfrentá-lo sem desespero, reconhecendo que, além de limite, a morte é também promessa. O Cristo ressuscitado entrou na noite da morte, a venceu e deixou a porta aberta. Essa certeza é o que dá sentido à vida, ao luto e aos ritos que celebramos. Na companhia de Cristo, nenhum túmulo é ponto final: todos são portas abertas para a eternidade.

Que outros autores, outras comunidades e outras experiências continuem a trilhar esse caminho, aprofundando a compreensão e renovando a prática, para que o anúncio da esperança não se torne repetição vazia, mas experiência viva. Enquanto houver morte, haverá ressurreição como horizonte; enquanto houver lágrimas, haverá consolação como missão; enquanto houver despedidas, haverá reencontro como promessa. E, assim, a Igreja seguirá proclamando: o amor é mais forte do que a morte.

No fio silencioso da morte,
quando as palavras se recolhem
e o mundo parece ficar menor,
há um Deus que desce conosco
ao ponto mais escuro do caminho.

E ali, onde o coração teme,
o amor faz morada.
Nenhuma lágrima se perde,
nenhuma ausência fica sozinha,
nenhuma dor deixa de ser visitada
pelo passo manso do Ressuscitado.

O que chamamos fim
é apenas dobra do tempo,
porta entreaberta,
sopro que se recolhe para florescer.

No limite da vida,
Ele nos segura com a mesma ternura
com que moldou o primeiro gesto de nossos dias.
E quando a noite parece mais longa,
a fé acende uma centelha - quase imperceptível –
que basta para atravessar o vale.

Porque o amor, quando é verdadeiro,
não conhece túmulos:
muda de forma, não de fidelidade;
muda de morada, não de promessa.

Por isso, caminhamos.
Com lágrimas que são sementes,
com saudade que é ponte,

com um silêncio que se torna oração.
E, passo a passo, descobrimos
que ninguém parte sozinho,
e que a vida, em Deus, nunca se perde:
apenas volta à luz para onde sempre caminhou.

ANEXO

EXEMPLOS DE RITOS COMPOSTOS PARA EXÉQUIAS SEM CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA.

A Igreja, mãe que consola, permanece junto de seus filhos também no último adeus, envolvendo-os em oração e sustentando-os na esperança.

A diversidade dos ritos exequiais na tradição católica revela a riqueza da pastoral litúrgica diante da morte. Desde a vigília e a oração junto ao corpo até a missa exequial e o rito da última encomendação e sepultura, cada etapa procura unir a proclamação da fé pascal ao consolo dos enlutados. Além da estrutura normativa prevista pelo *Ordo Exsequiarum* (1969) e pelo Missal Romano, as conferências episcopais e a própria experiência comunitária introduziram variações que respondem às diferentes realidades culturais, pastorais e ministeriais. Assim, os ritos podem ser celebrados por presbíteros, diáconos ou ministros leigos, cada qual com fórmulas e adaptações próprias. Para ilustrar essa diversidade, apresentam-se a seguir alguns exemplos significativos de distintos ritos de exéquias, que evidenciam tanto a fidelidade à tradição como a necessária flexibilidade pastoral.

1º Exemplo:

Exéquias de um falecido por morte natural, presididas por ministro leigo.

1. Antífona:

Leitor: Crê em Deus, e ele cuidará de ti; espera nele, e dirigirá os teus caminhos; Vós que temeis o Senhor, contai com a sua misericórdia (Eccl 2, 6a.7a)

2. Saudação

Ministro: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

Ministro: O Senhor, que, pela ressurreição de seu Filho, nos fez renascer para uma esperança viva, esteja conosco.

Todos: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Ministro: Irmãos e irmãs: A morte de nosso (a) querido (a) irmão (ã) N. enche-nos de tristeza e recorda-nos como é frágil e breve a vida do homem. Mas, nesse momento de

tribulação, conforta-nos a nossa fé. Cristo vive eternamente, e o amor que Ele nos tem é mais forte do que a morte. Por isso não deve vacilar a nossa esperança. O Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação vos conforte nesta tribulação.

3. Ato Penitencial

Ministro: De coração contrito e humilde, aproximemo-nos do Deus justo e santo, para que tenha piedade de nós, pecadores.

Ministro: Tende compaixão de nós, Senhor.

Todos: **Porque somos pecadores.**

Ministro: Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.

Todos: **E dai-nos a vossa salvação.**

Ministro: Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Todos: **Amém.**

4. Oração coletiva

Ministro: Oremos... (pausa)

Pai de misericórdia e Deus de toda consolação, que nos amais com amor eterno e transformais a sombra da morte em aurora da vida, olhai para os vossos servos que sofrem essa tribulação. Sede Vós, Senhor, o nosso refúgio e conforto, para que, das trevas e luto dessa dor sejamos elevados à luz e à paz da vossa presença. Escutai a oração que vos dirigimos, em nome de vosso Filho, nosso Senhor, que morrendo e ressuscitando restaurou a vida; e fazei que, depois dessa vida mortal, possamos ir confiadamente ao seu encontro, para nos reunirmos com os nossos irmãos na vossa morada santa, onde se enxugam todas as lágrimas, e os nossos olhos verão a luz do vosso rosto. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Todos: **Amém.**

5. Liturgia da palavra

Ministro: Oremos... (pausa) Preparai, Senhor, os nossos corações para ouvir a vossa Palavra e fazei que ela seja luz nas trevas de nossos afetos desordenados, certeza da fé nos momentos de dúvidas e fonte inexaurível de consolação e de esperança. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: **Amém.**

6. Primeira Leitura

Não era possível que a morte o dominasse.

Leitura das profecias de Daniel (12,1-3)

¹Nesse tempo levantar-se-á Miguel, o grande Príncipe, que se conserva junto dos filhos do teu povo. Será um tempo de tal angústia qual jamais terá havido até aquele tempo, desde que as nações existem. Mas nesse tempo o teu povo escapará, isto é, todos os que se encontrarem inscritos no Livro. ²E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. ³Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento: e os que ensinam a muitos a justiça serão como estrelas, por toda a eternidade.

Palavra do Senhor.

Todos: Graças a Deus.

7. Salmo responsorial

SI 15(16),1-2a.5.7-8.9-10.11 (R. 1)

Ministro: Esta consolação é possível porque cremos na ressurreição. Temos uma fé comum que nos une aqui na terra, e nos conserva unidos também aos irmãos já falecidos. É esta certeza que consola e dá coragem à (referir-se a viúvo (a), filhos (as) noras/genros, netos (as) de nosso (a) irmão (ã))

Refrão: Guardai-me, ó Deus, porque em vós me refugio!

Salmista: Guardai-me, ó Deus, porque em vós me refugio! *

Digo ao Senhor: 'Somente vós sois meu Senhor;

Ó Senhor, sois minha herança e minha taça, *

meu destino está seguro em vossas mãos!

R.

Leitor: Eu bendigo o Senhor, que me aconselha, *

e até de noite me adverte o coração.

Tenho sempre o Senhor ante meus olhos, *

pois se o tenho a meu lado não vacilo.

R.

Leitor: Eis por que meu coração está em festa, †

minha alma rejubila de alegria, *

e até meu corpo no repouso está tranquilo;

pois não haveis de me deixar entregue à morte, *

nem vosso amigo conhecer a corrupção.

R.

Leitor: Vós me ensinai vosso caminho para a vida; †
junto a vós, felicidade sem limites, *
delícia eterna e alegria ao vosso lado!

R.

8. Segunda Leitura

A certeza da ressurreição.

Leitor: Leitura da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (15,20-23)

²⁰Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram. ²¹Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. ²²Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida. ²³Cada um, porém, em sua ordem: como primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião de sua vinda.

Palavra do Senhor

Todos: Graças a Deus.

9. Aclamação do Evangelho

Leitor: Aleluia, aleluia, aleluia.

Cristo é o Caminho que conduz à vida, a Verdade que ilumina, a Paz que consola.

Aleluia, aleluia, aleluia.

Ministro: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Ministro: Proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo João (14,1-6)

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: "Não se perturbe o vosso coração. Tendes fé em Deus, tende fé em mim também. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, eu vos teria dito. Vou preparar um lugar para vós, e quando eu tiver ido preparar-vos um lugar, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que onde eu estiver estejais também vós. E para onde eu vou, vós conheceis o caminho". Tomé disse a Jesus: "Senhor, nós não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?" Jesus respondeu: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim".

Palavra da Salvação

Todos: Glória a vós, Senhor.

10. Homilia

Após o Evangelho faz-se uma breve homilia. Terminada a homilia faz-se o convite para a profissão de fé.

Ministro: Professemos a nossa fé:

Creio em Deus Pai...

11. Oração dos Fiéis

Ministro: Irmãos e irmãs, unidos pela mesma fé, oremos ao Senhor pelo (a) nosso (a) irmão (ã) falecido (a) N., pela Igreja, pela paz no mundo e pela nossa salvação, dizendo com toda confiança:

Ouvi-nos Senhor.

Leitor: Pelos pastores da santa Igreja, para que sejam fiéis à graça que receberam e realizem o seu ministério em favor do povo de Deus, oremos ao Senhor:

Leitor: Pelos que governam a sociedade civil, para que promovam sempre o bem comum, a concórdia, a liberdade e a paz, oremos ao Senhor:

Leitor: Pelos que sofrem no corpo ou na alma, para que sintam sempre junto de si a presença invisível do Senhor, oremos ao Senhor:

Leitor: Pelo (a) nosso (a) irmão (ã) N., para que o Senhor o (a) livre do poder das trevas e da morte eterna, oremos ao Senhor:

Leitor: Pelo (a) nosso (a) irmão (ã) N., para que o Senhor lhe mostre a sua misericórdia e o (a) receba no reino da luz e da paz, oremos ao Senhor:

Leitor: Pelos nossos familiares e benfeitores falecidos para que o Senhor os conduza à assembleia gloriosa dos Santos, oremos ao Senhor:

Leitor: Por todos nós que participamos nesta celebração, para que a providência paterna de Deus nos assista e nos proteja pelos caminhos da vida, oremos ao Senhor:

Ministro: Senhor e redentor nosso, que morrestes e ressuscitastes para salvar a todos, fazendo-os passar da morte à vida, olhai com bondade os que choram e rezam neste momento. Não permitais que N. viva separado (a) da vossa graça, mas acolhei-o (a) no vosso reino. Isso vos pedimos, porque sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amém.

Ministro: Unidos na fé e na esperança da vida eterna, rezemos como o Senhor nos ensinou:

Pai-Nosso...

12. Encomendação e Despedida

Ministro: Oremos... (pausa)

Pai de misericórdia e Deus de toda consolação, que nos amais com amor eterno e transformais a sombra da morte em aurora da vida, olhai para os vossos servos que sofrem essa tribulação. Sede Vós, Senhor, o nosso refúgio e conforto, para que, das trevas e luto desta dor, sejamos elevados à luz e à paz da vossa presença. Escutai a oração que Vos dirigimos, em nome de Vosso Filho, nosso Senhor, que morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida; e fazei que, depois desta vida mortal, possamos ir confiadamente ao seu encontro, para nos reunirmos com os nossos irmãos na vossa morada santa, onde se enxugam todas as lágrimas e os nossos olhos verão a luz de vosso rosto. Por Cristo Nosso Senhor.

Todos: Amém.

Ministro: Entregamos à terra o corpo de nosso (a) irmão (ã) N., na esperança da sua ressurreição entre os eleitos de Deus e pedimos que seja recebido (a) na comunhão gloriosa dos Santos. O Senhor lhe abra os braços da sua misericórdia infinita, para que esse (a) nosso (a) irmão (ã), livre dos vínculos da morte, absolvido (a) de toda culpa, reconciliado (a) com o Pai, conduzido (a) aos ombros do Bom Pastor, mereça entrar na alegria que não tem fim, na companhia dos anjos e santos, na presença do Pai eterno.

Todos rezam em silêncio durante alguns instantes.

Ministro: Pelo Batismo, N. tornou-se verdadeiramente filho (a) de Deus, membro de Cristo ressuscitado e templo do Espírito Santo. A água que agora vamos aspergir sobre o seu corpo recorda-nos essa admirável graça batismal, que o (a) preparou para ser concidadão (ã) dos santos nos céus. O Senhor aumente em nós a esperança de que N., chamado (a) a ser pedra viva do templo eterno de Deus, ressuscitará gloriosamente com Cristo.

Faz-se a aspersão do corpo com água benta.

Ministro: Recebei, Senhor, o (a) vosso (a) servo (a) N., por quem derramastes o vosso sangue na cruz.

Todos: Lembrai-vos, Senhor, que somos pó da terra, que o homem é como a flor do campo.

Ministro: Reconheço as minhas faltas, mas espero na vossa misericórdia.

Todos: Lembrai-vos, Senhor, que somos pó da terra, que o homem é como a flor do campo.

Ministro: Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno.

Refrão: E brilhe para ele (a) a vossa luz.

Ministro: Feliz o que morre no Senhor, Descansa agora dos seus trabalhos, pois suas obras o acompanham.

R.

Ministro: Senhor, depois do trabalho sois o descanso, depois da morte, sois a vida.

R.

Ministro: Abri, Senhor, as portas do paraíso para que nosso (a) irmão (ã) N. entre na pátria celeste, onde não há morte, nem dor.

R.

Ministro: Descanse em paz.

Todos: Amém.

Ministro: Nosso Senhor Jesus o (a) chamou... Santos de Deus, vinde em seu auxílio; anjos do Senhor recebei na glória eterna esse (a) seu (sua) servidor (a) N.; Cristo, o Bom Pastor, vos conduza por um bom cainho até as portas do paraíso; o Senhor vos acolha para o convívio com todos os anjos e santos nos céus.

Todos: Amém.

13. Bênção Final

Ministro: Deus nos conceda o perdão dos pecados, e a todos os que morreram a paz e a luz eterna.

Todos: Amém.

Ministro: E a todos nós, crendo que Cristo ressuscitou dentre os mortos, vivamos eternamente com ele.

Todos: Amém.

Ministro: Abençoe-nos o Deus todo poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Todos: Amém.

Ministro: A certeza da ressurreição seja a nossa força e nossa alegria. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

Todos: Graças a Deus.

2º Exemplo:

Exéquias de criança neonata, presididas por ministro leigo.

1. Antífona:

Leitor: Pequena luz que brilhou na terra, agora resplandece no coração de Deus.

2. Saudação

Ministro: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: **Amém.**

Ministro: A vós, irmãos, paz e fé da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Todos: **Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

Ministro: Irmãos e irmãs: A morte de nosso (a) querido (a) irmão (ã) N. enche-nos de tristeza e recorda-nos como é frágil e breve a vida do homem. Mas, nesse momento de tribulação, conforta-nos a nossa fé. Cristo vive eternamente, e o amor que Ele nos tem é mais forte do que a morte. Por isso não deve vacilar a nossa esperança. O Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação vos conforte nesta tribulação.

3. Ato Penitencial

Ministro: De coração contrito e humilde, reconheçamo-nos todos pecadores, perdoemo-nos mutuamente do fundo do coração e imploremos a piedade do Senhor.

Ministro: Senhor, que sois o caminho que leva ao Pai, tende piedade de nós.

Todos: **Senhor, tende piedade de nós.**

Ministro: Cristo, que sois a verdade que ilumina os povos, tende misericórdia de nós.

Todos: **Cristo, tende piedade de nós.**

Ministro: Senhor, que sois a vida que renova o mundo, tende piedade de nós.

Todos: **Senhor, tende piedade de nós.**

Ministro: Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Todos: **Amém.**

4. Oração coletiva

Ministro: Oremos... (pausa)

Ó Deus, Pai de misericórdia, de vossas mãos acolhemos esta criança que, por breve tempo, brilhou entre nós como sinal da vossa bondade. Vós que a chamastes para junto de vós, recebei-a em vosso amor eterno, e concedei consolo e esperança aos seus pais, familiares e

amigos. Dai-nos crer firmemente que, em Cristo ressuscitado, a morte não é o fim, mas passagem para a vida plena. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amém.

5. Liturgia da palavra

Ministro: Oremos... (pausa) Preparai, Senhor, os nossos corações para ouvir a vossa Palavra e fazei que ela seja luz nas trevas de nossos afetos desordenados, certeza da fé nos momentos de dúvidas e fonte inexaurível de consolação e de esperança. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém.

6. Primeira Leitura

Morte do filho de Bersabeia.

Leitura do Segundo Livro de Samuel (12,15-21a)

¹⁵O Senhor feriu a criança que a mulher de Urias dera a Davi e ela caiu gravemente enferma. ¹⁶Davi implorou pelo menino: jejuou, ficou junto dele, e passou a noite prostrado no chão. ¹⁷Os dignitários da sua casa foram ter com ele para o levantarem do chão, mas recusou e não tomou alimento nenhum com eles. ¹⁸No sétimo dia, o menino morreu. Os oficiais de Davi tinham receio de lhe dar a notícia de que o menino tinha morrido. Diziam: "Quando a criança estava viva, nós lhe falamos e ele não nos ouviu. Como podemos agora dizer-lhe que a criança morreu? Ele poderá fazer algum mal!" ¹⁹Davi notou que os seus oficiais cochichavam entre si e compreendeu que a criança estava morta. Perguntou-lhes Davi: "O menino morreu?", e eles responderam: "Sim." ²⁰Então Davi se levantou do chão, lavou-se, pôs perfume e mudou as vestes. Depois entrou no santuário de Iahweh e se prostrou. Voltou para casa, mandou que lhe servissem a refeição e comeu. ²¹Disseram-lhe os seus oficiais: "Que fazes aí? Enquanto a criança estava viva, jejuaste e choraste, e agora que a criança morreu tu te levantas e te alimentas?!" ²²Ele respondeu: "Enquanto a criança vivia, jejuei e chorei, porque eu dizia: Quem sabe? Talvez Iahweh tenha piedade de mim e a criança viva. ²³Agora que o menino está morto, por que jejuarei? Poderei fazê-lo voltar? Eu, sim, irei aonde ele está, mas ele não voltará para mim." ²⁴Davi consolou Bersabeia, sua mulher.

Palavra do Senhor.

Todos: Graças a Deus.

7. Salmo responsorial

Sl 22(23) [1-4]

Ministro: Esta consolação é possível porque cremos na ressurreição. Temos uma fé comum que nos une aqui na terra, e nos conserva unidos também aos irmãos já falecidos. É esta certeza que consola e dá coragem a N. (mãe) e N. (pai) pais de N. (criança falecida) **(atente o Ministro para, se houver, referir-se nominalmente aos irmãos, avós, tios e primos de N.)**

Refrão: Na casa do Senhor habitarei pelos tempos infintos.

Salmista: ¹O Senhor é o pastor que me conduz
não me falta coisa alguma.

²Pelos prados e campinas verdejantes
ele me leva a descansar.

Para as águas repousantes me encaminha,
^{3a}e restaura as minhas forças.

(R.)

^{3b}Ele me guia no caminho mais seguro,
pela honra do seu nome.

⁴Mesmo que eu passe pelo vale tenebroso,
Nenhum mal eu temerei.

Estais comigo com bastão e com cajado,
eles me dão a segurança!

(R.)

8. Segunda Leitura

Leitor: Leitura da Primeira Carta de São João (3,1-2)

¹Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não o conheceu.

²Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é.

Palavra do Senhor

Todos: Graças a Deus.

9. Aclamação do Evangelho

Leitor: Aleluia, aleluia, aleluia.

O Senhor acolhe os pequeninos e os envolve no seu amor eterno.
Aleluia, aleluia, aleluia.

Ministro: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Ministro: Proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo Marcos (10,13-16).

¹³Traziam-Lhe crianças para que as tocassem, mas os discípulos as repreendiam. ¹⁴Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: “Deixai as crianças virem a mim. não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. ¹⁵Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele”. ¹⁶Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas.

Palavra da Salvação

Todos: Glória a vós, Senhor.

10. Homilia

Após o Evangelho faz-se uma breve homilia. Terminada a homilia faz-se o convite para a profissão de fé.

Ministro: Professemos a nossa fé:

Creio em Deus Pai...

11. Oração dos Fiéis

Ministro: Irmãos e irmãs, confiemos ao coração de Deus a nossa dor e a nossa esperança, rezando com amor filial:

Senhor, escutai a nossa prece.

Leitor: Pela criança N., que por breve tempo brilhou entre nós, para que seja envolvida pela ternura de Deus e participe da vida junto ao Pai, rezemos.

Leitor: Pelos pais de N., que sentem o vazio da ausência, para que encontrem nos braços do Senhor o consolo e a ternura. Rezemos.

Leitor: Pelos pais de N., por seus familiares e amigos, para que recebam do Senhor o consolo, a paz e a esperança de reencontrar-se um dia com seu (sua) filho (a) na casa do Pai, rezemos.

Leitor: Por esta comunidade, para que saiba acolher e sustentar com solidariedade quem chora a partida desta criança. Rezemos.

Leitor: Por todos nós que participamos nesta celebração, para que a providência paterna de Deus nos assista e nos proteja pelos caminhos da vida, oremos ao Senhor:

Ministro: Deus de amor e de ternura, confiamos em vossas mãos esta criança e todas as nossas súplicas. Sede para os seus pais e familiares fonte de consolo e esperança, e para todos nós a certeza de que nada se perde no vosso coração. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém.

Ministro: Irmãos e irmãs, a vida é como a chuva: nasce no céu, fecunda a terra e volta ao coração de Deus. Assim foi a breve existência desta criança, que agora confiamos ao Pai de misericórdia. Unidos no mesmo luto e na mesma esperança, elevemos nossa voz e rezemos a oração que Jesus nos ensinou:

Pai-Nosso...

12. Encomendação e Despedida

Ministro: Oremos... (pausa)

Irmãos e irmãs, chegou o momento de entregarmos esta criança ao Senhor. Com ternura de filhos e na confiança da fé, unamos nosso luto e nossa esperança, pedindo a Deus que a acolha em seus braços de Pai e nos conceda o consolo de sua presença.

Senhor Jesus Cristo, Redentor dos homens, acolhei em vosso Reino esta criança que, por breve tempo, iluminou a vida de seus pais e familiares. Vós que dissestes: *“Deixai vir a mim as crianças, porque delas é o Reino de Deus”*, recebei-a agora no descanso eterno, onde não há dor nem lágrimas, mas apenas vida sem fim. Confortai com vosso Espírito os que aqui choram, e fazei que todos nós, fortalecidos pela esperança, aguardemos o dia em que estaremos para sempre convosco. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos rezam em silêncio durante alguns instantes.

Versão 01 – criança não batizada

Ministro: Irmãos e irmãs, este sinal da água recorda-nos que toda a vida tem sua fonte em Deus. Embora nosso (a) pequeno (a) N. não tenha recebido o Batismo, confiamos na misericórdia infinita do Senhor, que não abandona nenhuma de suas criaturas. Ao aspergir este corpo com a água benta, proclamamos que ele (a) pertence a Deus, que é amor, e o (a) entregamos à sua ternura de Pai.

Versão 02 – criança batizada

Ministro: Irmãos e irmãs, este sinal da água recorda-nos o Batismo de nosso (a) pequeno (a) N., quando foi mergulhado (a) no amor de Cristo e tornou-se filho (a) de Deus. Hoje, ao aspergirmos seu corpo com esta água, renovamos nossa fé na promessa da vida eterna e proclamamos que ele (a) pertence a Cristo, que venceu a morte e vive para sempre. Confiamos o (a) pequenino (a) N. à ternura do Pai e à paz do Senhor.

Faz-se a aspersão do corpo com água benta.

Ministro: Vós que sois a fonte da vida, acolhei este (a) pequeno (a) em vossos braços.

Refrão: Confiamos esta criança ao vosso amor, Senhor.

Ministro: Cristo que dissestes: “Deixai vir a mim as crianças”, abri-lhe as portas do vosso Reino.

(R.)

Ministro: Espírito Consolador, enxugai as lágrimas dos seus pais.

(R.)

Ministro: Deus de misericórdia e ternura, guardai esta vida para sempre em vós.

R.

Ministro: Senhor, vós que sois Pai de misericórdia, acolhei esta criança em vosso amor eterno. Acompanhai com vosso Espírito os seus pais e familiares, para que encontrem em vós o consolo e a paz. Concedei a todos nós a graça de viver na fé e na esperança, até o dia em que nos encontraremos convosco para sempre. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém.

Ministro: Descanse em paz.

Todos: Amém.

13. Bênção Final

Ministro: O Deus da vida, que nos consola em nossa dor e nos dá esperança além da morte, esteja sempre convosco.

Todos: Amém.

Ministro: Cristo, luz dos pequeninos e descanso dos justos, acolha esta criança em seus braços de amor.

Todos: Amém.

Ministro: O Espírito Santo, fonte de ternura e fortaleza, conforte os corações que hoje choram e os encha de paz.

Todos: Amém.

Ministro: E a bênção do Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, desça sobre nós e permaneça para sempre.

Todos: Amém.

Ministro: Ide em paz, levai convosco o consolo que vem do Senhor e sede para esta família sinal de fraternidade, ternura e esperança.

Todos: Graças a Deus.

3º Exemplo:

Exéquias de um suicida.

É importante destacar que nas exéquias de uma pessoa que morreu por suicídio, a Igreja propõe que se celebre com a mesma esperança pascal, sublinhando a misericórdia de Deus e evitando qualquer tom de condenação. O *Ordo Exsequiarum* (n. 8) recomenda atenção especial às famílias, para que encontrem na liturgia consolo, ternura e esperança.

1. Antífona:

Leitor: Nas mãos de Deus está a vida de seus filhos: nenhuma sombra, nem mesmo a morte, poderá apagar a luz do seu amor.

2. Saudação

Ministro: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: **Amém.**

Ministro: A vós, irmãos, paz e fé da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Todos: **Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

Ministro: Irmãos e irmãs, reunimo-nos para confiar a Deus a vida de N. que nos deixou de forma dolorosa. Não viemos aqui para julgar, mas para rezar. Em Cristo, acreditamos que nada, nem mesmo a morte, pode separar-nos do amor de Deus (cf. Rm 8,38-39). Hoje pedimos consolo para esta família, misericórdia para N. e esperança para todos nós.

3. Ato Penitencial

Ministro: Irmãos e irmãs, reconheçamos diante de Deus a nossa fragilidade humana. Acolhidos por Cristo, que veio buscar e salvar o que estava perdido, invoquemos com confiança a sua misericórdia:

Ministro: Senhor, que viestes curar os corações aflitos e consolar os que choram, tende piedade de nós.

Todos: **Senhor, tende piedade de nós.**

Ministro: Cristo, que carregastes sobre vós as nossas dores e nos chamais ao descanso em vosso amor, tende piedade de nós.

Todos: **Cristo, tende piedade de nós.**

Ministro: Senhor, esperança dos que sofrem e força dos que vacilam, tende piedade de nós.

Todos: **Senhor, tende piedade de nós.**

Ministro: Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados, fortaleça os que aqui choram e nos conduza à vida eterna.

Todos: Amém.

4. Oração coletiva

Ministro: Oremos... (pausa)

Ó Deus, Pai de misericórdia e de ternura, em vossas mãos confiamos nosso(a) irmão(ã) N., cuja vida terminou em sofrimento. Vós conheceis os corações e sondaís os mistérios mais ocultos: acolhei-o(a) no abraço de vosso amor e fazei brilhar nele(a) a luz da ressurreição. Confortai com vosso Espírito os familiares e amigos, que choram esta perda, para que encontrem em Cristo, vosso Filho, repouso e esperança. Ele que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amém.

5. Liturgia da palavra

Ministro: Oremos... (pausa) Irmãos e irmãs, em meio à dor e às perguntas que o coração humano não consegue responder, é o Senhor quem nos fala com palavras de vida e de esperança. A Sagrada Escritura nos recorda que a misericórdia de Deus é maior do que nossas fragilidades e que nada pode nos separar do seu amor. Acolhamos com fé essa Palavra, que ilumina a nossa escuridão e nos fortalece com a certeza de que Cristo venceu a morte e vive para sempre.

Todos: Amém.

6. Primeira Leitura

Leitura do Livro das Lamentações (3,17-26)

¹⁷Excluíste a paz de minha vida, esqueci a felicidade! ¹⁸Eu disse: desfaleceu o meu vigor e minha esperança no Senhor. ¹⁹Lembra-te de minha miséria e de minha angústia: absinto e veneno! ²⁰Eu me lembro, sempre me lembro, transido dentro de mim. ²¹Eis o que recordarei a meu coração e por que eu espero: ²²Os favores de Iahweh não terminaram, suas compaixões não se esgotaram; ²³elas se renovam todas as manhãs, grande é a sua fidelidade! ²⁴Eu digo: minha porção é o Senhor! Eis por que nele espero. ²⁵O Senhor é bom para quem nele confia, para aquele que o busca. ²⁶É bom esperar em silêncio a salvação do Senhor.

Palavra do Senhor.

Todos: Graças a Deus.

7. Salmo responsorial

Sl 129 (130)

Ministro: Depois de ouvirmos a Palavra de Deus, que nos fala de esperança mesmo no sofrimento, elevemos juntos nossa súplica em forma de salmo. O salmista expressa a dor

humana, mas também a confiança no Senhor que escuta o clamor do coração atribulado. Rezemos, pois, com fé e esperança, respondendo todos:

Refrão: Se levardes em conta nossas faltas, quem haverá de subsistir?

Salmista: ¹Das profundezas clamo a vós, Senhor,

²escutai a minha voz!

Vossos ouvidos estejam bem atentos

ao clamor da minha prece!

(R.)

³Se levardes em conta nossas faltas,

quem haverá de subsistir?

⁴Mas em vós se encontra o perdão,

eu vos temo e em vós espero.

(R.)

⁵No Senhor ponho a minha esperança,

espero em sua palavra.

⁶A minh'alma espera no Senhor

mais que o vigia pela aurora.

(R.)

⁷Espere Israel pelo Senhor,

Mais que o vigia pela aurora!

Pois no Senhor se encontra toda graça

E copiosa redenção.

⁸Ele vem libertar a Israel

De toda sua culpa.

(R.)

8. Segunda Leitura

Leitor: Leitura da Carta aos Romanos (8,38-39)

³⁸Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, ³⁹nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Palavra do Senhor

Todos: Graças a Deus.

9. Aclamação do Evangelho

Leitor: Aleluia, aleluia, aleluia.

Vinde a mim todos vós que estais cansados e fatigados, e eu vos darei descanso. (Mt 11,28)

Aleluia, aleluia, aleluia.

Ministro: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Ministro: Proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo Marcos (8,28-30).

²⁸Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. ²⁹Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, ³⁰pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Palavra da Salvação

Todos: Glória a vós, Senhor.

10. Homilia

Após o Evangelho faz-se uma breve homilia. Terminada a homilia faz-se o convite para a profissão de fé.

Ministro: Professemos a nossa fé:

Creio em Deus Pai...

11. Oração dos Fiéis

Ministro: Irmãos e irmãs, o salmista nos lembra: "*Das profundezas clamo a vós, Senhor; escutai a minha voz*" (Sl 129). São Paulo nos assegura: "*Nada nos separará do amor de Cristo*" (Rm 8,39). Confiantes nessa Palavra, elevemos ao Senhor as nossas súplicas por N., por sua família e por todos os que sofrem, dizendo com fé:

Senhor, escutai a nossa prece.

Leitor: Por N., para que o Senhor, que é misericórdia, o(a) receba em sua paz, rezemos.

Leitor: Pela família e amigos, para que encontrem em Deus consolo e força, rezemos.

Leitor: Pelos que sofrem depressão ou desespero, para que sejam amparados e encontrem ajuda e esperança, rezemos.

Leitor: Por todos nós, para que aprendamos a cuidar uns dos outros na fé e na vida, rezemos.

Ministro: Ó Deus, escutai as preces que vos dirigimos com fé. Confiamos em vossas mãos a vida de N., pedimos força e consolo para sua família e amigos, e rogamos por todos os que sofrem no corpo e no espírito. Sustentai-nos com vosso Espírito de amor, para que jamais percamos a esperança e aprendamos a cuidar uns dos outros na fé. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém.

Ministro: Irmãos e irmãs, nas horas em que as palavras humanas não bastam, resta-nos a oração que o próprio Cristo pôs em nossos lábios. É com ela que entregamos a Deus nossos passos e nos unimos na confiança dos filhos que clamam:

Pai-Nosso...

12. Encomendação e Despedida

Ministro: Oremos... (pausa)

Senhor Jesus, Filho de Deus vivo, em vossas mãos entregamos nosso(a) irmão(ã) N., cuja vida terminou de forma sofrida. Vós conheceis as dores e fragilidades do coração humano: olhai com misericórdia para este vosso filho (esta vossa filha) e envolvi-o(a) em vosso amor. Confortai os que aqui choram, para que não se deixem vencer pelo desespero, mas encontrem em vós a esperança da vida que não acaba. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

Todos rezam em silêncio durante alguns instantes.

Ministro: Irmãos e irmãs, vamos aspergir este corpo com a água da bênção. A água que desce à terra vem do céu e retorna a Deus, como a vida que se entrega novamente ao Criador. Que este gesto simples, feito em silêncio e oração, nos recorde que nada se perde no amor de Deus, fonte que jamais se esgota.

Faz-se a aspersão do corpo com água benta.

Ministro: Senhor, vós sois a fonte da vida.

Todos: Em vossas mãos entregamos N.

Ministro: Vós que dissestes: “Quem tem sede, venha a mim e beba.”

Todos: Dai-lhe a paz que não tem fim.

Ministro: Enxugai as lágrimas dos que choram.

Todos: Confortai os corações aflitos.

Ministro: Em Cristo, que venceu a morte.

Todos: Renovai em nós a esperança da ressurreição.

Ministro: Ó Deus de bondade e compaixão, em vossas mãos colocamos esta vida que hoje vos confiamos. Acolhei N. na vossa misericórdia, que é maior do que toda fragilidade humana, e fazei resplandecer nele(a) a luz da vossa paz. Confortai os corações entristecidos com a esperança da ressurreição, e ajudai-nos a caminhar como irmãos e irmãs, cuidando uns dos outros com amor. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém.

Ministro: Descanse em paz.

Todos: Amém.

13. Bênção Final

Ministro: O Deus da vida, que é Pai de misericórdia e fonte de toda consolação, esteja convosco.

Todos: Amém.

Ministro: Cristo, nossa esperança, que acolhe os cansados e abatidos, seja luz e descanso para N. e força para todos nós.

Todos: Amém.

Ministro: O Espírito Santo, consolador dos corações, derrame sobre esta família e sobre todos os presentes o dom da paz.

Todos: Amém.

Ministro: E a bênção do Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, permaneça convosco para sempre.

Todos: Amém.

Ministro: Irmãos e irmãs, terminamos nossa oração de fé. Confiamos N. à misericórdia de Deus, certos de que seu amor é maior do que qualquer sombra. Agora voltamos às nossas casas trazendo a saudade, mas também a esperança da vida eterna em Cristo. Ide em paz e sede consolo uns para os outros.

Todos: Graças a Deus.

SIGLÁRIO

1Cor	Bíblia – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1Pd	Bíblia – Primeira Carta de São Pedro
1Sm	Bíblia – Primeiro Livro de Samuel
1Ts	Bíblia – Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
2Cor	Bíblia – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
2Mc	Bíblia – Segundo Livro dos Macabeus
At	Bíblia – Livro dos Atos dos Apóstolos
CEC	Catecismo da Igreja Católica – <i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i>
Cl	Bíblia – Carta de Paulo aos Colossenses
Dn	Bíblia – Livro de Daniel
Dt	Bíblia – Livro do Deuteronômio
DViv	Encíclica <i>Dominum et Vivificantem</i>
Ecl	Bíblia – Livro do Eclesiastes
Eclo	Bíblia - Livro do Eclesiástico
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelium Gaudium</i>
Gn	Bíblia - Livro do Gênesis
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
Is	Bíblia – Livro de Daniel
Jó	Bíblia - Livro de Jó
Jr	Bíblia – Livro do Profeta Jeremias
Lc	Bíblia – Evangelho de Lucas
Pv	Bíblia - Livro dos Provérbios
Rm	Bíblia – Carta de São Paulo aos Romanos
Sb	Bíblia - Livro da Sabedoria
SC	Constituição <i>Sacrossanctum Concilium</i>
Scivias	<i>Scito Vias Domini</i>
Sl	Bíblia - Livro dos Salmos
SS	Carta Encíclica <i>Spe Salvi</i>
Tb	Bíblia – Livro de Tobias

BIBLIOGRAFIA

ACTION ALLIANCE FOR SUICIDE PREVENTION. *Responding to Grief, Trauma, and Distress After a Suicide: U.S. National Guidelines*. Washington, DC: National Action Alliance for Suicide Prevention; American Foundation for Suicide Prevention, 2015. Disponível em: <https://theactionalliance.org/sites/default/files/inline-files/NationalGuidelines.pdf>

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. vol. II (Livro IX a XV). 5ª ed. Tradução: J. Dias Pereira. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Livro IX, 11,27. Coleção Patrística. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo : Paulus. 1984.

AGOSTINHO, Santo. *De cura pro mortuis gerenda*. In: Obras completas de Santo Agostinho. Trad. João Beato. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ALMEIDA, Edilene Joseli de et al. *Padrões especiais de luto em mães que perderam filhos por morte súbita*. Revista de Psicologia da IMED, vol. 3, n. 2, p. 607-616, 2011.

ALVES, Rubem. *O Retorno e terno*. Crônicas. 29ª ed. Papirus : Campinas, SP. 2013.

ALVES, Rubem. *Sobre o morrer*. Crônica publicada na *Folha de S. Paulo*, em 18 de outubro de 2011.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, F. B. *Suicídio na infância e na adolescência*. In: ANGERAMI, V. A. (Org.). *Sobre o suicídio: psicoterapia diante da autodestruição*. Belo Horizonte: Artesã, 2018.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver – e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida*. Rio de Janeiro : Sextante. 2019.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução: Luiza Ribeiro. São Paulo : Editora UNESP, 2014.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila V. de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BALTHAZAR, Hans Urs von. *Vida a partir da Morte: meditações sobre o mistério pascal*. Tradução de Ney Vasconcelos de Carvalho. Paulus : São Paulo, 2016.

BECKER, Ernest. *A negação da morte – uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva, Revisão técnica de José Luiz Meurer. 17ª edição. Editora Record – Rio de Janeiro. 2022.

BECKER, Ítala Irene Basile. *Formas de Enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas*. Revista de Arqueologia. São Paulo. disponível em <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/464/544> , acesso em 25/06/2025.

BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Spe Salvi*.

BERNANOS, Georges. *Diálogos das Carmelitas*, de Georges Bernanos (baseado na novela A última ao cadafalso, de Gertrud von Le Fort). Tradução Roberto Mallet. São Paulo – É Realizações, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2016.

BONANO, G. A. & KALTMAN, S. Toward an integrative perspective on bereavement. *Psychological Bulletin*, 1999, vol. 125, nº 6.

BOROS, Ladislau, SJ. *The Mystery of Death. Awakening to eternal life*. Comentários de Cynthia Bourgeault. New York : Monkfish Book Publishing Company, 2020.

BROWN, Norman O. *Life against death: The psychoanalytical meaning of history*. 2ª ed. Middletown, Connecticut, USA : Wesleyan University Press. 1985. Pág. 309. Tradução livre.

BURGGRAF, Jutta. *A liberdade vivida com a força da fé*. Tradução Maria do Céu Lopes. Diel : Lisboa. 2012.

CANTALAMESSA, *Morte, minha irmã*. Tradução de Pe. Flávio Cavalca de Castro, CSsR. 9ª impressão. Aparecida, SP : Santuário. 2019.

CARNAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZARI, Cláudia Camargo Arthou Sant’Anna; CUNHA, Samai Alcira. *Luto em situações de morte inesperada*. Revista Psique, v. 1, n. 2, p. 43-51, ago/dez 2016.

CASCALDI, Cristiana Jacó Monteiro. *Veredas no outono*. In: *Revés de um parto: luto materno*. Karina Okajima Fukumitsu (org.). 1ª ed. Summus : São Paulo. 2022. Pág. 71ss.

CASELLATO, Gabriela, org. *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2020. Formato: epub. Prefácio: Maria Júlia Kovács. Não paginado.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ª ed. Coedição São Paulo : Loyola; Ave-Maria; Paulinas; Paulus. Petrópolis, RJ : Vozes. 1999.

CERASOLA, Gianluca. *Fenomenologia della morte. Dai riti di passaggio alle usanze nelle diversità religiose*. E-book. Amazon Prime.

CHATEAUBRIAND, François-René. *O Gênio do Cristianismo*. Tradução Camilo Castelo Branco. Curitiba, PR : Livraria Danúbio Editora. 2020.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis, RRJ : Vozes, 2015.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. *Liturgia pelos mortos: Orientação pastoral da Comissão Nacional de Liturgia*, n.1. Petrópolis, RJ : Vozes. 1971.

DICKINSON, Emily. *Poemas escolhidos*. Edição bilingue: inglês-português. Tradução Ivo Bender. L&PM Editores : Porto Alegre, 2007.

EIZIRIK, C. L.; POLANCZYK, G. V.; EIZIRIK, M. *A morte e o morrer na contemporaneidade: aspectos psicológicos e sociais*. In: EIZIRIK, C. L. et al. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EPOPEIA DE GILGAMESH. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FERNANDES, Diogo Costa, Padre Jesuíta *Mães de ‘anjos’: o luto após a perda gestacional e o que recomenda a Igreja*. Portal IDE+ disponível em: <https://www.idemais.com.br/noticias/maes-de-anjos-o-luto-apos-a-perda-gestacional/>

FERNANDES, Márcio Luiz; ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; SANCHES, Mário Antônio. *Sofrimento e sentido: compaixão como desafio ético*. In: *O ser humano em tempos de Covid-19*. Org. PILLA, Maria Cecília B. Amorim; Sinner, Rudolf von. Curitiba, PR : PUCPRESS, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral: A ternura de Deus nas exéquias cristãs*. Vaticano, 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/> . Acesso em: 20 out. 2025.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelium Gaudium*.

FRANCISCO, Papa. Mensagem para o LVI Dia Mundial das Comunicações Sociais. Escutar com o ouvido do coração. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>

FRANCISCO DE SALES, São. *Filoteia*. Tradução Frei João José P. de Castro. Petrópolis, RJ : Vozes. 2022.

FRANCISCO DE SALES, São. *Tratado do amor de Deus*. Tradução de Irmãs Salesianas. São Paulo: Loyola, 2022.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. 1ª ed. LeBooks.

FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915)*. Covilhã: Luzofonia, 2009.

FUKUMITSU, Karina Okajima. *O vazio estéril e os fragmentos do luto gestacional*. In: *Revés de um parto: luto materno*. FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). 1ª ed. Summus : São Paulo. 2022.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo : Companhia das Letras. 2005.

GOODFELLOW B; KÖLVES K; DE LEO, D. *Contemporary Definitions of Suicidal Behavior: A Systematic Literature Review. Suicide Life Threat Behave.* 2018;49(2):488-504. <https://doi.org/10.1111/sltb.12457>

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam. Os sete sacramentos.* Coleção Vida e Liturgia da Igreja. Brasília : Edições CNBB. 2018.

GUARDINI, Romano. *Liberdade, Graça e Destino: Três capítulos da existência.* Tradução Domingos Sequeira. Brasília, DF : Academia Monergista. 2023.

GUARDINI, Romano. *O Senhor.* São Paulo: Paulus, 1965.

HERMAN, Bart, citado por WESTON, Gerald. *La vie après la mort : qu'enseigne l'Ancien Testament?* <https://www.eglisedieuvivant.org/articles/la-vie-apres-la-mort-qu'enseigne-l'ancien-testament-a276>, acesso em 29/04/2025.

HENNEZEL, Marie de. *A morte íntima: aqueles que vão morrer nos ensinam a viver.* Tradução de Olga de Sá. 2ª ed. Aparecida, SP : Ideias e Letras, 2004.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade.* 11ª ed., tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis : Vozes. 2012.

HILDEGARDA DE BINGEN, monja beneditina, santa (1098-1179). *Scito Vias Domini – Conhece os caminhos do Senhor.* Tradução Paulo Ferreira Valério. São Paulo : Paulus. 2015.

HOMERO. *Iliada.* Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

HOMERO. *Odisseia.* Tradução Odorico Mendes, Jandira, SP : Principis. 2021. Ebook.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. In: *Padres apostólicos.* Coleção Patrística. Tradução Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo : Paulus. 1995.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. *La mort.* Paris : Flammarion, 2017.

JOÃO PAULO II, São. Papa. Encíclica *Dominus et vivificantem.*

KAUR, Rup. *The Sun and Her Flowers.* Toronto: Andrews McMeel Publishing, 2017.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário.* Tradução Álvaro Luiz de Montenegro Valls. 3ª ed. 13ª reimpressão. Vozes : Petrópolis, RJ. 2013.

KROSS, E., BERMAN, M. G., MISCHER, W., et al. (2011). Social rejection shares somatosensory representations with physical pain. Disponível em <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1102693108>

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.* Tradução Paulo Menezes. 10ª ed. 7ª tiragem. Martins Fontes : São Paulo. 2022.

KUSHNER, Harold S. *Cuando a la gente Buena le pasan cosas malas*. Traducción Eduardo Roselló Toca. Vintage Español : Nueva York, 2006. Pág. 75.

LA FONTAINE, Jean. *Les fables de Jean de La Fontaine*. Livres 5-8. La Bibliothèque électronique du Québec. Collection à tous les ventes. Volume 365. *La Mort et le mourant*.

LEÃO MAGNO. Sermões. Tradução Sérgio José Schirato: Sermões sobre as Coletas I-IV; Sermões sobre a Quaresma I-XII. Benôni Lemos: Sermões sobre o Natal II-IV; Sermões da Paixão do Senhor I, VI e VII; Sermão ou Tratado contra a heresia de Êutiques. Monjas beneditinas da Abadia de Santa Maria: Sermão sobre a Transfiguração; Sermões da Ressurreição I-II; Sermões de Pentecostes I-III e a Carta a Flaviano. Seleção dos Sermões, organização, introdução, notas explicativa e subtítulos dos Sermões sobre as Coletas e Sobre a Quaresma: Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus. 1996. Coleção Patrística.

LEVI-BELZ, Yossi; KLEINBERG, Avi; CEREL, Julie. *The ripple effect: The impact of suicide on family and friends*. *Behavioral Health News*, v. 13, n. 2, 2025. Disponível em: https://behavioralhealthnews.org/the-ripple-effect-impact-of-suicide-on-family-and-friends/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 27 ago. 2025.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres*. Rio de Janeiro : Rocco, 2020.

LUBICH, Chiara. *A arte de amar*. São Paulo : Editora Cidade Nova. 2006.

LYONNARD, Jean. *L'apostolat de la souffrance, ou Les victimes volontaires pour les besoins actuels de l'Église*. Paris : Librairie V^e Poussielgue et Fis. 1866.

MANSO, Maria. In: *Revés de um parto: luto materno*. FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). Prefácio: Maria Manso. 1^a ed. Summus : São Paulo. 2022.

MARTIN-ACHARD, Robert. *Da Morte à Ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Tradução Wagner S. Cunha. Santo André, SP : Editora Academia Cristã, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. Lisboa: Paulinas, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. *Pai nosso que estais na terra. O Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes*. São Paulo : Paulinas, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Éditions Gallimar, 1945.

MICHAULT, Pierre. *La Dance aux aveugles*. Artiste inconnu, Gallica/Bibliothèque nationale de France. Vertiges éditeur, 2018.

MIRANDA, Evaristo E. de. *Agora e na hora. Ritos de passagem à eternidade*. 2^a ed. Loyola : São Paulo. 1996.

MIRANDA, Evaristo E. de. *A vida eterna: fé e esperança cristã diante da morte*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOURA, Cristina M. Dissertação para Mestrado: *Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte*. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia.

MUZA, Júlia Costa *et al.* *Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal*. *Psicol. teor. prat.* São Paulo, v. 15, n. 3, p. 34-48, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso

MUSSET, Alfred de (1810-1857). *La nuit de mai. Poésies complètes de Alfred de Musset*. Paris, Charpentier, Libraire-Éditeur, 1850. Google Livros.

NOBRE, Antônio. *Só*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1892.

O'CONNOR, Mary-Frances. *O Cérebro de luto, como a mente nos faz aprender com a dor e a perda*. Tradução Laura Folgueira. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ : Principium, 2023.

ORELLANA, JDY; RIBEIRO, MRC; BARBIERI, MA; SARAIVA, MC; CARDOSO, VC; BETTIOL, H, et al. *Mental disorders in adolescents, youth, and adults in the RPS Birth Cohort Consortium* (Ribeirão Preto, Pelotas and São Luís), Brazil. *Cad Saúde Pública*. 2020;36 (2):e00154319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00154319>

ORTIZ, Pedro. *Dicionário de hebraico e aramaico bíblicos*. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo : Loyola. 2010.

PENSO, MA; SENA, DPA de. *Young people's hopelessness and suicide as a solution*. *Soc Estado*. 2020; 35(1):61-81. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010004>

PRADO, Adélia. *Um homem habitou uma casa*. Do livro “O coração disparado”. Rio de Janeiro : Editora Record, 2013.

QUENTAL, Antero de. Soneto: *Com os mortos*. In: *Os sonetos completos de Antero de Quental*. Publicados por J. P. Oliveira Martins Autor: Antero de Quental Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro Revisão, adaptação e paginação: Carlos Pinheiro Adaptação da edição de 1886, Livraria Portuense Edição ebook: fevereiro de 2014 ISBN: 978-989-8671-46-2 Imagem da capa: Retrato de Antero de Quental (1889) de Columbano Bordalo Pinheiro (Museu do Chiado). Não paginado.

RABELO, Elizabeth Avelino. *A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22112019-114147/> Acesso em: 22 jul. 2025.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Paulo: Loyola, 2001.

REBOLLEDO, Lianna, em entrevista concedida à ACIDIGITAL intitulada: *Só Deus consola a dor pela morte de um ente querido, diz ativista*. Disponível em

<https://www.acidigital.com/noticias/so-deus-consola-a-dor-pela-morte-de-um-ente-querido-diz-ativista-11061>

ROBERTO BELARMINO, Santo. *A arte de bem morrer*. Tradução Ricardo Harada. São Paulo : Ecclesiae. 2020.

ROSA, Rosana de. *Uma luz em minha vida*. In: *Revés de um parto: luto materno*. FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). 1ª ed. Summus : São Paulo. 2022. Pág. 25-26.

RUSCONI, Carlos. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 8ª reimpressão. São Paulo : Paulus. 2024.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a morte. Pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas*. Organização Ernst Ziegler. Tradução Karina Jannini. wmfmartinsfontes : São Paulo, 2020.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo : Paulus. 1997.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

SOUZENELLE, Annick de. *Méditation sur la Mort*. Avant-Propos : Fabienne Buccelli. Paris, FR : le Relié.

SEPTUAGINTA. Editio altera/Revised Edition. Gráfica da Bíblia – Brasil. 2015.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace, OP; CARVALHO, Olavo de. *Nossos Mortos*. Tradução e prefácio Roberto Mallet. Campinas : CEDT – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico. 2024.

SILVEIRA, Messias dos Reis. *Superar a dor do luto*. 2ª ed. Paulinas : São Paulo. 2019.

SOLOMON, A. *Um crime da solidão: reflexões sobre o suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Caminhar juntos, psicologia pastoral*. Tradução Maria Pareschi Capovilla. Edições Loyola : São Paulo, 2006.

TANAH completo hebraico-português. Texto hebraico baseado no Códex de Alepo e tradução baseada no hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas. Texto em hebraico Sami Mandelbaum e Jairo Fridlin. Tradução David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo : Editora e Livraria Sêfer. 2006.

TANQUEREY, Adolphe. *A divinização do sofrimento*. Tradução Margarida Hulshof. Cultor de Livros : São Paulo, 2014.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo : Paulus. 2004.

TERRIN, Luigi. *Antropologia do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2004.

TERTULIANO. *Apologético e O Pálio*. Coleção Patrística. Tradução: Luis Carlos Lima Carpinetti. São Paulo : Paulus. 2021.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Catena Aurea. Exposição contínua sobre os Evangelhos*. VOL. 3, Evangelho de São Lucas. Campinas, SP : 2020.

TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Tradução Gabriel Pangrácio. 2ª impressão. IBC – Instituto Brasileiro de Cultura : Barueri, SP. 2023.

VENÂNCIO, Mônica. In: *O Luto neonatal*. AMP Projects. https://cangurunews-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/cangurunews.com.br/o-luto-neonatal/?amp=&gsa=1&js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFQArABIACAw%3D%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16672926626652&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fcangurunews.com.br%2Fo-luto-neonatal%2F

VIORST, Judith. *Perdas Necessárias*. Tradução Aulyde Soares. Melhoramentos : São Paulo. 6ª ed., 2021.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

YALOM Irvin D. *De frente para o sol. Como enfrentar o medo e superar o terror da morte*. Tradução Daniel Lembo Schiller. 1ª reimpressão. Agir : Rio de Janeiro. 2008.